Nora Raleigh Baskin

Tudo menos "NORMAL"



novo século®

NORA RALEIGH BASKIN

TUDO, MENOS "NORMAL"

*

novo século®

Copyright © 2009 by Nora Raleigh Baskin
Copyright © 2012 by Novo Século Editora

Produção Editorial: Mateus Duque Erthal
Diagramação: Luciana Inhan
Capa: Adriano de Souza
Tradução: Sonia Strong
Revisão: Edilson Dias de Moura
Diagramação para Ebook: Claudio Tito Braghini Junior

Texto adequado às normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Baskin, Nora Raleigh
Tudo, menos “normal” / Nora Raleigh Baskin ;
tradução Sonia Strong. -- Barueri, SP : Novo
Século Editora, 2012.

Título original: Anything but typical.

1. Autistas - Ficção 2. Ficção norte-americana I. Título.

11-13441
CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

2012
IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL
DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À NOVO SÉCULO EDITORA
NOVO SÉCULO EDITORA LTDA
CEA – Centro Empresarial Araguaia II
Alameda Araguaia 2190 – 11º Andar
Bloco A – Conjunto 1111
CEP 06455-000 – Alphaville – SP
Tel. (11) 2321-5080 – Fax (11) 2321-5099
www.novoseculo.com.br
atendimento@novoseculo.com.br
ISBN: 978-85-7679-692-3

Para Steve

Agradecimentos

*M*ais uma vez, preciso agradecer a muitas pessoas por sua ajuda e apoio ao escrever esse livro. Em primeiro lugar, gostaria de dar meu carinho e obrigada à minha editora na S&S, Alexandra Cooper, que é a combinação perfeita de inteligência e bondade, líder de torcida e treinadora.

À Robin Millay, uma de minhas mais espertas, antigas, generosas (ela compra livros para mim, sem nenhuma razão especial!) e mais encorajadoras amigas, que leu um rascunho inicial desse livro – e ainda assim me encorajou. E trabalhou comigo nisso do começo ao fim.

A Estée Klar-Wolfond, fundadora do Projeto Aceitação do Autismo, Autism Acceptance Project, que respondeu a todos os meus e-mails e então falou comigo (por um longo tempo) ao telefone, o que mudou tudo e ajudou-me a encontrar meu caminho nessa história.

A Michael Moon, atual presidente do Projeto Aceitação do Autismo (TAAP.com), que leu um rascunho "levemente posterior ao inicial" dessa história e presenteou-me com o maior dos elogios: "O livro me emocionou, pois levou-me de volta à minha infância". Vindo dele, isso significou tudo para mim.

Ao meu grupo de café da manhã "Children's authors who breakfast": obrigada a vocês dois, Tony Abbot e Elise Broach.

Ao fantástico artista James Gulliver Hancock, que "desenhou" as palavras de Jason de forma tão perfeita.

E a Lizzy Bromley, extraordinária *designer* de livros, que por acaso também foi quem descobriu James.

Capítulo um

A maioria das pessoas gosta de falar em seu próprio idioma.

Elas *realmente* preferem isso. Preferem tanto que, mesmo quando vão a um país estrangeiro, usam a própria língua, falando mais alto ou mais devagar, porque acham que assim serão compreendidas.

Porém, mais do que *falar* em seu próprio idioma, as pessoas gostam de *ouvir* coisas do jeito que as deixa mais confortáveis. Do jeito a que estão acostumadas. De um jeito com que possam se identificar mais facilmente, como se isso tornasse as coisas mais reais.

Então, tentarei contar essa história dessa forma.

E contarei essa história na primeira pessoa.

Eu, não *ele*. *Para mim*, não *para ele*. *Meu*, não *dele*.

De forma neurotípica.

Eu vou tentar...

Contar minha história no idioma deles, no *seu* idioma.

Eu sou Jason Blake.

***

E isso é o que alguém diria se olhasse para mim, mas somente pudesse ver e ouvir em seu próprio idioma:

Aquele garoto é esquisito (ele é de AEE[1.], você sabe). Ele pisca os olhos, às vezes um de cada vez, às vezes os dois ao mesmo tempo. Os olhos abrem e fecham, abrem e fecham, deixando a luz entrar, impedindo a luz de entrar. O mundo pisca, de forma intermitente.

E ele agita as mãos, como quando está animado ou
um pouco antes de dizer alguma coisa, ou ainda quando está pensando. Ele

faz isso mais frequentemente quando es-
tá no computador ou lendo um livro. Quando sua mente está focada nas palavras, ela se separa do corpo, e o corpo quase se transforma em um fardo, um peso.

Peso.

Preso.

Somente seus dedos parecem soltos enquanto esperam. Eles se agitam inquietos nas extremidades de suas mãos, nas extremidades de seus punhos. São, sim, como insetos presos em um fio, presos em uma teia. Como se talvez quisessem voar para longe.

Talvez ele também queira.

No primeiro ano escolar, colocaram uma faixa elástica, grossa e roxa, na parte inferior da carteira de Jason, de forma que ele pudesse ter algo para mexer com os pés quando precisava ficar sentado quieto. No segundo ano,- Matthew Iverson circulou um bilhetinho dizendo “Se você acha que Jason Blake é um retardado, assine aqui”, e Matthew foi mandado ao gabinete do diretor, o que apenas tornou as coisas ainda mais difíceis para Jason.

No terceiro ano, Jason recebeu um diagnóstico de TEA (Transtorno do Espectro Autista). Mas sua mãe nunca usaria esse termo. Ela prefere outras letras, e quatro ao invés de três: TANV (Transtorno de Aprendizagem Não Verbal). Ou essas letras: TGD-SOE (Transtornos Globais Não Especificados do Desenvolvimento). Quando letras são colocadas juntas, elas podem significar muitas coisas, ou podem não significar nada.

Do terceiro ano escolar até esse ano, o sexto, Jason teve uma monitora que o acompanhava na escola o dia todo. Ela pesava mais de 90 kg: Jason perguntou a ela uma vez, e ela lhe disse. Era impossível não vê-la.

Mas a coisa que as pessoas mais veem é o seu silêncio, porque alguns tipos de silêncio são, na verdade, bastante visíveis.

***

Quando escrevo, posso ser ouvido. E fazer que me conheçam.

Mas ninguém precisa olhar para mim. Ninguém precisa me ver, mesmo.

***

Nem sempre as coisas vão muito bem na escola. É sempre uma questão de tempo até que alguma coisa dê errado.

Mas hoje eu cheguei longe. Já estou na terceira aula. A Sra. Hawthorne está ausente, e então vamos à biblioteca ao invés da aula de Artes. Isso é um bom sinal. Você poderia pensar que a aula de Artes seria uma das mais fáceis, mas não é. Quero dizer, não é que seja difícil como Matemática, mas é difícil como Educação Física. Um bocado de espaço e tempo, sem organização.

Qualquer coisa pode dar errado nesse tipo de espaço.

Mas não na biblioteca. Há computadores na biblioteca. E livros. E computadores. Teclados e telas, e mesas que são construídas dentro de pequenos compartimentos, de forma que você não precisa olhar para a pessoa sentada ao seu lado. E elas não podem olhar para mim.

Quando entramos na biblioteca, alguém já está sentado no meu lugar, no meu computador. No computador que eu quero. Agora não consigo respirar. Quero me conectar ao meu site, meu Storyboard[2.]. Eu estava pensando sobre isso a caminho daqui. Já precisei esperar tanto tempo. Não sei.

– Jason, este aqui está livre – a senhora diz.

Ela põe as mãos sobre meus ombros. Eu deveria conhecer esta senhora, mas seu rosto se parece com muitos outros rostos que não conheço muito bem, e os agrupo todos juntos. Seu rosto é magro, mas os olhos são grandes, redondos. Seu cabelo não se move, como se estivesse colado em uma bola. Ela pertence à biblioteca ou à sala de recepção do meu dentista.

Mas ela está aqui agora, então vou deduzir que ela é a bibliotecária.

Sei por experiência própria que ela está tentando me ajudar, mas isso não

ajuda. Posso sentir seu peso sobre meus ombros como metal cortando meu corpo, separando-o da minha cabeça. Isso não é bom.

Também sei que ela quer que eu olhe para ela.

Neurotípicos gostam quando os olhamos nos olhos. Supõe-se que signifique que você está ouvindo, como se o oposto fosse verdade, o que não é: só por que você não está olhando para alguém, não significa que não está ouvindo o que esta pessoa diz. Posso ouvir melhor quando não sou distraído pelo rosto de uma pessoa:

O que seus olhos estão dizendo?

Isso é uma careta ou um sorriso?

Por que estão enrugando a testa ou levantando as bochechas desse jeito? O que isso significa?

Como você pode escutar todas as palavras que alguém diz quando precisa pensar sobre tudo isso?

Mas sei que terei problemas se não olhar a senhora nos olhos. Posso me forçar a isso. Viro a cabeça e olho para ela de lado.

Sei quais são as palavras certas a dizer. No ano passado, Jane, minha monitora, me ensinou.

– Estou bem do jeito que estou.

Estou bem do jeito que estou.

Ela me disse que eu teria de dizer algo nesse tipo de situação. Disse que as pessoas esperam certas coisas. Disse que as pessoas me entenderiam mal se eu não dissesse algo.

Essa é uma das muitas, muitas coisas que preciso conferir em minha mente, sempre. Além disso, tenho de me lembrar das coisas que minha TO, terapeuta ocupacional, me ensinou:

Olhe as pessoas nos olhos quando estiver falando, mesmo que isso torne mais difícil ouvi-las.

Fale, mesmo quando você não tem nada a dizer, e isso é o que

neurotípicos, os NT, fazem o tempo todo.

Tente ignorar tudo o mais à sua volta, mesmo quando aquelas coisas parecem importantes.

Se possível, mantenha sua cabeça e seu corpo em sintonia e tente de todas as formas não se mexer muito, agitar-se, rodar ou contorcer-se, mesmo que isso o faça sentir-se pior.

Não pisque.

Não estale a língua nos dentes.

Essas são as coisas de que as pessoas não gostam. Essas são as coisas que elas ouvem, mas não conseguem *ouvir*.

***

– Estou bem do jeito que estou – digo e dou um passo à frente. Quero que a bibliotecária tire as mãos dos meus ombros. O peso de suas mãos é quase insuportável, como chumbo. É como o avental de chumbo que o dentista põe quando tira um raio X, uma pedra esmagadora, enquanto o técnico conta até dez. E você não pode se mover.

Ou então eles terão de fazer tudo outra vez.

Além disso, chego para a frente porque quero ficar por perto, assim não haverá confusão sobre o fato de eu ser
o próximo na fila. A pessoa ao computador vira-se ao som da minha voz. É uma menina. A maioria das meninas tem a mesma aparência, e eu não consigo distinguir uma da outra.

Cabelos longos. Brincos. Tom de voz diferente.

Uma menina.

Não sei quem essa menina é, ou se ela já me odeia, mas é provável que sim.

A menina não diz nada, então preciso olhar para o rosto dela e entender. Seus olhos estão contraídos e seus lábios estão pressionados tão fortemente

que quase desaparecem. Reconheço que ela está infeliz ou mesmo zangada, mas não sei por quê.

– Você está respirando em cima de mim – ela diz. – Você é tão grosso!

"Grosso" pode significar grande ou referir-se a uma medida ou peso, mas nesse caso não significa isso. Significa que ela não gosta de mim. Ela, na verdade, sente repulsa por mim, que é a maneira como a maioria das meninas reage. Minha mãe diz para eu não me preocupar. Minha mãe diz que vou encontrar uma namorada um dia, como todo mundo. Encontrarei alguém que verá quão "especial" eu sou. Sei que nenhuma menina vai gostar de mim. Não importa o que eu faça, não importa o quão arduamente eu tente.

Mas talvez eu esteja errado.

Espero que sim.

Espero que eu esteja errado, e minha mãe, certa. Mas geralmente estou certo sobre essas coisas.

– Eu estava aqui primeiro, senhorita Leno – diz a menina.

Senhorita Leno é o nome da bibliotecária.

– Jason, aqui – a senhorita Leno está dizendo. – Sente-se aqui. Você pode usar este computador.

Mas eu não posso usar aquele computador. Não quero fazer isso. Não posso. Minha respiração está muito alta nos meus ouvidos. Enrijeço o corpo, solidifico meu peso, para que ela não possa me mover com as mãos. É de surpreender a velocidade com a qual as pessoas tentam mover você com as mãos quando não conseguem o que querem com palavras.

Eu gostaria que Jane estivesse aqui comigo agora, e então isso não aconteceria. Palavras nem sempre funcionam.

– Jason, fique quieto. Não há necessidade de ficar tão chateado. Há muitos outros computadores.

A senhorita Leno está tentando me tirar do lugar e finge que não está fazendo isso, como se estivesse apenas caminhando comigo, ao invés de me

empurrar, que é o que ela está fazendo.

– Jason, por favor.

Mas ela não quer dizer *por favor*. Não há *por favor* em nada do que a senhorita Leno está pedindo. Ela está me puxando.

Sinto que me desequilibro, como se fosse cair. Preciso deslocar meu peso para frente e para trás, para frente e para trás, balançar-me até me estabilizar. Sinto que minha chance de usar meu computador está se distanciando cada vez mais de mim. Nem sequer sobrou tempo suficiente nesta aula. Pode ser que eu não consiga me conectar de qualquer jeito, mesmo se essa menina se levantar. Uma centena de pequenos pedaços ameaça se desfazer.

– Jason, por favor, acalme-se. Acalme-se.

A voz da senhorita Leno soa como uma máquina de xerox.

Às vezes não há nada que possa me manter inteiro.

Capítulo dois

*H*á alguns autores que sabem das coisas, e as postam na Internet para que outros autores possam aprendê-las. Alguns deles dizem que há somente sete tramas no mundo todo:

Homem *versus* natureza.

Homem *versus* homem.

Homem *versus* meio-ambiente.

Homem *versus* máquina.

Homem *versus* o sobrenatural.

Homem *versus* ele mesmo.

Homem *versus* religião.

Poderia ser uma mulher também, mas eles simplesmente dizem “homem” a fim de tornar isso mais fácil para eles mesmos. Porque todos parecem ser capazes de entendê-lo, porque estão apenas falando em seu próprio idioma. Em um idioma NT.

Mas eu posso fazer isso também.

Quando tento.

Muito.

Significa homem ou mulher *versus* natureza.

Homem ou mulher *versus* homem ou mulher.

E assim por diante.

Outros escritores dizem que há somente três tramas: final feliz, final infeliz, e trama literária (esse é o tipo de final que é incerto). Há um livro inteiro sobre isso, chamado *Vinte Grandes Tramas*, e eu o tenho. E outro autor escreveu que achava que havia trinta e nove tramas.

Mas, na verdade, se me perguntarem, digo que há somente um tipo de

trama.

Um.

As coisas acontecem.

E é só.

***

Isso é o que acontece a seguir:

– Vamos, Maggie, levante-se. Dê a ele esse computador. Você não está fazendo nada mesmo.

Agora Aaron Miller está em pé atrás de mim. Atrás de mim, que estou atrás da menina que está usando meu computador. A senhorita Leno, atrás de nós dois, ainda está com as mãos sobre meus ombros. Se ela não tirar as mãos de mim, não sei o que vai acontecer.

Mas as coisas geralmente sempre acontecem.

Conheço Aaron Miller desde o jardim de infância, desde quando eu era igual a todo mundo. Ninguém nem me identificaria em uma multidão. Nenhum de nós era muito bom em coisa alguma naquela época, e muitas crianças faziam coisas estranhas e não sabiam o suficiente para escondê-las. Charlie Karl fez xixi nas calças sete vezes naquele ano. Chelsea Grey foi pega entrando na sala onde ficavam as lancheiras e roubando os frios de todos os sanduíches que pôde encontrar. Liza Duchamps tirava meleca do nariz e depois a comia durante as atividades em sala de aula quando formávamos uma roda. Agora essa mesma menina está se candidatando ao cargo de presidente da sexta série.

Aaron Miller era meu amigo no jardim de infância. Eu gostaria de dizer que ele ainda é meu amigo, mas por definição não posso fazê-lo. Ele não vem à minha casa há cinco anos, e não me convida para sua festa de aniversário desde o segundo ano. Tenho quase certeza de que não estou na lista dos melhores amigos de Aaron, mesmo que ele esteja na minha. Mas ele é sempre

simpático comigo, e quando me sento à sua mesa na hora do almoço, ele conversa comigo.

Ele não fica zangado quando não converso com ele como ele conversa comigo.

– De qualquer maneira, você não deveria estar jogando jogos no computador, Maggie – Aaron diz à menina. O nome da menina é Maggie.

– O que é que você tem com isso? – a menina, Maggie, pergunta. Ela para de digitar e olha para Aaron.

– Tem tudo a ver comigo, Maggie – Aaron responde. – E você está apenas sendo teimosa. E má.

– Não sou má – Maggie diz. Ela imediatamente se desconecta e fecha a janela que estava aberta na tela. Então tira os dedos do teclado e empurra a cadeira para trás. A cadeira guincha, mas não saio do caminho. Posso estar enganado sobre o que ela está fazendo.

Não estou.

– Todo seu, Jay-Man – diz Aaron.

Mas faltam somente vinte e três minutos para o fim da aula.

– Ai – fala Maggie. Mas sei que não fiz nada que pudesse tê-la machucado. Estou apenas sentando. Ela está se levantando.

Quero dizer obrigado para Aaron, mas preciso apossar-me da cadeira primeiro, caso alguém mais venha e pegue minha vez. Isso já aconteceu muitas vezes antes. E então todo esse trabalho teria sido para nada. Preciso abrir meu *website*, porque os computadores da escola são lentos e isso também leva tempo. Quanto mais cedo puder começar, mais cedo tudo terminará.

Estou me conectando.

– É muito gentil da sua parte, Maggie – ouço a senhorita Leno dizer. – Tenho certeza de que Jason está muito agradecido.

A página do site Storyboard começa a rolar na tela, pouco a pouco, de

cima para baixo. Precisei obter uma permissão especial para visitar esse *website*. Minha mãe escreveu uma carta, e até mesmo o diretor da escola, o Dr. T., precisou aprovar. E então a bibliotecária, que não era a senhorita Leno, mas a anterior a ela, desbloqueou o site para mim. A escola precisou confirmar o fato de que todos os usuários do site Storyboard têm menos de dezessete anos, e de que o site é monitorado. Há um site Storyboard para adultos. Mas é completamente separado deste aqui.

Agora tudo o que preciso fazer é digitar meu nome de usuário e senha. Mas a senhorita Leno não se afastou da maneira como deveria ter feito. Ela ainda está por perto. Geralmente, ela caminha em volta da biblioteca perguntando às crianças se precisam de ajuda, ou senta-se atrás de sua escrivaninha e examina livros. Ou, ainda, volta à sala dos fundos, e não sei o que eles fazem lá.

Mas eu gostaria que ela se fosse agora.

Vou me concentrar no meu nome de usuário e senha do site Storyboard. Faltam somente vinte e dois minutos para o final dessa aula e preciso ver se recebi uma resposta à minha última mensagem. A senhorita Leno faz um barulho áspero com a garganta, enquanto as imagens finais do meu *website* começam a aparecer na tela. Ela ainda não se afastou.

Estou tentando lembrar minha lista do que uma pessoa poderia querer, mas não diz. Algumas vezes, essa pessoa somente quer falar alguma coisa, e fica esperando que você olhe para ela antes de fazê-lo. Frequentemente é assim. Mas a senhorita Leno já estava falando um bocado sem que eu estivesse olhando para ela, então provavelmente não deve ser o caso.

Algumas vezes, as pessoas ficam por perto quando estão esperando você fazer ou falar alguma coisa, algo que eles acham que você *deveria* fazer ou dizer. Então, eles apenas esperam, como se isso fosse ajudar você a entender o que eles querem que você diga ou faça.

Não ajuda.

– E eu tenho certeza de que Jason quer dizer obrigado, não é Jason? – fala, finalmente, a senhorita Leno.

Eu quero tanto verificar a minha mensagem no *site*!

Estou agradecido pelo fato de Aaron ter me ajudado a conseguir o computador, mas agora realmente só quero ver o meu *website*, e não entendo o que a senhorita Leno quer que eu faça. Não posso dizer obrigado ao Aaron, ele não está mais aqui. Posso ouvir sua voz. Ele está do outro lado da sala, onde ficam as fichas da biblioteca, e se eu me levantar, posso perder meu computador outra vez. Ela quer que eu diga obrigado à Maggie? Maggie não quer nem que eu fale com ela. Até mesmo a senhorita Leno deve saber disso. Além disso, ela não *queria* se levantar e ceder o computador para mim. Ela simplesmente não queria que o Aaron não gostasse dela.

Tudo o que preciso é fazer o *login* e rolar a página para baixo a fim de ver minha mensagem. Se alguém me escreveu, haverá um número ao lado do meu nome. Tudo o que posso fazer é manter meus olhos na tela.

– Bem, senhor Blake. Mostrar um pouco de consideração seria muito apreciado pelos seus colegas de classe – continua a senhorita Leno. Sua voz é zangada, mas ela está se afastando.

Mostrar?

Como se *mostra* consideração? Consideração é uma emoção. É um sentimento. Não se pode fazer um retrato disso. Por que as pessoas querem que todos ajam da mesma forma que elas? Que falem como elas. Que pareçam com elas. Que ajam como elas.

E se você não fizer isso...

Se você não fizer isso, as pessoas concluem que você não *sente* da mesma forma que elas sentem.

E então elas concluem...

Elas concluem que você não sente absolutamente nada.

Capítulo três

*T*oda manhã, eu me levanto, uma palavra me vem à mente, em geral imediatamente antes do café da manhã.

Imediatamente antes do café da manhã e logo depois que escovo meus dentes. Ou então justamente quando estou escovando meus dentes. Algumas vezes sei o que a palavra significa, e algumas vezes, não sei.

Eu a digo em voz alta.

Pode ser uma palavra difícil ou uma fácil.

Essa manhã a palavra é “confluência”. Eu me observo no espelho e escuto a palavra “confluência”. Não tenho certeza do que “confluência” quer dizer. Tenho uma ideia, mas não tenho certeza. Acho que tem algo a ver com ajuntamento. “Uma confluência de ideias”. Acho que já ouvi essa expressão.

Eu a digo em voz alta.

– “Confluência”.

Estou olhando no espelho e pensando que, se eu não falasse e não me movesse, se eu mantivesse minhas mãos ao lado do meu corpo e ficasse em pé, bem ereto, me pareceria com qualquer outro garoto de doze anos. Meu cabelo é curto e escuro. Meus olhos são bem formados e de cor castanho-clara. Minha boca é normal. Meus lábios têm um formato regular. Minha pele é boa. Meus dentes são brancos. Minhas orelhas não são de abano, e sei que estão limpas, embora eu não possa vê-las. Eu as limpo todos os dias.

“Confluência”, como dois rios se encontrando.

Sou como uma folha sobre um rio, sendo levada pela água, não exatamente flutuando, nem exatamente afundando. Então, não posso parar e não posso controlar a direção que estou tomando. Posso sentir a água, mas nunca sei para onde estou indo.

Pode ser, porém, que eu me sinta com sorte nesse dia e evite os ramos e galhos que me arranham, que me puxam.

***

Meu pai diz que não existe essa coisa de sorte, nem boa, nem má.

***

Meu pai é o cara que coloca aquelas palavras que aparecem na televisão enquanto se assiste a um jogo de basquete ou de futebol americano, ou algumas vezes de beisebol. Ele se senta em um *trailer* fora do campo, ginásio ou estádio e observa tudo em uma tela enquanto digita em um computador. Ele coloca o resultado do jogo, os nomes, as estatísticas e os fatos interessantes, tudo o que o produtor diz a ele para colocar. Então, ele assiste a um bocado de esportes.

E ele diz que não existe essa coisa de sorte.

A vida é o que se faz dela, diz o meu pai.

***

Minha mãe é outra história. Isso é uma expressão, já que ela não é realmente uma "história". Ser capaz de compreender expressões abstratas como essa é um sinal de inteligência. Os testes de Q.I. estão cheios deste tipo de expressões, como "quem tem telhado de vidro não atira pedras no vizinho", ou "vintém poupado é vintém ganho". Parte do resultado no teste depende do quanto você consegue entender e interpretar esses ditados.

Muitos neurotípicos não os entendem. Mas eu sim.

Minha mãe quer me ajudar. Ela quer que eu seja feliz. E acho que minha mãe quer me consertar. Ela quer que eu seja mais como ela, mesmo que ela não pareça feliz grande parte do tempo.

E se ela não pode me consertar, pelo menos quer explicar como fiquei

assim.

Então, ela está sempre buscando uma razão. Uma razão para explicar a mim.

Poderia ser:

O mercúrio da vacina tríplice

Um cromossomo rebelde

Um gene mutante

Muita manteiga de amendoim no primeiro trimestre

Falta de oxigenação durante o parto

Pouca manteiga de amendoim (isso existe?)

Fumar durante a gravidez (mas minha mãe não fumou)

Talvez seja a poluição do ar, ou os agrotóxicos nos legumes e verduras, ou os hormônios no leite, a chuva ácida, o aquecimento global. Talvez sejam os raios emitidos pela televisão. Ou pelo forno de micro-ondas.

Ou talvez seja apenas eu.

***

Uma das duas respostas à minha história no *website* é de alguém que chama a si mesmo de Nique79, que eu imagino que seja parecido com Nick ou mesmo Nickie, mas as pessoas gostam de escrever as coisas de forma diferente na internet. Ou talvez seja porque o seu nome verdadeiro, da forma como se escreve, já não estivesse disponível.

Minha história é sobre um homem, a história que postei no *website* Storyboard na categoria Miscelânea, que é onde é permitido postar qualquer coisa que não seja *fan fiction*[3.]. Todas as minhas histórias são originais.

A maioria das postagens de *fan fiction* são continuações ou recontagens da história de outra pessoa, ou mesmo de filmes e séries de televisão, como *Harry Potter*. Ou *Star Wars*. Ou *CSI*. Ou *Piratas do Caribe*. E *The Gilmore Girls*. Mas minhas histórias são todas originais, então elas não recebem tantas

visitas.

Minha história é sobre um homem.

Escrevi uma história sobre um homem que não consegue falar porque tem um tumor gigante crescendo em sua garganta. Ele nasceu com esse tumor, mas como ninguém sabe disso, todos pensam que ele é realmente estúpido e que não tem nada a dizer. Então, ele vive sozinho na periferia de sua vila, esculpindo figuras fantásticas de madeira, como pequenos ursos fazendo malabarismo, peixinhos saltando da água e navegando pelo ar ou um pequenino beija-flor bebendo o néctar de uma flor, e então ele esculpe um menininho para si mesmo, para ser seu amigo. Mesmo que, claro, o menino de madeira tampouco possa falar.

Sei que emprestei um pouco da ideia do Pinóquio e espero que ninguém note isso. De qualquer maneira, eles não têm uma categoria para Pinóquio. Clico e abro o primeiro comentário sobre a minha história.

Nique79 escreve: *Ótima história. Continue escrevendo.*

O segundo comentário é de PhoenixBird, mas decido esperar até chegar à minha casa, para abri-lo. É como guardar para depois o último doce da sua sacola do Dia das Bruxas, o que não se deve fazer, porque ele fica duro e gruda na embalagem e, mesmo que você consiga remover todo o papel pegajoso do doce quando tentar comê-lo, isso dói, e o doce fica preso nos dentes por um longo, longo tempo.

Mas essa, na verdade, não é uma boa comparação, já que comer doce velho do Dia das Bruxas não parece nada bom.

Capítulo quatro

*N*ão há explicação para meu irmãozinho Jeremy.

Parece não haver uma palavra, rótulo ou razão para ele ser o que é.

Ele simplesmente *é*.

Ele é um “típico neurotípico”, o que quer dizer que ele nunca precisou de um monitor na escola e que, quando ele quer algo ou não quer, ninguém parece ter qualquer tipo de problema para entender o que é. E muito embora ele tenha apenas nove anos, ele é bem melhor do que eu para entender o que as pessoas querem dele.

Por outro lado, Jeremy tem medo de bananas e, desde que tinha dois anos e meio, até aproximadamente o ano passado, recusava-se a usar sandálias. Ele chutava e gritava até que seus dedos dos pés estivessem seguros dentro de um par de meias limpas e sapatos sólidos. Mas ninguém prestava muita atenção a isso. Algumas das coisas estranhas que ele faz minha mãe chama de “comportamento modelado”, que é apenas outra forma de dizer que ele aprendeu isso comigo.

Como o seu temperamento.

Além disso, algumas das coisas que Jeremy faz acabam sendo consideradas minha culpa, de alguma forma, mesmo que não tenham absolutamente nada a ver comigo.

Como, por exemplo, o fato de ele não comer nada que tenha encostado em qualquer outro alimento no seu prato. Então, minha mãe comprou esses pratos com compartimentos separados e disse que eram para mim. Mas era sempre o Jeremy que não conseguia comer uma garfada de suas batatas sem espalhá-las sobre a carne.

Não eu.

Ele fala bastante, mas isso não quer dizer nada. Muito embora falar seja mais difícil para mim do que ouvir, e muito embora também já seja difícil o suficiente que eu consiga sequer ouvir, acho que é muito mais difícil para os NTs ouvir do que falar. Isso é algo que tenho observado no decorrer dos anos.

***

Quando o Jeremy nasceu, todos tinham medo de que eu o machucasse. Minha mãe o carregava até o porão com ela quando lavava a roupa e o carregava em seu pequeno bebê-conforto até o banheiro quando tomava banho. Talvez ela pensasse que eu não notava.

Mas eu notava.

E todas as vezes que eles *realmente* me deixavam segurá-lo, alguém sempre estava ao meu lado. Minha avó, cujas mãos tremem mais do que as minhas, mantinha seu braço exatamente sob o bebê, mesmo quando eu estava sentado e eles o colocavam no meu colo.

***

Minha avó sempre grita comigo quando fala, como se ela pensasse que sou surdo, o que é exatamente o contrário. Eu escuto muito, muito bem. Minha avó cheira a produtos químicos e flores falsas. Conheço minha avó quando sinto seu cheiro. Não gosto de olhar para o rosto dela. Mas sempre consigo identificá-la. Não gosto muito dela.

***

– Você é tão bom com o seu novo irmãozinho! Vejo que você o ama muito – minha avó disse aquele dia. Ela disse cada palavra bem devagar e em voz muito alta.

Essa foi a primeira vez em que realmente entendi o que era uma mentira.

Eu mal conhecia meu novo irmãozinho. Ele não fazia nada. Eu não o amava. Ele sujava as fraldas e então cheirava mal. E ele chorava, e aí eu precisava tapar meus ouvidos com as mãos, o mais apertado que pudesse.

Eu sabia o que era “amor”.

Era como eu me sentia às vezes, quando estava com a minha mãe: de vez em quando, eu sentia somente minha cabeça, ou às vezes somente meus dedos dos pés, e eles pareciam aquecidos. E era como se eu estivesse sempre seguro com minha mãe. Eu conseguia respirar facilmente. Sabia que não amava meu novo irmãozinho.

Mas meu pai me disse que eu o amaria.

Em breve, ele disse. Em breve Jeremy seria meu melhor amigo. Ele iria querer brincar comigo mais do que com qualquer outra pessoa no mundo. Ele dividiria todos os seus brinquedos comigo e ele riria quando eu contasse uma piada. Meu pai estava me ensinando algumas piadas legais para contar.

“Em breve” significava que eu teria de esperar mais um mês até Jeremy poder sorrir, e mais dez meses pelo menos até ele ser capaz de andar. E, então, ele provavelmente me seguiria pela casa toda e iria querer fazer tudo o que eu estava fazendo.

Mas não ainda.

Tudo o que Jeremy fazia era chorar, sujar as fraldas, ocupar espaço nos braços de minha mãe e dificultar minha respiração.

Eu estava olhando a pele no topo da cabeça de Jeremy, que era visível porque ele não tinha cabelo. Havia um pequeno buraco redondo na sua cabeça que se movia para dentro e para fora. Fiquei pensando como é que ele conseguia fazer aquilo. Minha mãe disse que aquilo se chama moleira, e que todos os bebês a tem. Mas eu não tinha tanta certeza.

Ele a movia para cima e para baixo, para dentro e para fora, em um ritmo perfeito.

Talvez ele fosse ser realmente fantástico. Eu só precisava esperar.

– Não é, Jason? – agora minha avó estava falando ainda mais alto, o que eu já sabia que as pessoas faziam quando achavam que você não estava escutando. Mas eu estava escutando; eu simplesmente não tinha nada a dizer. – Você não ama esse pequeno bebezinho?

Minha mãe me disse que eu precisava responder quando aquilo acontecesse. Ela fazia um pequeno sinal com as mãos. Eu precisava dizer algo, não importa quão difícil isso fosse. Se alguém faz uma pergunta, espera-se que algo seja dito, especialmente se perguntam duas vezes. Mesmo que você ache que eles deveriam ter entendido o recado da primeira vez. Eu já havia aprendido que, se eu me concentrasse na minha boca por tempo suficiente, eu conseguiria fazer com que as palavras certas saíssem. Pelo menos uma palavra certa. Mas a maioria das pessoas não espera tempo suficiente pelas palavras certas, então abri a boca.

– Não – falei.

– Você não quis dizer isso. Claro que você ama seu irmãozinho – minha avó disse.

Eu falei de novo: – Não.

Foi aí que ela tirou meu irmãozinho do meu colo.

Capítulo cinco

– *V*ocê vai ler seus e-mails agora? – Jeremy está me perguntando.

A melhor coisa sobre o Jeremy é que nunca preciso responder a ele, pelo menos não com palavras. E nunca preciso olhar em seu rosto. Ele nem mesmo quer que eu o faça. Jeremy gosta de conversar comigo enquanto assiste TV ou lê um de seus gibis, ou ainda enquanto rói as unhas, que é o que ele está fazendo agora. Ele leva muito a sério seu hábito de roer as unhas. Minha mãe está sempre lhe dizendo para parar, então Jeremy nunca faz isso quando ela pode vê-lo. Isso é algo que eu realmente admiro em meu irmãozinho: ele é bastante astuto quando rói as unhas.

Gostaria apenas que ele fosse um pouco mais silencioso quando faz isso. O barulhinho que seus dentes fazem quando ele rói as unhas me aborrece.

Rapidamente coloco as mãos em volta da cabeça.

Eu realmente faço essas coisas sem pensar. É mais como se minhas mãos soubessem o que fazer por si mesmas. Elas sabem que isso faz minha mente se sentir melhor.

– Oh, desculpe – diz Jeremy. E ele para. Ou tenta ser mais silencioso ao fazê-lo, não tenho certeza de qual dos dois, porque mantenho meus olhos na tela. Estou esperando minha página da *web* aparecer. Não vai demorar muito, agora que estou em casa. Meu computador é mais rápido que o da biblioteca.

– Então, agora você vai entrar na *internet*?

Mas a internet não é um lugar onde você possa entrar.

Não é uma rede[4.], mas é o maior, mais complexo lugar no mundo todo. Ela abriga centenas de idiomas, milhões de palavras, bilhões e bilhões de bytes de informação a cada segundo. E, semelhante ao que entra no meu cérebro e sai da minha boca, é difícil de explicar.

Mas vou tentar, porque eu amo Jeremy. Conto a ele sobre minha história no *site* Storyboard.

– Você é o melhor escritor no mundo todo, Jason – Jeremy ainda está falando. – Aposto que cem milhões de pessoas leram sua história e você vai ser um escritor famoso quando crescer.

Jeremy sabe, porque eu disse a ele, que provavelmente poucas pessoas viram minha história desde que a postei na semana passada, e que apenas duas pessoas escreveram comentários. Mas é assim que Jeremy é. Ele não pensa muito sobre o significado das palavras que saem de sua boca. Levei muito tempo e foi preciso um bocado de observação cuidadosa para entender isso.

As pessoas não querem dizer tudo o que falam, minha mãe me disse. Minha fisioterapeuta concorda.

Então por que falam?

Por que as pessoas falam coisas que não querem dizer?

Até agora ninguém me deu uma boa resposta para essa pergunta.

Clico na minha segunda resposta, a de PhoenixBird, a que eu estava poupando até chegar em casa.

Agora estou em casa.

Sinto que poderia ter escrito sua história. É tão bonita! Tenho treino de líder de torcida, mas mal posso esperar para ver sua próxima história.

Li de novo. Algumas vezes palavras e letras podem ter significados diferentes, então é preciso ter cuidado.

– Por que você está tão quieto, Jason?

Jeremy não quer dizer *quieto*. Eu estou sempre quieto. Ele quer dizer *imóvel*. Posso sentir meu corpo sentado nessa cadeira. Posso sentir meus pés, dentro de meus sapatos, tocando o chão. Sinto minhas pernas, achatadas contra a borda da cadeira, minha cabeça e meus braços, meus dedos pousados sobre o teclado, mas sem pressioná-lo. Sinto tudo ao mesmo tempo, o que geralmente não consigo fazer. E nenhum deles está se mexendo.

Estou imóvel.

Estou completamente imóvel e sei disso.

Leio o comentário mais uma vez.

Porque algo me diz...

Algo me diz que esse recado é de uma menina. Há alguns líderes de torcida que são meninos, mas não creio que um menino fosse admitir isso.

Então acho que PhoenixBird é uma menina.

Então acho que uma menina acabou de falar alguma coisa amável para mim.

Capítulo seis

*N*o ano passado, fomos a New Jersey em nossas férias de verão.

Jeremy queria muito ir à Disneylândia, mas mesmo assim fomos a New Jersey. Uma tarde, papai e Jeremy fo-

ram até o Six Flags Great Adventure[5.], porque papai disse que era igualzinho à Disneylândia. Eu não quis ir. Não gosto de brinquedos de parques de diversão. Não gosto de luzes brilhantes. E com certeza não gosto de multidões e barulho alto.

Além do mais, o Six Flags não é nem um pouco parecido com a Disneylândia, e até mesmo o Jeremy sabe disso.

– Sinto muito, Jason – minha mãe disse após Jeremy e papai terem saído para ir ao Six Flags Great Adventure, o que foi realmente estranho, porque não havia nenhuma razão para ela "sentir muito" por mim. Eu não queria ir. A menos que ela estivesse sentindo por ela mesma, o que às vezes acontece, mas nesse caso ela nunca diria isso. Minha mãe provavelmente não queria mais ficar em nossa casa de praia jogando palavras cruzadas. Ela não é tão boa jogando palavras cruzadas quanto eu.

Talvez fosse por isso que ela sentia muito.

– Então, que tal a gente sair e ir a um restaurante especial? – minha mãe me perguntou.

Estávamos em uma casa alugada, mas tínhamos trazido algumas coisas de nossa casa: nossos próprios lençóis e travesseiros e cobertores. Claro que trouxemos nosso próprio jogo de palavras cruzadas. Mamãe também trouxe um prato, um copo e talheres para mim, então Jeremy também quis seu próprio conjunto de casa. Mamãe não queria trazer, mas papai disse que poderíamos arranjar espaço no carro. Minha mãe ficou brava com isso. Não

dava para dizer olhando para seu rosto, mas ela fechou a porta com força. Então, pode ser que ela sentisse muito por isso, também.

– E aí, que tal, Jason? Só você e eu. Como nos velhos tempos – minha mãe disse.

– Como nos velhos tempos – eu disse.

Às vezes era fácil simplesmente dizer as últimas palavras que eu tinha escutado, quando sabia que ela queria que eu dissesse algo. Eu sabia que minha mãe queria algo de mim.

Eu sabia todas as vezes, eu sempre sabia, mas não havia nada que eu pudesse fazer. Então, algumas vezes ela chorava. Algumas vezes ela cerrava os punhos bem apertados, fechava os olhos com força, e era aí que eu podia olhar para ela. O rosto da minha mãe é muito bonito, como colinas de maciez, com cuidadosos caracóis de cabelinhos, lábios que se movem, dentes brancos.

***

Fomos ao restaurante Channel Marker, somente eu e minha mãe, exatamente como nos velhos tempos. Minha mãe pediu uma mesa no corredor mais distante, como sempre fazemos, mas havia uma espera. Tínhamos de esperar, e esperar é como estar preso.

Preso. Peso.

– Podemos esperar, não podemos, Jason? – minha mãe perguntou. – Relaxe o rosto, Jason. Pegue seu livro.

Sentamos em um banco duro de madeira e comecei a ler.

– Relaxe o rosto, Jason – minha mãe repetiu. Ela colocou dois dedos na parte lateral da minha cabeça, e continuávamos esperando. Eu lia meu livro, que minha mãe sempre traz para mim.

– Jason, preciso ir ao banheiro. Eu já volto. Fique aqui, *ok*, Jason? Só fique aqui, eu já volto.

Balancei a cabeça de novo. Mantive os olhos no meu livro, muito embora fosse difícil me concentrar.

O restaurante era barulhento. Toda vez que a porta se abria, eu podia ouvir os carros passando na rua. Ouvia um cachorro latir lá fora, e ouvia o chão de madeira ranger quando alguém andava em direção à porta da cozinha.

Minha terapeuta ocupacional estava tentando me ensinar a bloquear todos esses sons. Ela me ensinou a ouvi-los um por um, e então a mandá-los embora.

Ouça-os. Segure-os. E liberte-os.

Até que, finalmente, tudo o que eu via eram as palavras na página do livro, e tudo o que ouvia era minha própria respiração. E eu sabia que estava calmo.

Eu podia esperar.

Continuei a ler. Sabia que estava calmo e estava orgulhoso de mim mesmo. Minha mãe voltaria do banheiro, e eu não estaria piscando, ou mexendo as mãos ou me balançando. Eu estaria lendo, e ninguém veria nada de diferente em mim. Ninguém precisaria sequer me ver.

Ouvi dois pares de pés chegarem perto. E então, vozes de meninas.

– Pergunte a ele. Vamos, pergunte a ele.

– Não. Pergunte você.

Mantive minha cabeça baixa, mas deixei meus olhos se desviarem do livro para os sapatos. Os sapatos das meninas no chão. Duas meninas. E então uma mão. A mão de uma menina.

Ela acenou para mim.

Para mim?

Eu pude olhar para cima, e então para baixo novamente. Era uma menina, os cantos de sua boca virados para cima, seus dentes aparecendo. Seus olhos se dirigiam diretamente a mim. Eu não tinha certeza do que estava tentando

dizer, mas sabia que ela queria alguma coisa.

Eu a conhecia?

Era alguém que eu deveria conhecer?

Algumas vezes tenho dificuldade em reconhecer pessoas que supostamente eu já deveria conhecer. É especialmente difícil se não há nada que eu possa usar como dica, como algum tipo especial de cabelo, muito longo, muito liso ou muito preto, em combinação com outra alguma outra coisa, como uma barba, óculos ou alguém muito gordo, ou mesmo com aparelho nos dentes. Ou como onde essa pessoa está quando eu a vejo, como o consultório do médico ou o posto de gasolina ou a biblioteca.

Algumas vezes a voz de uma pessoa, um chapéu que ela sempre usa, as outras pessoas com quem ela sempre está ou seu perfume podem ajudar também.

Eu gostaria que minha mãe voltasse. Ela saberia quem são essas meninas. Ela falaria com elas. Olhei para a direção que ela tomou. Havia tantas pessoas, tantas pernas, tanto barulho.

O que devo fazer?

– Você acha que ele é bonitinho, você pergunta a ele.

– Katie!

– Ele não me ouviu. Pergunte a ele.

Eu as ouvi, *sim*. Eu as ouvi, e então entendi. Só que já era tarde demais. Tentei pensar em tudo o que eu deveria fazer nessa situação. Mas já era tarde demais. O botão da minha calça jeans estava me cutucando na barriga, e o colarinho da minha camisa estava arranhando meu pescoço. As luzes do teto estavam irritando meus olhos, e havia um cheiro horrível vindo de uma travessa que passou por mim.

Eu sabia.

A menina estava acenando para mim, pensei. *Ela quer ser minha amiga. Ela acha que sou bonitinho.*

Bonitinho. Ninguém nunca havia me chamado de bonitinho antes, além da minha mãe. Ninguém. Agora eu sabia o que significava.

Mas já era tarde demais.

– Por que ele está fazendo aquilo?

Fazendo o quê? O que eu estava fazendo? Sei o que estou fazendo. Posso sentir, mas não posso parar. É tarde demais.

– Eca, Katie. Olhe.

– Ele está sorrindo para você?

– Eca, não. É só a cara dele. Vamos.

Elas se levantaram. Os sapatos das meninas e as vozes das meninas. As vozes eram sussurros agora, mas sussurros altos. Eu ainda podia ouvi-las. Os sapatos estavam se movendo para longe.

– Eca, nojento. Ele é tão esquisito... Mexa-se, Katie. Vamos, ande mais rápido!

***

Alguns dias depois, pensei no que tinha acontecido, no que isso significava e no que significaria para mim para sempre.

Pensei, então, que minha mãe estava errada sobre mim e meninas, sobre crescer e ter uma vida normal.

Sobre encontrar alguém que pense que sou *especial*.

Sobre ter uma namorada.

***

Até agora.

Até eu receber um e-mail de PhoenixBird.

Que é definitivamente uma menina.

Capítulo sete

*P*hoenixBird escreveu uma história e me pediu que a lesse antes de postá-la. Eu a leio, mas não respondo imediatamente. Sei que não é possível para ela saber se recebi seu e-mail ou se li sua história. Não há maneira de verificar se alguém entrou ou não nesse *website*. Talvez ela pense que saí de férias, que esteja sem acesso à internet, ou que faltou luz. Há muitas razões para uma pessoa não ter entrado no seu *website* favorito. Poderia ser qualquer coisa.

Isso me faz sentir um pouco como se estivesse mentindo, mas preciso de mais tempo.

A história de PhoenixBird se passa no futuro, mas não é de ficção científica. É algo diferente.

Há basicamente dois tipos de ficção: literária e de gênero. Ficção científica seria um tipo de ficção de gênero, mas há muitos outros tipos, como mistério, faroeste, policial, fantasia. E histórias de amor.

Pelo gênero é que se sabe, mais ou menos, o que vai acontecer em um tipo específico de livro. Em um livro policial, por exemplo, descobre-se quem é o bandido, que pode ou não ser preso no final. Em um livro de mistério, quer-se que o mistério seja resolvido. No livro de fantasia, precisa existir mágica, talvez até vampiros ou lobisomens.

Nas histórias de amor, é assim:

Rapaz conquista moça.

Rapaz perde moça.

Rapaz conquista moça de novo.

Fim.

Não pode ser de outro jeito.

A história de PhoenixBird não parece se encaixar em nenhuma dessas categorias. É sobre um mundo onde cada pessoa vive em seu próprio apartamento – todos, cada homem e mulher e até mesmo as crianças. As crianças parecem vir ao mundo já bastante autossuficientes: elas podem andar e falar e tomar conta delas mesmas. Isso poupa um bocado de tempo e dinheiro.

Não é que as pessoas sejam todas iguais nesse mundo, mas elas têm igualdade. Ninguém depende de mais ninguém, nem precisa do auxílio ou da proteção de outras pessoas.

Na história de PhoenixBird, todos têm comida e roupas. Ninguém passa frio, fome, nem fica desabrigado. Todas as doenças foram curadas. As pessoas nunca ficam doentes, e nunca precisam de um médico. Ninguém precisa de ajuda para fazer nada. E ela não escreve isso, mas imagino que ninguém se sinta excluído, porque ninguém *é* excluído.

Na história, o mundo é perfeito: ninguém precisa de ninguém.

***

Adjudicar.

Essa é a palavra que me veio à cabeça esta manhã. Acho que sei o que quer dizer, ou posso deduzir seu significado. Geralmente, é possível chegar ao que significa uma palavra pelo seu lugar em uma frase ou dividindo-a em partes. Vejo, por exemplo, a palavra “julgar” em “adjudicar”.

“Adjudicar”.

Observo minha boca no espelho.

Fico pensando se estou pronunciando a palavra corretamente.

Não sei de onde ela veio, mas vou carregá-la comigo hoje.

É sábado, e meus pais vão sair hoje à noite.

***

– Os *nuggets* de frango já estão na assadeira, Suzy – minha mãe diz.

Sei que Suzy já tinha visto os nuggets de frango em cima do fogão. Eu a observei acender o forno a 180 graus, então ela sabia.

– Deixe o forno aceso por alguns minutos antes de colocá-los para assar – minha mãe continua. Ela está de batom e alisou seu cabelo cacheado. Na primeira vez em que ela fez isso, chorei. Corri para ela e tentei arrancar o cabelo de sua cabeça. Não se parecia com ela, então fiquei com medo. Agora estou acostumado com isso, apesar de parecer que ela está usando uma peruca.

– Jeremy precisa estar na cama às nove horas. Ele tem que escovar os dentes e pode ler um livro, se quiser. Depois, é hora de dormir – minha mãe está dizendo. Então ela se vira para mim.

Minha mãe costumava me colocar na cama todas as noites. Ela ficava deitada ao meu lado sob as cobertas e me contava uma história. Ficava deitada comigo até que eu dormisse. Eu podia sentir o cheiro do seu cabelo e sentir o calor que emanava de seu corpo. *Relaxe os braços,* minha mãe dizia. *Deixe suas mãos imóveis. Relaxe seu rosto. Relaxe seus pés*. Uma parte do corpo de cada vez, e eu fechava meus olhos e sabia que ela não ia me deixar, assim eu podia adormecer.

Mas então ela disse que eu não tinha mais idade para isso. Precisava ir para a cama sozinho.

– Jason pode... – ela não terminou a frase.

– Ficaremos bem, senhora Blake – disse Suzy. – Vocês dois vão andando, já é tarde.

– Jason pode cuidar dele mesmo agora – minha mãe continuou. Meu pai está parado na porta. Ele está vestido com o casaco, o que significa que está pronto para sair. Suas mãos estão nos bolsos e posso ouvir as chaves do carro tilintando, o que quer dizer que ele está preocupado em chegar atrasado.

– Estou aqui para ajudar, Sra. Blake. Jason e eu nos conhecemos há muito

tempo – Suzy diz. Ela leva meus pais até a porta e se despede deles acenando as mãos.

Suzy nunca fez com que eu me sentisse estúpido. Nunca parece ficar incomodada perto de mim. Ela tem sido nossa babá desde que eu era muito pequeno, exatamente quando Jeremy nasceu. Seus filhos estão todos crescidos, ela me disse. Quando Suzy fala, ela mexe um bocado as mãos. Posso olhar para suas mãos e elas dizem mais do que suas palavras.

Agora mesmo as mãos de Suzy estão dizendo: Gosto de Jason.

Ainda assim, quando minha mãe e meu pai vão em direção à porta, meu cérebro começa a zumbir. Ele preenche e suspende meu corpo. Quando era pequeno, acho que acreditava que ele realmente suspendia meu corpo, ou pelo menos eu não sabia que ele *não tinha* feito isso. Agora eu sei. Quero me esticar e tocar minha cabeça, porque muito embora meu cérebro saiba que minha cabeça ainda está ligada a ele, meu corpo parou de acreditar em mim.

Tenho de me lembrar que estou respirando. Para dentro e para fora. Ouvir o som que a respiração faz em meu nariz e meus ouvidos. Meu peito ergue-se com o som. Espera-se que eu note isso. Espera-se que isso ajude a reconectar minha cabeça com meu corpo antes que minhas mãos possam voar para longe. Minha mãe não gosta quando minhas mãos voam para longe.

Mantenho meus olhos longe da porta e de minha mãe e meu pai, e do sentimento que vou experimentar quando eles saírem. Suzy me disse que é saudade de casa, muito embora eu esteja em casa. Suzy me diz que isso significa que amo muito meus pais e não quero que eles partam.

Preciso respirar.

Meu pai vem até mim e beija o topo de minha cabeça. “Divirta-se com a Suzy,” diz o meu pai. “Estaremos em casa antes que você perceba.”

Sei o que ele quer dizer com isso. Ele não quer que eu fique com medo.

Meu pai cheira à água de colônia que comprei para ele no Dia dos Pais no ano passado. Isso faz com que eu me sinta bem, como se estivéssemos

conectados. Tento diminuir o ritmo da minha respiração. Posso sentir o peso de sua cabeça no topo da minha quando ele me beija, então, muito embora eu não o veja caminhar de volta em direção à porta, ainda posso senti-lo, e estamos conectados.

Ouço a porta se abrir.

– Tchau, Jason. Comporte-se – minha mãe está dizendo. Escuto Jeremy correr até a porta.

– Tchau, Mamãe. Tchau, Papai – diz Jeremy. A voz dele soa abafada, porque ele provavelmente está com o rosto enfiado no casaco do papai. Não sei como ele pode fazer isso. Isso torna mais difícil respirar.

– Amo vocês – ele fala.

A música na televisão. O fazedor de gelo do refrigerador se desliga. As chaves de papai ficam mais altas. A voz de Jeremy. Ele está chateado com alguma coisa. Algo sobre biscoitos. Os sons lá de fora. Um carro. A porta deve estar aberta.

Tenho de respirar. Sei que eles voltarão, porque estou respirando.

Se a história de PhoenixBird fosse real, estou pensando, *eu viveria sozinho e não poderia ficar com saudade de casa*. Isso seria bom. Minha cabeça não estaria zumbindo. Eu poderia respirar mais facilmente.

Sei que mamãe se preocupa que não serei capaz de viver sozinho. *Agora não*, ela diz, *mas algum dia*, ela diz, *algum dia você vai desejar viver sozinho*. Mas eu não desejo isso. Seria tão bom se a história de PhoenixBird fosse real. Se eu vivesse na história dela.

Mas não seria bom, porque eu amo minha mãe e meu pai e é por isso que tenho saudade de casa mesmo quando estou em casa.

Se eu vivesse na história, não precisaria da minha mãe. Não teria saudade de casa quando ela sai. E ela seria feliz.

–Eu sei. Eu sei, Carl.

É a voz da minha mãe, que está do lado de fora da porta e a porta ainda

está aberta. Ela não está feliz agora. Ela quer que eu me comporte como o Jeremy, quando ele está com saudade de casa. Ele corre até lá e sufoca seu rosto, mas eu não poderia respirar se fizesse isso. É isso que ela quer. Eu sei.

Mas eu não seria capaz de respirar.

Um carro passa. Os sapatos de mamãe estão nos degraus de madeira e agora no calçamento. Meu pai tosse.

– Pare com isso, Liz. Jason ama muito você. Você sabe que ele ama – papai diz. A mão dele está sobre a maçaneta de metal.

A porta se fecha.

Mas se morássemos na história de PhoenixBird, mamãe não estaria tão triste.

***

Sei que PhoenixBird está esperando para ouvir o que penso de sua história, mas estou com receio. Quando eu era pequeno, costumava pensar que havia realmente alguém me observando enquanto eu digitava no computador, porque ele respondia tão rápido! Ou que alguém estava realmente dentro dele. A primeira vez que recebi uma mensagem instantânea, corri até a janela para ver quem estava lá, alguém que podia saber que eu estava no computador.

Quem podia saber o que eu estava fazendo?

E muito embora agora eu saiba que isso não é verdade, uma parte de mim ainda se preocupa. Ainda me preocupo que haja alguém lá. Que se eu digitar em meu computador, se eu responder a PhoenixBird, ela será capaz de me ver.

Hoje à noite respondo à PhoenixBird.

Tenho alguns comentários a fazer. Havia alguns pequenos erros e uma parte que achei que ela podia “mostrar mais” e não apenas “contar”. Digo a ela que era como assistir a um programa de televisão e você não ia querer

uma tela vazia com um narrador contando a história. Como aquele longo e entediante começo de *Star Wars* com todas as palavras se movendo na tela. Você quer ver imagens.

É realmente bom, PhoenixBird, escrevo em minha mensagem para ela.

Digo a ela que mal posso esperar para ler o final.

Capítulo oito

*A*ntes de ir para a cama, posso usar uma hora do computador. Tenho apenas sete minutos sobrando hoje à noite.

– Bem, volto aqui para dizer boa noite – diz Suzy. Ela para na porta. – Você é mesmo muito bom nesse computador, não é?

Olho para o teto do meu quarto, onde papai gravou letras em estêncil, o alfabeto inteiro.

***

Papai pintou o meu teto quando eu tinha quatro anos, quando comecei a soletrar as palavras. Eu podia soletrar qualquer coisa, qualquer coisa que eu visse em um frasco de xampu, uma placa de estrada, uma sacola de compras. No início mamãe e papai pensaram que eu estava apenas copiando as letras. Então eles pensaram que era ótimo que eu pudesse colocar minhas letras em linha reta. Até que perceberam que eu podia soletrar qualquer coisa, não apenas copiar. Qualquer coisa que eu tivesse visto, pelo menos uma vez. Eles pensavam que eu era algum tipo de gênio.

E eles contaram isso a quem quer que desse ouvidos a eles.

Pelo menos minha mãe fez isso.

Eu estava apenas no maternal, mas sabia o que estava acontecendo.

Era a velha prática da propaganda enganosa.

– Não, ele não é surdo. Olhe, veja como ele consegue escrever as letras. Jason consegue escrever o nome dele e todos os nossos nomes, qualquer coisa. E ele tem apenas quatro anos de idade. *Acabou* de fazer quatro anos.

Eu tinha uma lousa plástica azul com uma caneta magnética, que podia ser apagada ao ser levantada acima da cabeça e chacoalhada.

– Claro que ele fala quando quer. *E* sabe soletrar.

McDonald´s

Target[6.]

Fechado

Serviço Postal dos Estados Unidos

Kitchenaid

Volkswagen

Loja de Eletrodomésticos Aitoro

– Por que ele está escrevendo todas essas palavras sem sentido? – minha avó disse, aparentemente não conseguindo apreender minha genialidade.

– Bem, qualquer um pode falar – minha mãe contrapôs. – Escute só o garoto do Bob. Ele simplesmente não cala a boca, não é?

Bobby é o irmão da minha mãe, Tio Bobby, e seu "garoto" chama-se Seth Zimmerman.

Meu pai é bastante quieto também. Ele fala, mas na maior parte do tempo ouve. Mas naquele dia me lembrei exatamente do que ele disse à minha avó. E à minha mãe.

– Não são sem sentido para o Jason – papai falou.

– O quê? O que não são sem sentido? – O rosto de mamãe ficou vermelho e seus olhos molhados, muito embora ela não estivesse chorando. Ela estava magoada, até eu podia ver isso.

– Eu nunca disse... – minha avó começou, mas meu pai a interrompeu.

– As palavras. *E* as letras. Só por que você não entende o significado delas, não significa que elas não tenham um.

Naquela tarde meu pai fez o teto falar.

***

– Oh, puxa – diz Suzy. – Como é que nunca notei isso antes?

Consigo deduzir pelo som que o pescoço de Suzy deve estar virado todo

para trás, a voz dela virada com o pescoço. Ela está olhando para cima também. Ela não está totalmente dentro do meu quarto, mas está próxima. Quando olhei para cima, ela olhou para cima.

As letras do alfabeto não se movem, mas se eu olhar fixamente para elas, algumas ficarão embaçadas e outras se moverão para frente, algumas ficam mais escuras e outras mais claras, tons de azul e vermelho e amarelo. Tento soletrar palavras, mantendo as letras na minha mente e imaginando seu significado. Ou posso apenas olhar para suas formas, como se não tivessem som próprio. Apenas arcos e curvas e linhas retas, muito retas, que nunca se tocarão, mas continuarão até o infinito.

Algumas das letras parecem pertencer à mesma família, altas e magras, e seus filhos, as letras minúsculas, se parecem exatamente com elas. Como *M*, *N* e *T*. Outras têm filhos que não se parecem com os pais. Como se viessem de uma sequência de DNA totalmente diferente. De forma que você pode colocar mãe e filho juntos, lado a lado, e eles não se parecem em absoluto. Como *E*, *A* e *D*.

O *D* maiúsculo e o *d* minúsculo têm a face voltada para direções opostas. Eles não podem nem mesmo olhar um para o outro. Mas são aparentados. Fazem o mesmo som.

São uma família.

Parte da grande família do alfabeto da língua inglesa é de letras que têm ressonância para formar palavras que soam diferente em bocas diferentes e que têm diferentes significados para pessoas diferentes. As pessoas até brigam por causa de palavras, e frases, sobre discursos e livros e cartas.

As pessoas dizem e*u não falei isso*. Ou *não quis dizer isso*. E a outra pessoa diz *sim, você disse. Eu ouvi*.

Você me insultou.

Ele disse que ia fazer isso. Ou aquilo. Mas não fez.

Use suas palavras. Use suas palavras.

Elas precisam ser ditas em voz alta?

Eu lhe disse para não fazer isso novamente.

Mas eu fiz. E agora estou encrencado.

Porque eu mandei.

E então lá estão elas, todas as vinte e seis letras, mas quarenta e quatro sons chamados fonemas. Se você olhar de perto, há ditongos e sons como *schwa*[7]. Vogais, longas e curtas. E consoantes, fortes e fracas. Algumas pessoas falam com sotaque, então você soletraria exatamente a mesma palavra de forma diferente, se você a soletrasse como ela soa.

Como soa para você.

Ou como você faz soar.

Há dígrafos em que duas letras formam um som totalmente novo, como *th* e *ch* e *sh*.

Como em *shush... Shush*[8], *estou olhando para as letras no meu teto*.

– Apronte-se para desligar seu computador, OK, Jason? E vá dormir – Suzy diz.

Descanso minhas mãos no meu colo. Elas estão cansadas. E quando eu me deitar na minha cama, vou parar de me balançar. É tarde.

Quero dizer boa noite a Suzy. Quero dizer a ela obrigado por me deixar respirar.

Quero que as letras formem palavras em minha boca, mas elas ficam no teto.

– Eu sei, Jason – ela diz. – É tarde, mas fico feliz em ter visto você.

***

Então, quando estou pronto para desligar, PhoenixBird me escreve de volta imediatamente.

Ela deve estar sentada no computador também. Exatamente nesse minuto, em algum lugar. Ela poderia morar no Alasca ou aqui mesmo em

Connecticut. Mas de qualquer forma ela não pode me ver.

Ela diz que a sua história é um trabalho de escola e que realmente precisa aumentar a sua nota em linguagem artística.

Obrigada pela ajuda. Já fiz as correções e acho que está muito melhor. Espero receber uma boa nota. É um trabalho de linguagem artística e preciso de uma boa nota. Meus pais estão meio que pegando no meu pé recentemente. Então, obrigada!

***

PhoenixBird está preocupada com a escola.

Exatamente como eu.

***

Por volta do segundo ano, a maioria das crianças já havia alcançado as minhas habilidades com o alfabeto e para soletrar. Eu não era mais um grande gênio e, já no terceiro ano, estava atrasado em quase tudo o mais: habilidades verbais, desempenho social, capacidade física, e comportamento apropriado à idade. (Eu não era muito bom em controlar meu temperamento, mas estou melhor agora.)

Os professores começaram a pressionar minha mãe para que eu fosse testado.

Um ano depois, as únicas letras com as quais as pessoas se importavam eram TEA, TANV e talvez DDA[9.] ou TDHA[10.], as quais eu acho que minha mãe teria preferido.

MSPV.

Mais sorte na próxima vez.

Acabei de inventar isso.

***

Talvez a “próxima vez” tenha sido meu irmão, Jeremy.

Capítulo nove

*D*etesto a aula de artes.

Porque é barulhenta demais.

E porque Aaron Miller não está em minha aula de artes, mas Eric Doyle está. Eric Doyle não se parece nada com Matthew Iverson do segundo ano. Nem seu cabelo, ou seus óculos, ou sua voz – porque Eric Doyle não consegue fazer o som do *R* – mas por alguma razão continuo a confundir os dois em minha mente.

Também detesto a aula de artes porque não gosto muito da Sra. Hawthorne, porque a Sra. Hawthorne não gosta de mim. Ela começou a não gostar de mim na semana passada, quando quebrei sua roda de oleiro. Mas não sei se ela gostava muito de mim antes disso acontecer.

Não quebrei sua a roda de oleiro de propósito, mas isso não significa que foi um acidente, porque eu estava zangado quando aconteceu. Se eu não estivesse zangado com a Sra. Hawthorne, provavelmente não teria empurrado a roda de oleiro por acidente. Eu queria empurrar a Sra. Hawthorne, mas sabia que não podia fazer isso. Estava me controlando, como a minha monitora exclusiva, Jane, sempre me disse para fazer, mas Jane não estava mais comigo. E, além disso, eu não sabia que a roda de oleiro iria cair.

– Por que você fez isso? – a Sra. Hawthorne disse.

– Porque estou bravo com você – eu respondi a ela.

A roda de oleiro estava acoplada a uma cadeira e você precisava sentar nela e colocar a sua porção de argila úmida na roda, e então a professora apertava o botão de ligar e a roda girava. Há algumas rodas de oleiro que você precisa girar com seu próprio pé, mas essa era elétrica.

Agora ela estava quebrada em três pedaços: a cadeira, a roda que ainda

estava girando vagarosamente e o resto da estrutura de metal. Havia também argila úmida espalhada no chão da sala de artes, e todos estavam parados olhando.

Acho que a Sra. Hawthorne nem estava assim tão zangada. Eu podia ouvir sua voz, alta, mas seu corpo estava imóvel. E eu sabia que não devia quebrar coisas. Se isso significasse que eu iria precisar de uma monitora exclusiva novamente, isso deixaria minha mãe muito triste.

Eu estava arrependido.

De quando havia quebrado coisas em casa: o vitral colorido que ficava na porta da frente, o cesto de roupa de vime, o porta-retrato, o controle do videogame. Quando ninguém podia me ouvir. Ninguém podia entender. Me sentia mal quando não havia palavras na minha mente, então os pensamentos se acumulavam dentro de mim e não tinham para onde ir.

Aliás, o que havia me deixado tão bravo com a Sra. Hawthorne? Eu já não conseguia me lembrar.

A energia que havia deixado meu corpo e extravasado em outra coisa havia finalmente acabado, parado e quebrado. O barulho despedaçou meus ouvidos como uma faixa elástica que tivesse sido removida do meu cérebro e então estava acabado.

Mas nunca acaba de verdade.

As coisas param por algum tempo. Todos pararam, e estava silencioso. Todos estavam apenas olhando para a bagunça.

Havia a argila no chão, caída no formato de um cachorro, um cachorro adormecido. Um grande cachorro adormecido.

Que som faz o cachorro?

Eu realmente fiz um som de latido?

Eu não me lembro, mas de repente todos começaram a rir, como uma explosão na sala. Todos em volta de mim, e foi aí que a Sra. Hawthorne ficou brava.

Ou triste.

Eu estava arrependido. Estava realmente arrependido, mas todos estavam rindo. Suas faces amplamente esticadas. Eu podia ver seus dentes e comecei a rir também. Nada parecia engraçado, mas eu estava rindo.

Então a Sra. Hawthorne saiu correndo da sala e, enquanto ela estava fora, alguns dos meninos jogaram argila pela sala. Eu me escondi atrás de minhas mãos, mas podia ouvir suas vozes. Um pedaço caiu no computador dela. As teclas plásticas fizeram um barulho oco. Outra porção atingiu Marcie Ford e grudou em seu cabelo. Ela começou a chorar.

Em seguida, alguns dos pais queriam que eu ficasse fora da sala de aula. Ninguém me disse, mas eu sabia. A escola chamou todos para uma reunião. Eu sabia que meus pais tinham ido à escola para falar com o Dr. T.

Eu sabia que eles estavam em modo de batalha.

Isso não tem nada a ver com ter um monitor exclusivo, minha mãe estava dizendo. *Se outro menino tivesse acidentalmente derrubado parte de um equipamento, nós não estaríamos tendo essa reunião. E se a professora tivesse feito seu trabalho...* – meu pai estava dizendo. Mas eu podia ter dito a ele que não adiantaria, eles não podiam tampouco ouvir sua linguagem naquele dia.

Meu pai simplesmente não estava acostumado com aquilo como eu. Então ele continuou a tentar falar.

Todos os adultos concluíram que fui eu que joguei a argila e nenhuma das crianças falou o contrário, mas acho que ninguém perguntou a elas.

Certamente ninguém me perguntou. Nem mesmo na reunião com meus pais.

Mais tarde, Lara Mok falou que a mãe dela disse que eu era perigoso e não deveria estar na escola com as crianças normais. Que eu causava perturbação e estava mantendo todos atrasados. Que ia apenas ficar pior.

Ela não quis dizer pior para mim.

Para os NTs, ela quis dizer.

Para aqueles que jogaram a argila ao redor da sala e me deixaram levar a culpa.

***

Durante a semana toda, Eric Doyle tem feito sons de latidos para mim quando entro na sala de artes e me sento em minha cadeira.

Estou acostumado.

A Sra. Hawthorne está tentando ser mais gentil comigo.

Mas ainda assim não gosto da aula de artes.

A Sra. Hawthorne nos mostra como desenhar uma face, com grandes olhos, pupilas negras, uma letra L maiúscula para o nariz e um semicírculo para a boca, tudo dentro de um círculo oval que não se conecta. A Sra. Hawthorne precisa desenhar a minha para mim. Ela também ajuda a menina sentada à mesa distante, no lado esquerdo, que quebrou o braço na competição de ginástica.

Então, quando todo mundo tem quase que a mesma coisa no papel, permitem que a gente decore a face com cores. As meninas colocam cílios e lábios vermelhos. Os meninos escurecem os dentes e colocam bonés de beisebol. Fazemos esse projeto algumas vezes todos os anos. Na época do Natal, podemos transformar a face em um elfo ou um Papai Noel. Para o Dia das Bruxas, ela pode se transformar em uma bruxa ou um gato. É um duende se for colorido de verde, e a Sra. Hawthorne faz as orelhas como triângulos.

Estou olhando fixamente para as linhas no papel. Não vejo uma face de jeito nenhum. Vejo linhas negras retas e espaço em branco. Vejo a distância do topo da página até o arco e das linhas paralelas ao final do meu papel.

Vejo círculos e semicírculos e o local onde se cruzam. Vejo o local onde a Sra. Hawthorne levantou a caneta e não conectou as duas linhas. Há manchas brancas, como bolhas na superfície da banheira.

Mas nada que se pareça com uma face.

Nada como as sombras, e poros, os pelos, as curvas, e todas as manchas e rugas e marcas, os folículos, a umidade do olho, saliva, dentes quando está rindo, todos os planos e dimensões de uma face.

E dizem que não sei reconhecer uma face.

Mas a Sra. Hawthorne vai ficar brava de novo se eu não começar a desenhar.

***

– O que você está fazendo, Jason?

A voz da Sra. Hawthorne é como areia, como se suas palavras estivessem sendo esfregadas sobre areia. Dói em meus ouvidos ouvir a voz dela. Não há uma pessoa gentil por trás daquela voz. Sei que estou certo a respeito disso.

– Jason, você não está nem mesmo tentando.

Então coloco minhas mãos sobre meus ouvidos, muito embora eu saiba que não devo fazer isso.

Minha mãe e meu pai lutaram muito para que eu pudesse ficar na classe como todo mundo, mas sinto saudade de Jane. Jane teria sabido o que fazer.

Ela teria colorido minha pintura para mim, ou teria dito alguma coisa à Sra. Hawthorne, de forma que sua voz cheia de areia não tivesse queimado meus ouvidos. Ela tiraria minhas mãos de cima de meus ouvidos e as seguraria de forma que eu não ficasse bravo. Ela era redonda, macia e cheirava a sabonete Dove e biscoitos.

Mas eu não preciso mais de uma monitora exclusiva.

Isso é o que minha mãe diz. Isso é o que diz no meu PIE[11.], que são mais letras. Mais iniciais para definir quem eu sou.

Estarei por conta própria um dia, minha mãe diz. Preciso começar a aprender a tomar conta de mim mesmo.

Mas o que eu preciso agora é fazer a Sra. Hawthorne ficar longe de mim.

***

Agora estou sentando na secretaria, esperando meu pai vir me buscar na escola. Isso também é o que diz no meu PIE – que posso ir para casa toda vez que sentir que não posso mais lidar com a situação. Ou quando um dos meus professores pensar assim.

Mas dessa vez tenho certeza de que fui eu que pensei isso.

Geralmente minha cabeça estaria tiquetaqueando. Eu não estaria respirando muito bem. As portas se abrindo e fechando no corredor fazem eco, porque as paredes são todas de vidro aqui. O toque do telefone é engraçado. Há um rádio-telefone. O faxineiro deve estar passando.

Geralmente eu me esconderia atrás de minhas mãos.

Sei que deveria me sentir mal por estar indo da escola para casa, mas só posso pensar em uma coisa.

Estou pensando que quando chegar em casa, posso verificar meu *website* e talvez PhoenixBird tenha escrito novamente e talvez eu tenha um amigo de verdade. E isso é tudo o que qualquer um precisa, de *um*.

Um.

Mais um.

São dois.

E então não estou mais com tanto medo.

A palavra que me veio à mente essa manhã foi “regurgitar”.

Regurgitar.

Mas não sei como isso se relaciona com coisa alguma agora.

Capítulo dez

*E*screvo a maior parte das minhas histórias usando a narração na primeira pessoa, de forma que o leitor possa realmente ter uma ideia do que está se passando na cabeça do meu personagem. Eles podem ouvir a história naquela voz, e eu também posso entrar na vida de meu personagem.

E posso sentir o que ele sente.

Você tem que decidir se você quer que esteja no tempo passado ou presente. E a ambientação. Você tem que saber onde quer que sua história aconteça.

Quando chego em casa, vejo que PhoenixBird realmente me enviou o final de sua história.

Um dia, nasce um novo bebê na vila, que é diferente de todas as crianças que nasceram antes disso. À medida que a criança cresce, ela quer ajudar outras pessoas. Não importa quantas vezes as pessoas lhe digam que não precisam dela, ela persiste. Ela fica feliz em ajudar as pessoas, nas menores coisas. Nas grandes coisas.

Essas são suas palavras.

Gosto delas.

***

– Estamos desapontados, Jason. Só isso – minha mãe está dizendo.

– Isso não aconteceu a semana toda, Jay-Jay. O que aconteceu? – meu pai está dizendo.

Muito embora eu achasse que queria sair da escola, muito embora eu tenha conseguido verificar meu *website* e escrever para PhoenixBird, tudo parecia fora de lugar quando cheguei em casa da escola. Não é um feriado ou

férias ou um fim de semana prolongado. É sexta-feira e estou almoçando em casa, mas Jeremy não está. Meu pai ainda está aqui. Ainda não saiu para o trabalho.

Meu pai nunca está quando chego em casa da escola.

Todas essas coisas fazem minha pele coçar.

O sol não parece certo iluminando a cozinha.

Eu não deveria estar aqui.

Deveria estar na escola.

Posso sentir minha cabeça, tudo está em minha cabeça. Meu coração está batendo dentro de minha cabeça. Os sons em meus ouvidos estão cada vez maiores. Minha respiração está comprimida, entrando e saindo de minha boca.

Não sei mais o que meu corpo está fazendo.

Não quero desapontar meus pais. Não quero que minha mãe diga que está desapontada. Mas eu não consegui pensar nisso quando a Sra. Hawthorne ficou muito perto de mim.

Eu não a empurrei ou gritei ou fiz qualquer coisa.

Eu poderia ter desejado fazer, mas não quis.

Fiquei embaixo da mesa, onde eu não podia mais vê-la, mas ela não parava sua voz, e então a enfermeira teve de vir.

E então eu não me lembro exatamente do que aconteceu. De quem foi a ideia de eu ir para casa da escola?

Sinto os braços de meu pai ao meu redor. Sinto o cheiro daquela colônia novamente, e o começo de barba no seu rosto é áspero, mas sei que isso não vai me machucar, muito embora pareça que sim.

Deixo meu pai me abraçar. Ele sempre deixa espaço para que eu possa respirar. Ele nunca dobra minhas costas de forma que eu me sinta sem equilíbrio. Quando meu pai me abraça, sinto seus pés amparando nós dois.

***

Um narrador pode não ser confiável.

Ele pode estar dizendo a verdade ou apenas a verdade como ele a vê. Há um livro famoso assim, onde o narrador está mentindo. Ele julga a todos no livro, exceto a ele mesmo. E às vezes é difícil dizer o que realmente está acontecendo. Difícil de dizer o que é real e o que não é.

Eu não fiz nada para a Sra. Hawthorne para ela me mandar para casa.

Mas muitas pessoas realmente acham que o *Apanhador no Campo de Centeio* é um grande livro.

***

Antes de ir para cama hoje à noite, verifico o *website* Storyboard e vejo se alguém mais postou alguma coisa sobre a minha história. E verifico se PhoenixBird me escreveu de volta.

Ela escreveu.

Mas sua mensagem não tem nada a ver com a sua história ou a minha. Ela escreve sobre seu cachorro.

PhoenixBird tem uma cachorra chamada Blanche, que come Cheerios e comida chinesa, salada e até tomates, mas não as azeitonas pretas e não os cogumelos. Eu gostaria de conhecer sua cachorra algum dia, mas sei que isso nunca vai acontecer.

Esse é o tipo de coisa que um amigo escreveria para alguém, para alguém que iria querer como amigo. Sei que estou certo a respeito disso. Tenho bastante certeza de que estou certo.

Hoje, PhoenixBird escreveu, *foi o Dia da Diversidade na minha escola.*

Ela me contou tudo a respeito, como foi fantástico. Eu respondi a ela, mas não vou lhe contar sobre meu dia. Não sobre a Sra. Hawthorne. Não sobre me esconder embaixo da mesa de artes.

Alguma coisa me diz que não seria uma boa ideia.

Capítulo onze

*N*o sábado vamos visitar nossos primos em Glen Rock. É a casa do irmão da minha mãe, Tio Bobby, sua esposa, Tia Carol, e seus dois meninos, Seth e o pequeno Bobby. Todas as vezes que os visitamos, minha mãe fica muito nervosa. Se a vovó vai estar lá também, minha mãe nem consegue achar sua carteira.

– Está tudo no carro?

– Sim, Liz – meu pai diz a ela. – Estamos prontos.

– Minha carteira – minha mãe está dizendo. – Onde coloquei minha carteira?

– Está no seu ombro – Jeremy ri.

Mas mamãe não está rindo.

– Jeremy, sua camisa. O que é isso na sua camisa? Essa camisa estava limpa um minuto atrás. Você nem comeu nada. Vá mudar de camisa. Carl – ela diz ao meu pai. – Vá ajudar o Jeremy a mudar de camisa.

Então ela se volta para mim, e vejo sua face mudar. As rugas agrupadas em sua testa se alisam. Sua boca se abre, mas ela não está franzindo as sobrancelhas como se estivesse zangada ou triste. Eu nunca tinha visto essa expressão antes, não tenho ideia do que ela significa.

– Jason, seu cinto – minha mãe diz, tão suavemente. Ela já me pediu isso muitas vezes antes. – Você pode soltá-lo só um pouquinho? Só hoje?

***

Eu não posso.

Eu já tentei, mas a sensação é horrível. Posso sentir o tecido das minhas calças deslizando na minha cintura, movendo-se e raspando. Eu detesto isso.

Sei que parece engraçado. Sei que as crianças na escola falam coisas sobre as minhas calças e meu cinto, como é apertado. Como ele se franze nas minhas costas. Um menino me perguntou se eu estava esperando uma enchente, e tive de perguntar à Aaron Miller o que aquilo significava.

– Não preste atenção a ele, Jay-Man – Aaron me disse, mas eu queria saber e fiz com que ele me explicasse.

– Oh – eu disse. Olhei para os meus tornozelos e vi que minhas calças estavam tão apertadas na cintura que minhas meias estavam aparecendo.

Eu gosto de minha camisa bem justa, arrumada para dentro da calça. Eu não gosto da sensação de quando ela está folgada.

***

Minha mãe pega uma das cadeiras da mesa da sala de jantar e se senta, de forma que ela está exatamente ao lado de onde estou em pé. Estou em pé, pronto para ir à casa do Tio Bobby, esperando. Estou esperando todo mundo ficar pronto.

– Tudo bem, Jason. Sinto muito.

Ela não me puxa para ela, mas descansa a cabeça no meu ombro.

– Sou eu. Apenas eu. Simplesmente não aguento mais ouvir falar a respeito do Seth. E agora, *arr*, o pequeno Bobby. Dá a impressão de que ele já ganhou o Prêmio Nobel.

O cabelo da minha mãe cheira a Herbal Essence e a Curls Rock.

Eu me lembro de quando era bem pequeno, de quando estava no maternal, eu me recusava a usar calças com zíper. Eu não aguentava a sensação do cós e a dureza do material. Minha mãe me comprou *leggings* desse catálogo especial. Elas vinham em todas as cores e eram feitas de 100% algodão. E ela nunca me obrigou a usar calças.

Eu podia correr, deitar e cochilar em seus braços quando estava cansado.

Então, quando fui para o jardim de infância, uma das crianças me

perguntou se eu dançava balé.

– Não – eu disse.

Então outro menino me perguntou a mesma coisa, muito embora ele já soubesse, porque ele estava lá quando respondi da primeira vez.

Dessa vez eu tive mais certeza.

– Não – eu disse.

Então na última vez que uma das crianças me perguntou se eu era uma bailarina, aconteceu de minha mãe estar ali escutando.

E ela levou embora todas as minhas *leggings*.

***

– Não é engraçado, Jason? – minha mãe está dizendo. – Não é engraçado que quando você era bem pequeno você não usava cinto nenhum? Não é engraçado?

Amo tanto a minha mãe.

– Você se lembra, Jason? – ela está dizendo. – Você se lembra daquelas *leggings*?

Estamos ambos nos lembrando da mesma coisa.

– Aquelas *leggings*? – eu repito o que ela disse, de forma que ela saberá disso.

– Não? – minha mãe está dizendo. – Você não se lembra? Tudo bem. Foi há muito tempo. Bem, então podemos ir.

***

Tio Bobby é um homem grande, em comparação com outros homens. Ele tem sua própria empresa de construção. Então, embora ele não tenha ido à escola por tanto tempo quanto meu pai, ele ganha três vezes mais dinheiro.

Sim, e sua esposa tem utilizado mais seus serviços de construção do que qualquer um de seus grandes clientes.

– Mas nunca repita isso – minha mãe nos diz no carro.

Nem sei o que ela quer dizer com isso.

A tia Carol tem comida esperando por nós quando chegamos lá, grandes tigelas e pequenas tigelas. O tio Bobby pergunta a todos o que eles querem beber, exceto eu.

– O que eu posso pegar para o Jason? – tio Bobby pergunta a meu pai.

– Você pode perguntar direto a ele, Bob – meu pai responde.

– Então que tal uma Coca, filho? – observo os grandes pés do tio Bobby e seus grandes sapatos irem em direção à cozinha.

Minha mãe disse que eu podia trazer meu Playstation portátil, e ela me deixa pegá-lo. Também tenho um livro. Jeremy e o pequeno Bobby gostam de brincar com figuras de ação, então é isso que estão fazendo.

– É melhor você correr, Batman – meu irmão está dizendo. Ele está balançando seu brinquedo para cima e para baixo na sua mão.

– Não, nunca, Sr. Freeze. Este será o seu fim de uma vez por todas.

O pequeno Bobby também está balançando sua figura de ação. Eles batem um brinquedo no outro e fazem barulhos.

Isto faz Jeremy feliz, e não posso entender absolutamente o que ele está fazendo, porque todas aquelas figuras plásticas não se parecem com os super-heróis de verdade, não nos desenhos ou nos filmes, mas estou feliz por ele.

***

– Seth, por que você não mostra ao Jason o seu novo computador? – tia Carol fala.

Seth esteve sentado no sofá da sala o tempo todo, comendo de diferentes tigelas de comida. Tia Carol está falando do Seth, mesmo com ele sentado ali perto. Eu ouço que Seth está no time de matemática e que ele é tutor voluntário de crianças no Ensino Fundamental às terças e quartas. Ouço que Seth está tendo aulas de Linguagem Artística avançada e que ele está no time

de futebol que viaja para competir.

Minha mãe me olha de vez em quando e tenta atrair minha atenção e então ela dobra as costas e eleva o queixo no ar. Essa é a sua maneira de me dizer para sentar reto.

Eu sento e esqueço e torno a me encurvar.

Minha mãe parece cansada de fazer isso.

Seth também foi convidado para ser modelo de uma loja local.

***

– Oh, Seth. Um computador novo. Jason adora computadores. Não é, Jason? – minha mãe diz. – Ele é tão bom com computadores. Eu não sei nada.

A palavra que me veio à mente esta manhã enquanto estávamos nos aprontando para visitar meus primos foi “halogênio”. É nisso que tento pensar agora.

– Não consigo nem ligar a danada da coisa sozinha – a risada da minha mãe soa estranha. – Jason precisa me ajudar com tudo, não é?

– Então por que você não mostra ao seu primo o seu computador novo, Seth? – tia Carol diz. – E a tia Liz e eu podemos aprontar o jantar.

***

Isso é o que noto:

NTs mentem.

E não é que eu não seja capaz.

Eu poderia mentir.

Se eu quisesse.

Mas todos que estão escutando sabem que é uma mentira, eles podem fingir que não é, e então todos estão mentindo. Os que estão ouvindo e os que estão falando.

E para mim é difícil dizer o que é real e o que não é.

***

Seth diz a sua mãe que o computador não está funcionando.

Ele diz que o disco rígido precisa ser reiniciado e que ele precisa ligar para a assistência técnica, porque há um código especial de controle manual.

E ele diz que ficaria feliz em fazer isso, mas que uma vez iniciado o processo, ele não pode pará-lo e que pode levar uma hora ou mais. Diz que não quer que isso interfira com o jantar. E ambas, tia Carol e minha mãe, dizem que não querem que isso aconteça.

Então nós vamos para o quarto de Seth, porque a mãe dele faz com que ele me leve de qualquer forma. Ele se senta ao computador, que parece estar funcionando perfeitamente, e começa a jogar Halo[12.].

– Não toque em nada – ele me diz.

Posso olhar para suas costas enquanto ele se senta em sua cadeira. Posso ouvir o barulho de seus dedos no teclado. Eu já sabia que não iria verificar meu *website* até chegar em casa hoje à noite, mas não estou chateado com isso.

Sento-me no tapete no meio do quarto.

Posso ver as folhas verdes de uma árvore fora da janela do quarto de Seth que se movem com o vento, e, embora eu não possa ouvi-lo, ele faz um tipo de música. Uma dança silenciosa, balançando-se em um ritmo que eu sei que está lá. Em toda a árvore, os galhos se levantam e se abaixam e a luz move-se da folha de cima para a folha de baixo, e uma pequena sombra na casca da árvore é como a criança mais nova, caminhando atrás de sua família, perdida em seu próprio mundo e perfeitamente contente.

– O que há de errado com você, cara? – Seth se virou na cadeira. – Seu irmão está falando com você – Seth está me dizendo.

Jeremy põe a mão sobre o meu rosto, pequena e quente e suada. Ele

entrou no quarto escuro quando o sol se moveu para trás de uma nuvem e agora a única luz é o brilho do computador de Seth. Posso ouvir o som de suas mensagens instantâneas, enviando e recebendo. Pequenos sinos.

– Jason? – Jeremy está dizendo. Quando olho para longe da janela, ele tira a mão de meu rosto. – Você pode pegar uma coisa para nós? Para mim e Bobby.

O hálito dele cheira a bala.

– Por que você está pedindo a ele? – Seth está dizendo.

Jeremy sempre me pede para fazer coisas para ele. Ele me pede para subir o zíper de sua jaqueta. Ele me pede para verificar se escreveu direito a lição. Para carregar coisas que são muito pesadas para ele. Para empurrá-lo no balanço. Antes de concordar em experimentar algo que ele nunca comeu antes, Jeremy me pergunta se ele vai gostar.

– Você pode, Jason? – Jeremy me diz novamente.

Ele deve estar querendo algo que está muito alto para ele alcançar. Claro que posso.

– Se está tão alto assim, não é para você pegar. Já pensou nisso? – Seth diz. Sei que ele está falando comigo e Jeremy, mas não consigo olhar para cima. Não sei o que irei ver. Tem a sua voz e sua presença no quarto e a escuridão do sol atrás das nuvens, o tilintar do computador. Tem o rangido de sua cadeira e o cheiro de suas roupas quando ele caminha em nossa direção. Tudo soa muito alto e muito bravo.

Mesmo o ventilador girando no teto está gritando comigo em uma voz mecânica que não tem palavras. Seth deveria simplesmente parar.

De ser.

É nessa hora que se espera que você abandone uma situação.

Vá para longe.

Respire.

– Sim, ótimo. Por que você e seu irmão defeituoso não saem do meu

quarto agora? – Seth diz. – Você está empesteando o lugar.

O resto acontece muito rápido.

Então Seth está gritando e então ele cai sobre a sua cadeira giratória. A cadeira giratória vira sob o peso de Seth e cai sobre sua torre de CDs, e então ambas caem no tapete. Então há o som das capas dos CDs sendo pisadas e quebrando-se em duas. Ou três.

Ou mais.

A mão de Jeremy, eu sei que é o Jeremy, me puxando.

E então fora da porta do quarto de Seth há ar novamente.

***

– Bom golpe, Jason – meu irmão está me dizendo.

Ele está feliz, mas sei que nossos pais não ficarão, por alguma razão.

– Não se preocupe, eu não vou dizer que você chutou o Seth – Jeremy me diz.

Olho rapidamente para o rosto de Jeremy. Está se abrindo em um sorriso e então está se abrindo em uma risada. Eu também.

Vejo a luz através da claraboia no corredor, livre das nuvens, e a risada. Sinto ambas, em minha cabeça e minhas mãos e meus olhos.

Capítulo doze

*H*oje à noite estou escrevendo uma nova história para postar no site Storyboard. A ideia toda me veio à cabeça durante a viagem de carro da casa do tio Bobby para casa. É sobre uma pequena pessoa; não um anão, porque anões não gostam de serem chamados
de anões, muito embora houvesse um tempo em que “nanico” era a palavra ruim e “anão” era melhor.

Mas agora é o oposto.

Títulos. Nomes. Mais palavras, as mesmas vinte e seis letras colocadas juntas que às vezes magoam as pessoas e às vezes não.

A pequena pessoa em minha história chama-se Bennu. Ele é um daqueles anões desproporcionais, então suas pernas e braços são muito curtos em relação ao seu corpo, e isso torna sua cabeça grande. Mas basicamente ele se sente bastante confortável com sua altura e sua aparência, e muitas outras pessoas normais com altura normal gostam dele. Mas ser um anão é ter uma deficiência. Ele não é apenas diferente, mas defeituoso.

Ele tem sua família, que são todos de altura normal. É assim que acontece. Ele até poderia ter filhos de tamanho normal, se conseguisse arrumar uma namorada e então se casasse. Se isso chegasse a acontecer.

Coloquei Bennu em um mundo de faz de conta, então consegui criar todos os nomes e todos os tipos diferentes de pessoas que vivem lá. A vida é definitivamente mais difícil para Bennu, não somente porque as pessoas ficam olhando fixamente para ele e algumas vezes riem quando ele sai (o que já é ruim), mas por outras razões verdadeiras. Como, por exemplo, ele não conseguir alcançar coisas que outras pessoas de sua idade conseguem, tais como maçanetas de portas ou a prateleira superior da geladeira onde fica o

leite.

Há muitas portas que ele não consegue abrir sozinho.

E algumas coisas relacionadas à sua condição genética são dolorosas. Suas costas doem porque sua coluna está comprimida e às vezes ele tem dor nas pernas.

Algumas vezes simplesmente ser Bennu é realmente muito difícil.

***

Nomes são importantes quando estamos escrevendo uma história.

Fico pensando por um longo tempo quando estou dando nome a um personagem. Tenho que pensar em tudo sobre ele antes de saber como vou chamá-lo. É preciso levar várias coisas em consideração quando você dá nome a um personagem. Quem ele é, de onde é, em que período do tempo sua história se passa. E algumas vezes nomes podem ter significados simbólicos, como o famoso livro *O Sol é para Todos*. Eu ainda não li, mas você pode fazer uma busca online e aprender tudo sobre livros famosos. Acho que você pode até fingir que leu um livro e ninguém vai descobrir, somente lendo um daqueles *website*s.

Algumas pessoas, como professores e bibliotecários e outros adultos, gostam de dizer nomes que não são importantes.

Como paus e pedras.

Mas eles estão errados.

Toda palavra que você escolhe significa algo que você acha que significa, e mais.

Como, por exemplo, se uma pessoa é *diferente*, isso é uma coisa boa.

Mas se ela tem um *defeito*, isso não é.

Palavras.

Nomes.

Letras.

***

Postei essa primeira parte da minha história às 21h15 da noite.

***

Eu acho que é tarde, mas fico pensando se PhoenixBird vai lê-la hoje à noite.

E fico pensando se ela vai notar. Ela vai descobrir?

Fico pensando se ela vai compreender.

Bennu é o nome egípcio para o pássaro mítico que renasce de suas próprias cinzas. Um pássaro cuja canção era tão bonita que todos que a escutavam paravam para ouvir, e cujas lágrimas sabidamente curavam aqueles que estavam feridos. Bennu é a palavra egípcia para fênix. Para pássaro fênix[13].

Capítulo treze

*M*eu pai entra no meu quarto e me diz para desligar o computador e me aprontar para deitar.

É mais fácil ficar perto de meu pai, porque ele fala menos. Isso não significa que eu não ame a minha mãe, mas muitas vezes ela faz que eu sinta como se ela quisesse algo de mim. Essa sensação me puxa, como um ralo drenando a água depois de um banho, aquele som de sucção que faz no final. Poucas pessoas esperam tempo suficiente para ouvir aquele som, mas eu sim.

De qualquer forma, sei que meu pai quer falar comigo sobre o que aconteceu na casa do tio Bobby. Ele esperou a noite toda para falar comigo.

Eu sabia que isso ia acontecer. Meu pai não diz nada por um longo tempo. Ele apenas olha para o teto.

– Está tudo bem, Jason? – ele me pergunta. Ele mantém os olhos longe de mim.

Eu balanço a cabeça. Sei que ele pode me ver de lado.

– Há alguma coisa aborrecendo você sobre a qual você queira conversar? – ele pergunta.

Alguns anos atrás, descobri que os braços de papai ao meu redor não mandam a escuridão, a raiva, a tristeza embora de verdade. Eles apenas as adiam. Isso não me impede, entretanto, de pensar sobre as coisas com as quais meu pai pode me ajudar e as que ele não pode. E o que vai acontecer quando ele não estiver mais por perto.

Quem vai tomar conta de mim?

Meu pai está sentado na ponta da cama.

– Tudo bem ficar triste, Jason. Tudo bem ter medo – meu pai está dizendo. – Tudo bem até mesmo ficar zangado, Jason.

Quero acreditar nele.

– Mas não é legal machucar outra pessoa.

Agora está difícil respirar.

– Acalme-se, Jason. E não puxe seu cabelo – meu pai diz. Ele pega minhas mãos e as coloca nos dois lados do meu corpo. Minhas mãos estão com vontade de voar. Meu cabelo está coçando, talvez queimando. Talvez seja essa a sensação de estar pegando fogo.

– Jason. – A voz do meu pai é mais alta, mais forte. – Você não está encrencado, e eu não estou zangado com você.

Zangado.

Triste.

Pai.

Isso é uma família de palavras[14.]. Como gato, chapéu, morcego[15.].

Sinto muito, papai. Sinto muito que você esteja tão triste comigo.

Tudo o que você precisa fazer é mudar uma letra e o mundo todo fica diferente. Como as pessoas. Eu gostaria de poder mudar uma letra e tornar tudo melhor.

Mas não posso, papai.

***

Depois que chutei o Seth e ele caiu, e então alguém pisou em muitos dos seus CDs, tia Carol veio correndo escada acima. Minha mãe estava exatamente atrás dela. Seth estava gritando tanto, tão alto. O barulho das capas dos CDs sendo quebradas. O barulho dos pés nas escadas. Saltos estalando no piso de madeira, chegando mais perto. Barulho áspero de plástico duro.

– Jason, o que você fez? Jason! – tia Carol começou a gritar.

– O que aconteceu? – minha mãe disse, mas ela não estava realmente perguntando aquilo.

E Jeremy ficou muito bravo. Ele estava falando coisas, palavras rápidas. Falando sobre mim, seu irmão, como
eu precisava ajudá-lo, sobre Seth, sobre pegar algo no armário do pequeno Bobby. Eu podia ouvir seu medo e sua raiva.

– A gente *podia* pegar – Jeremy estava dizendo. Ele disse novamente.

Foi demais. Seth estava gemendo e segurando sua perna. Sua mãe estava gritando para o tio Bobby pegar um pouco de gelo.

– Pelo amor de Deus, Bobby, mais rápido. Gelo!

Enquanto tio Bobby, minha mãe, tia Carol e Seth ainda estavam no chão, e Jeremy, o pequeno Bobby e então meu pai estavam todos no quarto, senti o teto explodir sobre a minha cabeça. Era a minha cabeça. Minha cabeça explodiu.

Não havia maneira de parar todas as moléculas que começaram a penetrar minha pele.

Minhas mãos voaram para longe do corpo.

Meu corpo se dividiu em um milhão de pedacinhos.

Eu podia sentir o cheiro do café que a tia Carol e minha mãe haviam feito para a sobremesa quando saímos apressados pela porta. Eu podia sentir o cheiro dos pastéis de massa folhada que ela havia feito e eu queria um.

Capítulo quatorze

*D*igo a Aaron Miller que tenho uma namorada.

– Puxa, isso é ótimo – ele me diz.

Estamos no refeitório: vozes altas, luzes brilhantes, cheiro forte de comida *e* lixo. Jane costumava sentar-se comigo todos os dias. Agora preciso encontrar alguém sozinho. Algumas vezes me sinto grato em encontrar Aaron.

Eu me sento com o Aaron e dois outros meninos com quem ele está sentado.

– Qual é o nome dela? – ele pergunta.

E é aí que percebo que provavelmente não deveria ter dito nada.

Porque eu não sei o nome dela, não seu nome verdadeiro.

Mas um dos outros meninos à mesa começa a falar sobre outra coisa. Ele está falando sobre o jogo da noite passada e isso é bom. Além disso, minha mãe quer que eu compre meu almoço no refeitório da escola esse ano[16.], então há uma travessa na minha frente, e agora preciso descobrir o que é tudo isso e o que posso comer.

Há somente dezoito minutos sobrando do período de almoço. Preciso me concentrar.

Mal consigo terminar, mas tive sorte, porque hoje foi bolo de carne, purê de batatas com molho, pêssegos congelados, pãozinho e sorvete em copinhos e consegui comer tudo.

– Bem, Jay-Man, acho que você estava com fome – Aaron está me dizendo. Ele está se levantando da mesa, amassando sua sacola de papel em uma bola enrugada marrom. Sei que ele vai atirá-la no lixo daqui.

Ele atira.

– Então, talvez algum dia nós possamos conhecer essa menina, hein? – me diz. Ele esfrega o topo da minha cabeça, e então vai embora.

Conhecer essa menina?

Isso nunca poderia acontecer.

Eu nem sei seu nome.

***

O resto do dia é sem incidentes.

***

Embora me aborreça.

Porque até aquele momento não havia me aborrecido de forma alguma.

E agora me aborrece pelo resto do dia.

Qual é o nome de PhoenixBird?

Então começo a imaginar como ela é e que ela dever ter cabelos e um rosto, mãos e pernas e pés com sapatos. Bem, não consigo realmente imaginar como ela é, mas penso que ela deve se parecer com algo que tem um rosto e cabelos, talvez longos.

E sapatos de menina.

Rosto de menina. Voz de menina.

– O que você está fazendo, Jason?

E antes que pudesse perceber, rasguei a primeira página do meu caderno de exercícios de matemática em muitos, muitos pedaços pequenos que estão jogados no chão perto da minha carteira. Quando olho para baixo, eu os vejo. Parece neve e sei que aprendemos que não há dois flocos de neve idênticos. Dos bilhões e centenas de bilhões, não há dois exatamente iguais. O assombroso número de possibilidades dentro das centenas de configurações de cada molécula de água em forma de vapor quando ela se torna uma forma hexagonal de gelo. E muito embora ela pareça plana, não é. É uma estrutura

surpreendentemente complexa, uma coisa surpreendentemente bonita. Então, muito embora os professores nos ensinem a dobrar papel e cortar pequenos triângulos nesse papel e depois abri-lo e colá-lo na janela, a neve não é realmente plana. Não é tão simples assim.

– Jason, esse comportamento é inaceitável.

Essa é minha professora de matemática falando, e eu esqueci seu nome. Ela se parece tanto com a enfermeira no consultório do meu pediatra... Ambas têm cabelo vermelho bem curto, e não consigo distingui-las. Então não tento.

As crianças estão começando a rir de novo, o que não me aborrece, mas sei que vai fazer minha professora ficar nervosa. Professores não gostam quando as crianças estão rindo, a menos que seja por que eles contaram uma piada que acharam engraçada, e então ficam chateados se as crianças não riem.

– Sinto muito, Jason, mas você vai ter de ficar e limpar isso enquanto o resto da classe vai para o outro lado do corredor assistir à peça de geometria da Sra. Santoro.

Acho bom não ter que assistir àquela peça de jeito nenhum.

Não me importo de pegar todos os pedacinhos de papel, e agora está mais silencioso na sala de aula. Somente a professora de matemática está sentada à sua mesa escrevendo.

Ela pensa que está me responsabilizando por minhas ações.

Estou no chão embaixo da minha carteira.

Os pedaços de papel não se parecem mais com flocos de neve. Posso ver as bordas pontudas e gastas onde os rasguei.

Começo a pensar em quantas vezes em um dia algo como isso acontece comigo. E como estou acostumado a não conseguir o que quero. Quantas vezes fico no chão embaixo da minha carteira apanhando pedaços de papel, metaforicamente falando, claro.

Todo dia, talvez vinte vezes ao dia. Talvez mais.

***

Então, PhoenixBird é minha namorada.
Dentro do meu computador.
Só preciso me lembrar de não falar mais sobre ela.

***

Então o *resto* do dia é sem incidentes.

Capítulo quinze

*J*eremy quer o prato com as divisões no jantar de hoje à noite.

Mas minha mãe os levou embora.

Ela diz que ele precisa se acostumar a comer em um prato comum, porque nem todo mundo irá fazer o que ele quer, mas novamente sei que ela está realmente falando de mim. Em código.

Jeremy começa a chorar.

Bem na mesa.

Meninos não devem chorar. Aprendi isso na mesma época que descobri que minha mãe e meu pai não podiam fazer tudo ficar bem, mesmo quando diziam: *Não se preocupe. Tudo vai ficar bem*.

Não vai.

Meninos não devem chorar. Porque quando eles choram, as coisas ficam piores. De repente eles têm dois problemas. Você tem seja lá o que for que fez você chorar, para início de conversa, e então você também tem o problema de ser um menino chorando. E alguém com certeza vai lhe dizer que isso é pior. Então agora você tem dois problemas.

Melhor não chorar, Jeremy, quero dizer a ele.

– Jeremy, qual é o problema? – minha mãe está dizendo.

No início as pessoas sempre agem como se fosse ok chorar.

– Eu quero o meu prato. Quero meu prato com as divisões dentro – ele está chorando.

– Mas, Jeremy, você pode usar esse prato. Está tudo bem. Nenhum alimento está tocando outro. Veja – ela diz. – E mesmo que estivesse... está tudo bem.

E então, depois disso, tentam lhe dizer por que você não deveria estar

chorando.

– Está tudo bem, Jeremy – meu pai diz.

– Não, eu não posso comer. Eu quero meu prato! – Lágrimas estão caindo de seu rosto. Sua voz está entupida com a umidade como muco em sua garganta.

É como os flocos de neve que caem no chão, cada um diferente do outro. Mas ninguém consegue ver isso. Tudo o que eles veem é branco e plano. E parece tudo igual. E é desse jeito que eles gostam.

A comida é assim para Jeremy. Só que ele ainda não sabe.

– Algum dia sua comida vai ter de tocar outra – eu digo ao meu irmão.

Fica realmente silencioso à mesa.

– O quê? – Minha mãe pergunta. – O que você disse, Jason?

Eu olho para baixo, para o meu prato. A comida está separada o suficiente, mas isso nunca me incomodou. Sempre foi o Jeremy. Jeremy precisava daqueles pratos. Não entendo porque ele devia ter um, mas sei que ele não pode tê-lo. Vejo agora que o Jeremy precisa aprender o que eu aprendi durante toda a minha vida.

Você nem sempre consegue o que precisa.

Então eu digo de novo, muito embora eu tenha certeza de que minha mãe me ouviu.

– Algum dia sua comida vai ter de tocar outra. Não é tão ruim. Você se acostuma.

– Olha só, viu? – ela diz, mas tenho a impressão de que minha mãe ouviu outra coisa.

– Não chore! – meu pai diz. – Vamos, Jeremy. Coma o jantar. Está bom.

– Não chore, querido – minha mãe diz. – Olhe, Jason deixa a comida tocar em outra.

Jeremy ainda está fungando, mas pega o garfo.

Então, finalmente, se descobre que é melhor não chorar, para início de

conversa.

Capítulo dezesseis

*U*m dia, um cientista muito velho e muito sábio vem à cidade onde Bennu vive com sua família. Esse famoso médico não veio por acaso. Ele está *procurando* por Bennu, porque o doutor acredita que encontrou a cura para o nanismo. Ele viajou muitas milhas, atravessando terras perigosas, para encontrar Bennu. Ele acredita que inventou uma operação que pode tornar Bennu muito parecido com as outras pessoas.

Além disso, o médico acredita que, com sua cura, ele pode assegurar que ninguém mais nascerá com o mesmo problema.

Essa parte da história termina justamente quando o médico entrega a mensagem a Bennu e sua família.

É uma boa ideia deixar seu leitor querendo mais. Essa técnica é chamada de "gancho", como se o seu personagem estivesse pendurado pelas pontas dos dedos na beira de um precipício. Eu fiz o *upload* do meu capítulo no *website* Storyboard, mas o único leitor com quem realmente me importo é PhoenixBird. Talvez ela more em uma região com outro fuso horário. Duas horas mais tarde. Talvez ela leia a história antes de ir para a escola. Ou duas horas mais cedo, e talvez ela já tenha saído para ir à escola e ela terá lido a história antes que eu chegue em casa. Como posso descobrir seu verdadeiro nome?

Então, antes de sair para a escola, eu lhe envio um recado, apenas para avisar que minha história está postada no *website*.

E, a propósito, escrevo no final da minha mensagem, *meu verdadeiro nome é Jason.*

Muito esperto, como eu diria.

***

Depois da aula de artes, a aula de educação física é a pior. A maioria das crianças a chama de EF. Mas não gosto dessas letras colocadas juntas desse jeito.

Na maioria das vezes é por causa do barulho, a maneira como o barulho se espalha através do ginásio atinge o teto alto, onde se condensa entre as luminárias de metal e fica mais alto antes de descer novamente.

– Então você tem uma namorada, Jason?

É o menino da mesa do Aaron, um dos meninos que almoça com ele às vezes. Eu almocei com eles semana passada. Eu não deveria ter feito isso.

O menino está rindo, mas eu conheço esse tipo de risada.

– E você nem sabe o nome dela – o menino está dizendo. Rindo.

Há linhas no chão do ginásio, linhas azuis, amarelas, brancas e vermelhas. Uma das linhas é a que fica mais afastada das outras, nunca as interceptando, nunca se dobrando, nunca tocando as outras. Linhas paralelas que continuam até o infinito e nunca se encontram.

O menino está falando comigo, mas não falando comigo. Está falando alto, muito embora ninguém o esteja ouvindo. Sua voz reverbera nas paredes acolchoadas de azul.

– *Eu* sei qual é o nome dela – ele diz.

Ele sabe?

Ele a conhece?

Esse menino conhece PhoenixBird?

Não serei capaz de respirar.

Ele está rindo mais. Mais alto.

– Você quer saber qual é o nome dela? – ele está dizendo.

Se ele conhece PhoenixBird, ele deve ter lhe dito a verdade. Ele saberá que ela não é realmente minha namorada. Meu cabelo dói. Meu peito está apertado.

– Aposto que o nome dela é Garota Retardada – o menino diz.

Não, estou pensando. *O nome dela não pode ser Garota Retardada*.

Pode?

– E aposto que ela vem de ônibus para a escola.

Então eu entendo. Ele está apenas sendo malvado. Quando um cachorro fica malvado e morde uma pessoa, a lei estipula que ele deve ser sacrificado. Esse menino está apenas sendo malvado. Ele está mentindo. Ele não conhece PhoenixBird. Não tenho nada com o que me preocupar. Por alguma razão minha cabeça ainda está chacoalhando.

Mas consigo respirar.

O Sr. DeMateo vem e começa a jogar bolas de basquete no chão. Elas rebatem para cima e para baixo em tempos diferentes, como tocadores de tambor que não conseguem ouvir um ao outro e então rolam até que alguém pegue uma delas e a jogue em direção à cesta.

E erre.

***

“Dicionário” é a palavra que me veio à mente essa manhã.

Mesmo antes de sair da cama.

Capítulo dezessete

*N*o ano passado, eu tinha onze anos e Jeremy acabara de fazer oito. Nosso cachorro, Lester, ficou muito doente e tivemos de colocá-lo para dormir.

Que é outra daquelas expressões quando alguém não quer dizer o que realmente quer dizer.

***

Nós conseguimos o Lester na Sociedade Humanitária que fica na cidade ao lado da nossa. Eu tinha quatro anos quando fui com minha mãe para apanhá-lo, mas é claro que não sabíamos que ele seria um "ele" quando fomos.

Eles não deixam que você coloque um cão na "lista de espera". Você pode voltar tantas vezes quantas quiser e olhar até achar o cachorro que você quer, mas então precisa decidir imediatamente.

Era eu que queria um cachorro.

E conseguir o Lester foi uma recompensa, mas não me lembro mais a razão dela.

Eu queria tanto um cachorro.

Tanto, que deixei minha mãe me levar ao corredor de concreto escuro e úmido onde eles mantinham os cães, muito embora o cheiro fosse tão ruim que queimava meus olhos e minha língua. Todos os cachorros estavam latindo, todos juntos, pulando e colocando as patas na frente das jaulas. Pulando e correndo para trás, rodando e pulando nas barras novamente, quando passávamos.

Havia sacos plásticos pendurados em cada jaula com um pedaço de papel

branco dentro. Minha mãe ouvia enquanto eu lia os nomes em voz alta, porque eu conseguia ler cada palavra.

– Isso é surpreendente – a senhora da Sociedade Humanitária disse enquanto caminhávamos pelo corredor longo e úmido de concreto. – Quantos anos ele tem?

– Quatro – minha mãe respondeu. – Ele tem somente quatro anos.

Lester era o único cão que não estava latindo. Ele não estava nem mesmo pulando na jaula. Ele estava sentado, ereto, olhando diretamente para nós, tremendo, tremendo. Ele tremia tanto que dava para ver o movimento do topo de sua cabeça, indo e voltando até a extremidade de seu corpo.

Ele estava tão assustado.

"Mestiço de beagle", eu li. "Onze meses de idade. Lester."

Eu realmente não falava muito naquela época e sabia que queria o Lester, mas o que aconteceria com os outros cães se não os escolhêssemos? Era frio e escuro, aquele cheiro horrível e aquela solidão. Parei de caminhar e fiquei parado na frente da jaula de Lester. Minha mãe parou também, bem como a senhora Humanitária.

Lester tremia ainda mais.

– Esse? – a senhora me perguntou.

Mas eu estava triste, tão triste. Triste demais. Os outros cães estavam latindo e se erguendo nas patas, pedindo para serem apanhados, para serem levados daquele lugar. Eu queria dizer algo. Eu queria perguntar, mas não conseguia encontrar as palavras. Abri minha boca, mas nenhum som saiu dela.

– Todo cão aqui encontra um lar – a senhora falou. – Temos uma taxa de adoção de 100%.

Lester. Levamos Lester para casa naquele dia. Ele fez cocô e xixi e vomitou em nosso carro, o que me fez chorar e gritar, também, mas ambos chegamos em casa. Minha mãe perguntou se eu queria dar um novo nome a

ele, mas eu não quis.

Você não pode mudar o que lhe chamam. Bom ou mau, é o seu nome.

Naquela noite escrevi todos os nomes e raças de todos os cães que vimos e Lester dormiu na ponta da minha cama.

***

E então Lester ficou doente.

Tão doente que o médico nos disse que não havia nada que ele pudesse fazer.

Lester tinha apenas sete anos, e mesmo em anos de cachorro isso é bem jovem.

Meu pai tentou contar, a mim e ao Jeremy, um dia no jantar, que eles teriam que colocar o Lester para dormir, para morrer.

– O veterinário fez tudo o podia fazer, medicamente falando – nosso pai disse.

– Demos uma ótima vida ao Lester – minha mãe continuou.

Jeremy estava chorando tanto que havia muco escorrendo por sua face. Eu estava apenas escutando.

– Lester está muito doente – minha mãe disse. – É assim que a natureza funciona, às vezes. Não há nada que possamos fazer.

Eu sabia que meus pais estavam dizendo a verdade. Havíamos levado o Lester ao médico toda semana por meses e havia dez frascos de remédio dele na bancada da cozinha.

– Nós tomamos conta dele muito bem. Ele teve uma vida boa, muito boa – nosso pai falou. – Vocês sabem, vocês têm de lembrar que Lester é um cão. E imaginem se o Lester vivesse solto na natureza, ele não teria vivido tanto.

Mas Lester não vivia solto na natureza.

Ele vivia com a gente.

***

Rebecca.

O nome dela é Rebecca.

Esse é definitivamente um nome de menina.

Havia uma mensagem de PhoenixBird quando cheguei em casa da escola. Ela havia lido minha história. E meu recado.

E ela me disse seu nome verdadeiro.

Rebecca.

Eu realmente me importo com Bennu, ela escreveu. Sua história é fantástica. Senti-me como se fosse capaz de sentir o que ele estava sentindo e pensando. Como se eu pudesse realmente vê-lo e ouvi-lo. E há tanto simbolismo em sua história. Como você faz isso? Você escreve um esboço? Você sabe o que vai acontecer no final?

Há um PS no final da mensagem, que quer dizer pós-escrito, significando algo em que você pensou após ter terminado a carta toda, e então você precisa adicionar no final.

PS. Você não vai acreditar nisso.

Hoje depois da escola, a Blanche encontrou o almoço que eu não tinha comido. Ela fez um buraco na minha mochila para chegar até ele. Então ela vomitou no tapete da sala. Não sei o que deixou minha mãe mais brava, se o tapete ou minha mochila nova. Hahahaha

Esse é o tipo de coisa que amigos dizem uns aos outros.

E o nome dela é Rebecca.

Estou pensando sobre o que escrever de volta para Rebecca, minha amiga.

Que é uma menina.

Capítulo dezoito

*N*o início, a família de Bennu parece ficar felicíssima com as notícias que o famoso médico traz à cidade. Diretamente para sua porta, na verdade. Bennu fica para trás e escuta. Obviamente, tudo ocorre a alguns centímetros de sua cabeça, porque ele é tão baixo. Mas, de certa forma, isso é uma vantagem para Bennu. Ele aprendeu a ouvir melhor.

Ele ouve o que o médico propõe.

– Seu filho não será mais baixo – o médico diz a todos.

– Mas nós não queremos que todos sejam iguais, queremos? – o pai de Bennu fala.

– Não, mas se vocês concordarem com a operação – o médico promete – ninguém nunca mais vai olhar para Bennu e saber que há algo errado com ele.

***

Não, Rebecca, eu respondo, não sei como minha história vai terminar. Nem mesmo sei o que Bennu e sua família vão decidir, ainda. Esse geralmente é o ponto onde tudo fica confuso. Tento deixar meus personagens me dizerem o que eles querem que aconteça.

***

Há rodízio na escola essa semana. Então, é dia de ir à Biblioteca, novamente, e posso olhar meu *site*, Storyboard, mas acontece que nós não vamos à Biblioteca. Há reuniões de professores na Biblioteca e não podemos ir lá. Preciso esperar até chegar em casa, mas tenho um horário marcado com a minha terapeuta da fala e só vou chegar em casa na hora do jantar. Minha terapeuta da fala é diferente da minha TO, minha terapeuta ocupacional, porque na maioria das vezes com a minha TF nós simplesmente ficamos

sentados e não fazemos nada. Algumas vezes ela tenta fazer com que eu fale ao me mostrar figuras. Muitas pessoas neurotípicas vão a terapeutas da fala também. Muitos NTs vão à TF.

Até mesmo minha mãe.

Minha terapeuta da fala disse à minha mãe que estou sendo muito paciente e estou aprendendo a adiar a gratificação. Eu ganho um chocolate Hershey como recompensa, ao sair do consultório, que dou ao Jeremy, pois não gosto de chocolate.

Meu cérebro está quase explodindo de tanta gratificação adiada, quando chego ao meu quarto e ligo meu computador. Minha pele dói de tanto esperar. Minhas mãos voadoras tentam confortar minha pele. Meus pés estão batendo no chão porque minhas mãos estão voando, o que faz minha pele doer ainda mais. E finalmente posso ler minha mensagem de Rebecca.

Você deve ser muito bom em Linguagem Artística, ela escreve.

Então ela me conta sobre eu dia.

PS, ela escreve de novo. *Sinto muito pelo seu cachorro, Lester. Ele parecia ser muito especial e teve muita sorte em ter você.*

Nunca me senti com sorte antes, que eu possa me lembrar.

Mas me sinto agora.

***

Meus pais estão felizes comigo.

Não precisei sair mais cedo da escola por qualquer razão em mais de um mês.

Todos os meus professores fizeram boas avaliações de mim, mesmo a minha professora de Artes, a Sra. Hawthorne. E o período provisório para não precisar de um monitor na escola já passou. Temos outro PIE, que diz que eu devo permanecer incluso. Nenhum monitor é necessário nesse momento.

Eles acham que agora é uma boa hora para me contar sobre uma viagem que planejaram para mim. Eles iam esperar para me contar, mas acham que agora é uma boa hora.

Tipo de recompensa, eles dizem.

Eles gostam de grandes recompensas. Minha mãe e meu pai entraram em meu quarto ao mesmo tempo. Eles nunca fazem isso. Quase não há espaço suficiente.

– Você gostaria de ir à convenção do site Storyboard esse ano? – minha mãe está perguntando.

Há convenções do site todos os anos, em todos os estados dos Estados Unidos e centenas de pessoas vão. Algumas pessoas vão vestidas como seus personagens favoritos, com orelhas falsas, chapéus com chifres, espadas e sabres de luz, e a maioria das histórias é de livros ou livros que foram transformados em filmes. E então você nota que algumas vezes eles começam a usar os *nomes* dos atores em suas histórias, ao invés dos nomes dos personagens.

Isso é simplesmente confuso.

A convenção de Storyboard é para todas as pessoas que postam histórias nos diferentes sites Storyboard. São de idades diferentes. Muitas pessoas vão. É algo sobre o qual venho falando desde que encontrei o site.

– Sim, estamos falando sério – diz minha mãe.

Ela deve estar reagindo à minha expressão facial, porque eu não disse nada.

– Sabemos o quanto isso significa para você e há quanto tempo você deseja ir – meu pai diz. – Nós quatro gostaríamos de ir, mas isso seria um pouco caro, então será somente você e um de nós. Mamãe ou eu.

Mamãe ou papai?

Mamãe me dá uma brochura que fala sobre a Sexta Convenção Anual do Site Storyboard em Dallas, no Texas.

– Não há apenas aquela coisa de *fan fiction* – minha mãe diz.

– Há *workshops* para escritores – meu pai diz. – Sobre vários tópicos diferentes.

– E sessões de leitura – minha mãe diz. – De autores que foram publicados. Autores de verdade.

– Como você será um dia – meu pai diz.

Ponho minha cabeça sobre o seu ombro, e deixo meus olhos fecharem. Coloco minha mão sobre a perna de minha mãe e ela põe sua mão sobre a minha.

Eu vou para Dallas, Texas.

***

Na verdade, Linguagem Artística *é* a minha melhor matéria, mas não porque eu tiro notas altas. Gosto da matéria porque não há respostas certas, mesmo que o professor diga que há. Mesmo quando eles marcam algo como errado em seu teste ou ficha de leitura, é realmente apenas a opinião deles e, na minha opinião, eles poderiam estar errados. É como quando você lê as instruções na parte de trás da caixa de mistura para *brownie*[17.].

Dois ovos ou três?

Você quer o brownie mais macio ou mais crocante?

Não há resposta errada.

Livros são como brownies.

Também gosto da aula de Linguagem Artística porque todos me pedem ajuda.

– Jason, você pode preencher essa ultima página no meu livro de vocabulário?

Crianças que nunca falam comigo de outra maneira.

– Mas faça uma letra mais bagunçada, para parecer que é a minha.

– Jason, como se soletra “definitivamente”?

– Veterinário?

– Jocoso?

– Ei, o que acontece no final desse livro, Jason? Era tão chato que não consegui terminá-lo.

– Essa palavra tem “e” no final?

Peço ao meu professor de Linguagem Artística para me dar a lição de casa para a próxima sexta-feira, porque vou faltar à escola, porque eu e meu pai vamos para o Texas. Ele me pergunta para onde estou indo.

– Texas.

O Sr. Shupack ri, uma risada agradável.

– Eu sei, Jason. Mas onde? Por que você vai para lá? Você tem família lá? Você tem família no Texas?

O Sr. Shupack é muito legal. Ele é bem alto e tem pelos faciais que se conectam, de suas costeletas, à volta toda do queixo até embaixo do seu nariz. Não há como confundi-lo com outra pessoa. Sempre me sinto confortável perto dele, mesmo quando ele acha que está certo o tempo todo, mas detesto olhar para a marca de nascença em seu braço. Tento nunca olhar para ela.

Olho para ele com o canto dos olhos.

– Não – eu digo. – Vou à convenção de escrita do site Storyboard em Dallas, no Texas.

Acho que ele irá gostar disso, pois é um professor de inglês e supõe-se que eles gostem de escrever. E então percebo que só irei viajar daqui a uma semana e meia, e talvez o Sr. Shupack não saiba qual será a lição de casa com tanta antecedência. Lembro-me que ainda não disse a meus pais qual deles eu quero que vá comigo. E meu pai diz que precisa saber, para que ele possa fazer as reservas. Ele me disse essa manhã, quando eu estava escovando os dentes.

Então eu digo:

– Vizcaíno.

É a palavra que me veio à cabeça essa manhã, mas eu não tinha pensado nela até agora. Eu estava pensando em muitas coisas quando ela me veio à cabeça. E agora ela vem de novo.

Sempre acontece dessa maneira.

– O lançador? – o Sr. Shupack diz.

– O quê?

Mas agora eu sei que não deveria tê-la dito em voz alta. Foram os sons das consoantes, o som deslizante e escorregadio da palavra. Lembrando dessa manhã e da decisão que tenho que tomar.

– Luis Vizcaíno? O cara que costumava ser o lançador do New York Yankees[18.]? – diz o Sr. Shupack.

Eu não fazia ideia. Algumas vezes isso acontece.

Eu devo ter ouvido em algum lugar.

Talvez na TV.

– Não – eu digo. – Meu pai.

Agora tenho certeza.

Capítulo dezenove

A coisa mais importante a fazer quando você está escrevendo uma história é encontrar um dilema para o seu personagem resolver. Você pode ter os melhores e mais interessantes personagens e pode ter algo realmente importante a dizer, mas você precisa de uma história. Precisa de conflito.

E não é preciso olhar muito longe. Tudo já foi escrito anteriormente.

Em cada livro da biblioteca.

Cada fábula e mito, cada peça e lenda, cada conto e história de fadas.

Você pode criar esse novo mundo inteiramente novo e todos esses fantásticos personagens, mas para se criar uma história basicamente algo ruim precisa acontecer.

***

Não é que eu não saiba que minha mãe está chateada, ou que eu não saiba por quê. Eu só não sei o que posso fazer a respeito.

– Sua mãe fica magoada muito facilmente – meu pai me diz. – Mas ela entende.

Eu não entendo.

Porque eu não falo muito, minha mãe pensa que não estou sentindo. Para a minha mãe, *falar* sobre sentimentos e *sentir* sentimentos são a mesma coisa. Mas para mim não são.

Então, ela está sentada, bem quieta, vendo televisão, e parece estar bem, mas sei que não está.

Meu pai está ao telefone fazendo reservas de avião. Sei que minha mãe queria que eu a escolhesse, mesmo que ela não quisesse realmente ir. Minha mãe não gosta de viajar. Ela não gosta de sair de casa na verdade. Ela fica

nervosa quando tem de dirigir para novos lugares. Ela sempre vira à direita quando as indicações dizem esquerda, e então ela parece que vai chorar. Ela se perde quase todas as vezes quando vai a algum lugar em que nunca esteve antes. Ela tenta não fazer isso.

O que faz perfeito sentido para mim.

Por que fazer algo em que você não é muito bom? Por quê?

– As mulheres gostam de saber que são amadas – meu pai me disse. – Elas gostam de saber que precisam delas.

***

Eu quero...

Sentar perto da minha mãe.

No sofá e tocá-la. Tocar seu cabelo. Eu adorava a sensação da maciez entre meus dedos e, quando eu era pequeno, nem percebia que estava tocando seu cabelo, para dentro e para fora, entre meus dois primeiros dedos. Eu podia ver a cor com o toque das minhas mãos. Podia ouvir o ritmo quando fechava meus olhos, como água sobre pedras escorregadias.

Tocar o cabelo de minha mãe era tranquilizante, e é por isso que o fazia. Então, agora estou muito velho para ser tranquilizado, mas nunca pareço velho demais para ter o estresse.

Eu tenho muitos tipos de estresse.

Se eu tivesse pedido a minha mãe para me levar a Dallas, no Texas, será que meu pai ficaria chateado no lugar dela? Talvez, mas ele não estaria sentado silenciosamente, como minha mãe está. E quanto ao Jeremy – talvez ele esteja zangado por que ninguém nunca o leva a lugar nenhum?

Exceto que Jeremy foi ao Six Flags Great Adventure. Duas vezes.

Eu realmente quero ir à convenção. Quero ficar perto de todas aquelas pessoas que escrevem histórias e conversam sobre elas. Perto de escritores de verdade, cujos personagens se tornam vivos em suas mentes de forma tão real

que eles quase não conseguem diferenciar o que estão tentando dizer do que seus personagens estão dizendo na verdade.

Quero mandar um e-mail a Rebecca e contar as boas novas.

Talvez eu *tenha* sorte.

Estou pensando que Rebecca ficará muito animada com o fato de eu estar indo à convenção, como o Sr. Shupack ficou.

E talvez, algum dia, *eu* me torne um famoso escritor.

***

Talvez algum dia eu escreva um livro sobre minha vida.

***

Posso ver Bennu, em minha mente, considerando todas as suas opções. Posso vê-lo olhando para as outras pessoas ao redor dele, mas sei que preciso colocá-lo em algum lugar para fazer isso. Como uma festa, ou na escola.

Tenho que pensar muito sobre como seria ser tão baixo. Como seria o mundo para ele. Como ele seria para o mundo. E o que posso fazer acontecer que tornaria as coisas ainda piores do que já são para Bennu?

E então tenho que escutar.

Tenho que escutar e deixar Bennu me dizer o que ele quer falar.

***

Mal posso esperar para contar a Rebecca sobre minha viagem para a convenção. Fico sentado em meu computador por um longo tempo antes de ligá-lo. Estou pensando sobre como vou escrever a Rebecca.

De forma que ela fique mais impressionada.

***

É o botão que fica na parte superior direita e você precisa segurá-lo por

pelo menos dois segundos. Você não pode simplesmente apertá-lo, como as outras teclas no teclado.

Gosto do barulho que meu disco rígido faz quando liga. Os barulhos de rodopios e rangidos, como se houvesse pequenas embreagens dentro dele, girando, pequenas luzes piscando. O *cooler* começa a girar. A tela muda de preto para azul escuro. E, além disso, gosto de dar um descanso ao meu computador à noite. Não estar sempre em alerta, como se a qualquer momento tivesse de ligar e começar a funcionar. Gosto de dar-lhe um pequeno aviso.

Todos os ícones aparecem na tela, um a um.

E então ele me pede a senha.

Ainda estou pensando em Bennu. De alguma forma, consigo realmente vê-lo, mas não da mesma forma que você veria uma pessoa real em pé na sua frente, ou mesmo em um filme, mas como você vê uma lembrança. Como você vê um sonho. Como as palavras, e imagens, e realidade e não realidade se misturam. Da forma como você se lembra de um sonho e sabe exatamente o que aconteceu e qual era a aparência da pessoa que lhe vendeu um sorvete de casquinha gigante, mas não perdura quando você acorda.

As letras são as mesmas, mas o idioma é diferente.

***

Estou pronto para escrever a mensagem para Rebecca, mas vejo que ela já me escreveu, mesmo sendo minha vez de escrever.

Jason, você não vai acreditar nisso, ela escreve, *A Convenção do site Storyboard vai ser aqui na minha cidade esse ano. E adivinhe só... eu vou a um monte de workshops e alguns autores de verdade estarão lá. Vou me certificar de fazer anotações cuidadosas e vou dividir tudo com você quando chegar em casa. Abraços, Rebecca.*

***

Acho que algo muito ruim acabou de acontecer.

Capítulo vinte

*M*eus pais querem saber qual é o problema.

Essa é a segunda pergunta que mais detesto no mundo.

Qual é o problema?

– Querido, qual o problema? – minha mãe está me perguntando.

– O que está acontecendo, Jason? – meu pai está me perguntando.

Não posso responder essa pergunta. Seria como tentar apanhar gotas de água ao pé de uma cachoeira. É essa a sensação, uma tonelada de água caindo sobre minha cabeça. Constantemente bombardeando meu cérebro. É difícil respirar sob todo esse peso da água que cai.

Não posso deixar Rebecca me ver.

Batendo.

Ela saberá exatamente quem eu sou.

Caindo.

Quem sou eu?

Quero cortar o cabelo agora. Meu cabelo está me matando.

Não posso ir à Convenção agora. Não, não posso contar por quê. Não posso contar a ninguém.

– Jason, pare de puxar seu cabelo. Jason, pare. Pare de se agitar. Olhe para mim. Qual o problema? – minha mãe está dizendo.

Jeremy está quieto.

Ele sempre fica quieto quando eu faço barulho.

E vice-versa.

Todos estavam em outro lugar, mas agora estão todos aqui. No corredor. Preciso atirar alguma coisa, da minha mão, para o espaço. Para o espaço que está atacando meu cérebro. Preciso atirar a coisa que sinto que está

em minha mão.

Mas nada disso provavelmente teria acontecido se minha mãe não tivesse entrado em meu quarto, para início de conversa. Ela abriu a porta de meu quarto sem bater. Mesmo a minha terapeuta da fala disse que ela precisa bater.

– Você está bem?

Essa é a pergunta que eu mais detesto.

– Jason, você está bem?

Alguma vez estou bem?

– Jason, estou falando com você – ela continuou.

Rebecca gosta de mim. Ela acha que sou um bom escritor.

– Ouvi uns barulhos aqui em cima – minha mãe disse. Ela ainda estava parada na porta.

Ela é minha namorada.

Mas não por muito tempo.

– Jason, pare com isso. Você vai se machucar.

Mas nada poderia machucar mais do que isso.

***

Estou acordado, mas dormindo. Posso ver Rebecca me vendo, muito embora eu nunca tenha visto Rebecca e não saiba como ela se parece. Agora ela está usando uma camiseta com a imagem de um grande pássaro escarlate, bidimensional, com a cabeça virada para um lado, suas asas abertas como braços, rodeado por chamas. É assim que sei que é ela.

O salão de convenções está cheio de gente. E está quente, porque é o Texas. Há mesas postas quando você entra, duas mesas com grandes cartazes que dizem SE SEU SOBRENOME COMEÇA COM A-L e outra que diz SE SEU SOBRENOME COMEÇA COM M-Z. Há três pessoas sentadas em cada mesa, e as pessoas estão se empurrando para chegar à frente e se registrar. As pessoas

que fazem o registro são muito amigáveis; posso ver isso pelas suas vozes. Tenho certeza de que, se olhasse para cima, elas estariam sorrindo. Somente meu pai fala. Quando começo a me balançar um pouco, ele age como se não notasse. Se ele se importa com o fato de que a senhora do meu lado esquerdo está olhando para mim e que ela até mesmo dá dois pequenos passos para longe, ele não deixa transparecer.

Quando você se registra, você recebe um crachá, que não é do tipo autocolante, mas um verdadeiro crachá com um revestimento plástico que pode ser pendurado no pescoço com um cordão.

E meu pai recebe um também.

Eu olho para baixo, para o meu crachá pendurado em meu pescoço:

JASON BLAKE

WESTON, CONNECTICUT

MEMBRO DO SITE STORYBOARD

TRÊS ANOS

Agora não há saída.

***

A coisa que atirei em minha mãe para fazê-la parar de falar comigo atingiu o Jeremy ao invés de minha mãe.

Felizmente, era apenas o meu mouse.

Mas a cabeça dele sangrou um bocado.

***

É fácil sentir-se mal consigo mesmo.

E então até pior.

Capítulo vinte e um

*T*em a ver com a viagem de avião.

É a ansiedade, eles decidiram.

E eu os deixo...

Então meu pai traz dois filmes da locadora: *Afinado no amor* e *Força aérea um*. *Afinado no amor* é tão engraçado e, no fim, todos no avião torcem pelo Adam Sandler quando ele conquista a garota. Meus pais sabem que eu gosto dos filmes de Adam Sandler.

Então minha mãe coloca uma cadeira na sala, com outra cadeira na frente e uma de cada lado.

– Sente-se aqui, Jason – ela chama Jeremy. – Jeremy, venha ajudar.

Estou sentado aqui.

– Mais dez minutos – minha mãe está dizendo. Ela quer que eu me sente aqui por mais dez minutos porque acham que estou nervoso por ter de sentar e ficar quieto em uma poltrona de avião por 4 horas.

Foi assim que eles conseguiram me fazer andar de elevador quando eu era pequeno e não queria entrar em um. Primeiro, nós andávamos perto de um. No dia seguinte, eu apertava o botão e observava as portas se abrirem. Após algumas semanas disso, uma vez por semana, eu simplesmente ficava parado dentro do elevador, mas meu pai segurava as portas abertas. Nós fizemos isso todas as semanas por alguns meses até que eu finalmente consenti em subir de elevador até o consultório de minha terapeuta, então, após um ano, não precisávamos mais subir doze andares pelas escadas. Eu nem vou mais àquela terapeuta.

Nós paramos de assistir *Força aérea um* assim que os terroristas sequestram o avião e começam a matar pessoas. Minha mãe está gritando

com meu pai por causa da sua má escolha dos filmes.

Mas eu sei que eles vão continuar lidando com isso. Minha mãe sempre diz que é preciso enfrentar seus medos. Isso não tem nada a ver com ter medo de entrar no avião, mas é melhor do que dizer-lhes a verdade.

Tenho medo de que Rebecca me veja.

Vou precisar de algum tempo para descobrir um jeito de não ir à Dallas, Texas, para a convenção do Storyboard.

Mas meu pai já comprou as passagens.

***

Sempre escuto com atenção os anúncios matutinos na escola.

Gosto como as palavras saem dos alto-falantes. Gosto das vozes que não tem corpo, que dizem coisas de tão longe de forma tão clara. Sei que é somente a senhora na secretaria, aquela com o cabelo duro, mas sem uma boca e sem uma face e olhos que olham para mim, posso ouvi-la melhor.

Todas as manhãs, preciso ficar em pé na porta da sala de orientação[19.], porque lá dentro é barulhento. A professora responsável pela minha sala de orientação deixa um bilhete com instruções, de forma que, mesmo que haja uma substituta, eu possa ficar em pé lá fora. Tenho de ficar em pé, voltado para a parede. Mas eu ouço. Quero ouvir o cardápio do almoço de hoje, muito embora eu o tenha lido. Quero ouvir quais professores estão ausentes e quais ônibus estão atrasados. Não gosto de surpresas.

Nessa manhã estou surpreso.

– Nossos parabéns – a voz do Dr. T. sai do sistema de alto-falantes – ao nosso aluno da sexta série Jason Blake por vencer um concurso de redação criativa e uma viagem ao Estado da Estrela Solitária[20.]... e para aqueles de vocês que não sabiam disso, esse é o Texas. Divirta-se, Jason. E não se esqueça, Jason, de... representar.

Agora ele está falando sobre o encontro de higiene dental que acontecerá

hoje. Agora ele está falando sobre reuniões de pais e mestres e a viagem da oitava série para Washington, DC, no mês que vem. Mas o Dr. T. disse algo errado. Aquela parte sobre mim.

Eu não venci nada. Meus pais simplesmente me registraram e isso me faz pensar sobre tudo o mais. Meus pais precisaram obter permissão da escola, do Dr. T, para que eu falte à aula na próxima sexta-feira. Então eles devem ter explicado a ele. Acho que os NTs também não ouvem muito bem uns aos outros.

Mas agora, pior do que ele ter entendido errado, todos sabem, e eu terei de ir.

Todos na escola sabem que vou para o Texas.

Nunca serei capaz de sair dessa.

O problema dentro da minha sala, dentro da minha casa, dentro da minha cabeça está crescendo cada vez mais. O problema de que Rebecca irá me ver na convenção Storyboard no Texas está crescendo cada vez mais.

Todos os meus mundos estão colidindo.

Eu nunca quis que acontecesse assim.

***

Quando vamos à biblioteca, a Srta. Leno parece muito animada, embora alguns meses atrás ela tenha dito que eu era rude.

– Jason, que notícia maravilhosa! – ela está me dizendo. – Você não quer ir para o seu computador? Está vago. Esperando por você.

Computadores não esperam por pessoas.

Mas eu não quero ir para o computador.

Não posso verificar meu e-mail na escola. Eles não deixam você fazer isso, mas, se deixassem, eu com certeza não iria querer. Não respondi ao e-mail da Rebecca ainda, a mensagem que diz que ela vai à convenção Storyboard.

Não sei o que escrever a ela, então, acho melhor não escrever nada.

Não sei o que dizer ao meu pai ou minha mãe. As coisas foram postas em movimento e não posso pará-las.

Coisas ruins.

Quando a Rebecca me vir, ela não vai gostar mais de mim.

– Jason? – escuto a voz da Srta. Leno, mas ela está atrás de mim agora, porque eu me distanciei.

Posso caminhar até a janela, onde posso ver o estacionamento e a linha das árvores. Quase consigo me colocar atravessado no asfalto e no frescor do bosque. Posso ouvir as folhas, cada uma quase idêntica àquela que está ao lado, roçando umas nas outras, e se eu escutar...

– Você precisa fazer *alguma coisa* nesse período, Jason.

Ouça.

– Jason, você terminou seu projeto da biblioteca? Por que você não vem até aqui e trabalha no seu projeto?

Ouça, cuidadosamente, posso ouvir seu significado:

Não há onde se esconder.

Não nas letras.

Não nas palavras.

Capítulo vinte e dois

*M*eus pais sentam comigo em quatro cadeiras alinhadas na frente da TV por 25 minutos nessa noite, sem filme. Jeremy fica realmente impaciente. Ele não quer usar o cinto de segurança de faz-de-conta e meus pais estão começam a discutir.

– *Jeremy* não precisa fazer isso – meu pai está dizendo.

– Somos uma família – minha mãe retruca.

Estou observando a tela da TV.

Jeremy se manda.

***

– Você quer ler uma história para mim? – Jeremy está perguntando.

O livro que ele quer que eu leia para ele está aberto e Jeremy está sentado no ponto exato, nem muito próximo, nem muito longe, perto do meu travesseiro.

Mas não estou a fim. O que estou sentindo se enrola em volta do meu corpo. Não consigo tirá-lo. Não consi-
go escapar.

Jeremy não se move. Sei que ele não o faria.

– Leia – Jeremy diz.

Algumas vezes sinto como se houvesse insetos na minha cabeça, insetos como aqueles que vão de encontro à nossa porta de tela à noite no verão, quando a luz está acesa lá fora. Posso ouvir suas asas batendo, presas dentro da cúpula da lâmpada, vibrando em desespero.

O que vai acontecer quando Rebecca me vir?

Tenho uma prova de matemática amanhã. Não consigo fazer as contas. O

que ela vai pensar de mim? Minha camisa, essa camisa, está manchada do almoço. Por que eu fiz isso? E está muito calor aqui. Não posso aguentar isso. Minha pele dói. Toda ela.

E Jeremy cheira a chiclete. Por que ele cheira a chiclete e ketchup?

Rebecca não vai gostar de mim, no minuto em que me vir. Como todas as meninas.

Os insetos jogam seus corpos, zumbindo, contra a tela, sem seguir uma ordem, de novo e de novo, sem esperança. Não há uma maneira para eles entrarem e por que eles iriam querer entrar, de qualquer forma? O que há aqui para eles?

– É por causa da menina-pássaro? – Jeremy está me perguntando. – Aquela para quem você escreve *online*?

O apertado invólucro em volta de meu corpo relaxa-se quando ele diz isso, dando ao meu coração espaço para respirar.

Balanço a cabeça afirmativamente.

– É ela, Jason?

Estou lendo o livro, e Jeremy está ouvindo. Mas também estou dizendo a ele. Entre as páginas e figuras do livro, as palavras ficam emaranhadas, mas Jeremy entende.

– Ela vai para Dallas, no Texas, também?

– Sim.

– Então, isso é bom, não é, Jason? Ela não é sua namorada? Você não quer ver sua namorada?

Balanço a cabeça negativamente. Não.

Agora Jeremy está quieto. Está descansando a cabeça no meu travesseiro, bem ali onde a minha cabeça dorme à noite. Sinto o cheiro de ketchup e de chiclete. Jeremy não se move quando ponho um pouco de seu cabelo entre meus dedos.

Para dentro e para fora, até que todos os insetos voem para longe.

Por enquanto. Por essa noite.

***

O dia seguinte é o começo de um esquema C e, exatamente como a senhora de cabelo duro da secretaria anunciou, hoje tem minipizza no almoço – meu favorito. E salada verde, pãezinhos e gelatina de cereja. Geralmente, essa comida me deixa feliz, mas hoje carrego minha bandeja através do salão, cujo chão tem um padrão de xadrez preto e branco, e me sento sozinho.

Há um milhão de pequenos pontos dentro do tampo dessa mesa, pontos de cor que vão tão fundo no plástico que parecem suspensos no espaço. Flocos de neve coloridos que nunca se movem e nunca caem.

***

Bennu mal pode imaginar como seria sua vida se fosse uma pessoa de tamanho normal. Seus pais, surpreendentemente, não estão pressionando o filho. O pai de Bennu diz a ele que a decisão é só dele. *É sua vida, Bennu. Seu corpo. Amamos você, Bennu, não importa qual o seu tamanho, não importa quais as suas limitações.*

A mãe dele chora e chora, mas também concorda em aceitar qualquer decisão que Bennu tomar. *Queremos que você seja feliz, Bennu*, ela diz. O médico diz a eles que esperará três dias por uma resposta e apenas três dias.

Naquela noite, Bennu tem um sonho...

***

– Jay-Man, venha e sente-se com a gente.

Não preciso olhar para cima. Sei que é Aaron Miller.

– Ei, cara, ninguém quer comer sozinho – ele está dizendo.

Algumas vezes bloqueio os barulhos do refeitório como minha terapeuta me ensinou, agarro o som e o jogo para longe, como toda a comida na lata de

lixo.

O barulho dos pratos sendo jogados na bancada de metal.

Agarre e jogue para longe.

A senhora do refeitório, aquela com o lenço de cabeça vermelho e dentes amarelos, discutindo com uma das crianças sobre o seu tíquete de almoço. Ela diz que não é dele. Ele diz que é.

Agarre e jogue para longe.

O som da máquina de lavar louças, lá no fundo, envolta em vapor, que zumbia e ligava e desligava em ciclos.

Cadeiras arranhavam o chão.

Sacos de papel eram amassados.

Vozes zangadas.

Vozes felizes.

Rindo. Sussurros.

Ninguém quer comer sozinho.

– Vamos, Jason – Aaron está dizendo. – Olha, ninguém mais está sentado lá. Eles já saíram. Sou somente eu.

Pego minha bandeja e sigo os pés de Aaron. Deslizo tão silenciosamente quanto possível até chegar à mesa. E observo as luzes no teto, que não são de uma cor só, mas de todas as cores, e que se movem, piscam e dançam se você prestar atenção.

Se eu tivesse palavras para dizer em voz alta, na minha boca, palavras que contariam uma história, que estabeleceriam uma conexão, que poderiam desenhar uma figura para Aaron ouvir, eu poderia pedir ajuda a ele. Eu perguntaria a Aaron o que ele faria. Aaron é um menino de quem as pessoas gostam. Mesmo quando olham para ele. E o veem. E sabem quem ele é.

Bennu...

Que é real, mas não é real, mas Aaron não sabe disso.

Eu posso ver Bennu, mas não vê-lo.

Bennu é um anão.

Que gosta de uma menina, uma menina de altura média.

Mas, oh, veja só!

Há uma cura.

Há um médico.

Uma operação que ele poderia fazer.

Ele tem três dias.

O que ele deveria fazer?

Aaron está muito quieto.

Estou falando? Realmente falando? A maioria das pessoas já saiu do refeitório. Menos barulho. As luzes diminuem. A máquina de lavar louças lá longe na cozinha se desliga.

– Puxa, história legal – Aaron está dizendo. – Bennu, heim? Bem, então ele decide que vai fazer a operação. Coisa assustadora, cara.

Aaron está colocando o papel amassado de seu bolinho, o papel alumínio de seu sanduíche e os talos de suas uvas em seu saco de papel. Ele acabou de comer. Ele empurra a cadeira atrás de si.

– Bem, bom para o Bennu, eu acho – ele diz.

Aaron fica em pé. Ele dobra os braços para trás, atrás da cabeça, o saco de papel em sua mão.

– Mas, espera aí, não seria esquisito se o Bennu acordar da operação e ele estar alto, e tudo mais, e então não se reconhecer no espelho? – ele pergunta.

Ouço o saco de papel de Aaron atingir a beirada de plástico e o ouço cair lá dentro do lixo.

Capítulo vinte e três

A ironia é um truque na literatura.

É difícil explicar o que a ironia realmente é. É uma daquelas coisas abstratas, como aquelas questões de similaridade nos testes de Q.I.. Pode ser algo que alguém diz ou algo que alguém faz ou alguma coisa que acontece.

A ironia pode ser utilizada para ser engraçada.

Ou demonstrar algo sem ser óbvio.

Escrevi uma história ano passado para a aula de Linguagem Artística sobre um homem que tinha tanto medo de morrer, de se machucar, ou ficar doente, que ele fazia tudo o que podia para evitar que essas coisas acontecessem. Ele tinha máquinas que bombeavam ar filtrado para dentro de sua casa. Ele tinha um carro, construído especialmente para ele, que era virtualmente indestrutível. Ele somente comia alimentos cultivados em sua estufa, com solo e água limpos. Toda a superfície de sua casa era acolchoada, de forma que ele nunca tivesse um hematoma ou corte. Se ele precisava sair lá fora, ele usava uma veste especialmente desenhada que o protegia de outras pessoas, do sol e qualquer ar poluído. Ele até mesmo tinha um capacete leve de metal, caso alguma coisa caísse de um dos prédios ou do céu. E então, um dia, quando ele estava dando um passeio, uma das mangueiras de ar em sua veste apresentou mau funcionamento e o homem morreu ali mesmo na rua. Ele morreu sufocado em sua própria invenção, a qual havia sido projetada para protegê-lo.

Isso é ironia.

Minha professora realmente gostou disso, mas ela disse que eu estava atrasado uma semana e ganhei um B menos. Isso não é irônico, mas simplesmente muito injusto.

***

Eu me sentei em uma cadeira, fingindo estar voando em um avião, por um total de cento e trinta e sete minutos, durante uma semana e meia. Eu não estava preocupado em absoluto sobre voar antes disso, mas agora que meu pai me disse para não me preocupar com o anúncio sobre a saída de emergência e sobre como os assentos podem ser usados como boias, estou preocupado.

– Não há nada com que se preocupar – ele me diz.

Rebecca.

E sinto meus olhos arderem.

– Estarei com você o tempo todo, Jason – meu pai me diz. Sua voz é tão suave. Sei que ele me ama, mas não posso dizer a ele. Eu choraria.

Meninos não devem chorar.

Estou com medo.

E meninos não devem sentir medo.

Isso é algo que ele não pode consertar, como ele costumava fazer quando eu era pequeno. Quando eu era pequeno e meu pai e minha mãe podiam consertar tudo apenas estando ali. Ou dizendo algo. Ou me dizendo o que fazer. Ou fazendo biscoitos.

Meu pai não pode me consertar agora. Não importa o quanto ele me ame.

Então não digo a ele o que está errado, porque não quero que ele se sinta mal com isso.

***

Foi irônico, entretanto, que no aniversário de quatro anos, o ano em que entrei no maternal, o ano em que Jeremy nasceu, meu pai comprou para mim um caminhão de brinquedo de presente e eu o detestei.

Ele era de metal com pneus de borracha e uma luz no topo que realmente acendia. A luz era vermelha e girava dentro de sua cobertura plástica. O

metal era frio e afiado, e a luz incomodava os meus olhos. Era muito grande e muito pequeno ao mesmo tempo. Era difícil de empurrar no chão. Machucava minha mão e eu não conseguia ver a diversão naquilo tudo. Machucava meus joelhos também, ficar no chão empurrando o caminhão.

O que eu realmente queria era um novo jogo de computador no meu aniversário daquele ano.

– Você gosta, Jason? – meu pai me perguntou. – Não é legal?

Então eu soube que meu pai adorava o caminhão. E naquele mesmo momento, muito embora eu tivesse apenas quatro anos de idade, eu sabia que meu pai ficaria magoado se eu não gostasse do caminhão também, tanto quanto ele havia gostado.

Talvez mais.

Então eu disse:

– Sim.

Eu estava apenas tentando proteger meu pai para ele não ficar magoado.

***

A ironia é também quando o verdadeiro significado das ações ou palavras de um personagem fica claro para o leitor, mas *ironicamente* não para o personagem.

***

Não me lembro muito do maternal, mas me lembro do primeiro dia, vendo meu nome escrito no meu armário. Lembro-me que estava escrito em letras maiúsculas, e isso me aborreceu. Apenas a primeira letra deveria ser em caixa-alta. Eu não estava me sentindo muito bem com essa experiência. Eu não queria entrar na sala.

Não gostei daquelas letras, mas ninguém mais viu isso.

Movi-me para frente.

Eu me lembro do suco de maçã morno, que cheira tão mal.

Do homem que tocou violão que magoou meus ouvidos.

E então, um dia, me lembro da minha mãe brigando com a Srta. Baum. A voz da minha mãe era aguda. A voz da Srta. Baum era áspera.

– Ele está bem, Srta. Baum – minha mãe disse. – Eu não vejo você falando com alguns desses outros pais.

Senti seu braço passar sobre a minha cabeça. Senti a brisa. Ouvi a música vinda da outra sala. Eu me lembro da música. Eles estavam cantando *As rodas do ônibus*.

B-A-U-M.

B-O-M-B-A.

Srta. Baum, mas não Srta. Bomba.

Não parecia com uma bomba, Srta. Baum. Escreve-se diferente, mas as personalidades são similares.

– Alguns desses outros pais – minha mãe disse – cujas crianças são tão cruéis. As crianças que zombam de outras crianças. Ou que tal aquele Samuel Diamond que não deixa o meu Jason brincar no trepa-trepa? E o empurrou? Empurrar é normal para você, Srta. Baum? É mais aceitável?

– Sra. Blake, estou apenas sugerindo que algum tipo de teste possa ser uma boa ideia.

– Ridículo. A menos que seus olhos precisem ser testados, Srta. Baum. De forma que você possa ver o que acontece na sua própria sala de aula.

– Aqui, Sra. Blake, se a senhora mudar de ideia. Yale-New Haven. Não é longe.

– Ridículo – minha mãe disse. Senti sua mão me puxar e levar embora.

***

Acho que minha única escolha é nunca mais escrever para Rebecca.

Se ao menos eu não fosse à convenção.

Já se passaram dois dias. Então Rebecca me escreveu novamente e perguntou se eu havia recebido sua última mensagem.

Rebecca é uma menina. E ela é uma amiga. Então eu deveria estar respondendo suas mensagens.

Rebecca é minha namorada, como eu disse ao Aaron, e se eu quiser que as coisas continuem assim, nunca mais posso falar com ela.

Então, talvez ela pense que derrubei meu computador e que ele está no conserto, ou que fomos a algum lugar sem internet. Eu poderia estar no hospital. Há muitas razões em que posso pensar que fariam uma pessoa não usar mais o computador.

Se ao menos eu não fosse à convenção.

Ela nunca saberá, mas pelo menos ela nunca *saberá* realmente.

Outra razão é que eu poderia estar morto.

***

Agora, uma série de eventos não relacionados acontece.

***

Chove pesado na Costa Leste por cinco dias seguidos, e as finais de campeonato agendadas para Boston e para a cidade de Nova Iorque são adiadas por quase uma semana inteira.

O produtor assistente na Rede SportsNow, onde meu pai trabalha, teve uma dor de estômago, vomita três vezes em um dia, vai para o Pronto Socorro do Hospital Saint Vincent a caminho de casa vindo do trabalho e é levado às pressas ao centro cirúrgico, para uma apendicectomia.

Nosso voo para Dallas/Fort Worth é cancelado três dias antes da data prevista para nossa partida, e o único voo direto que eles podem nos arranjar é em dois dias.

Meu pai diz que não dá para fazê-lo.

Além disso, as coisas no trabalho agora estão muito acumuladas.

Meus pais estão no andar de baixo, brigando sobre isso agora.

– A família deveria vir antes do trabalho – minha mãe está dizendo.

– Não é minha escolha – meu pai está dizendo.

A palavra que me veio à mente essa manhã enquanto estava escovando os dentes foi “serendipidade”. Nunca uma das minhas palavras teve tanto significado em relação ao que está acontecendo, o que em si é muito afortunado. Essa palavra eu já conhecia. “Serendipidade” significa a “ocorrência e desenvolvimento de eventos por acaso de forma afortunada ou benéfica.”

***

Sinto-me feliz e beneficiado.

Não preciso ir à convenção.

Observo meu computador dar o *boot*. A tela azul e então minha proteção de tela. Os cliques clicam e os rangidos rangem. Até meu computador soa mais feliz.

Vou escrever para Rebecca agora. Podemos permanecer amigos.

Rebecca, desculpe-me ter demorado tanto em responder.

Estava pensando em inventar uma razão para não ter escrito imediatamente, mas decido não fazer isso.

O final de sua história é realmente bom. Gosto de como as pessoas percebem que realmente precisam umas das outras, no final. Posso ver a história transformada em filme. Que notícias legais sobre a convenção. Você não vai acreditar, mas eu quase fui também. Mas meu pai acabou de descobrir que precisa trabalhar naquele fim de semana.

Essa é a melhor coisa que poderia acontecer. É afortunado.

Que pena, porque teria sido fantástico.

Essa é uma mentira deslavada.

Nós poderíamos ter feito um workshop ou outra coisa juntos. Bem, divirta-se bastante sem mim.

Espero que não esteja soando amigável *demais*, mas talvez um pouco bonitinho. Sei que meninas gostam de meninos bonitinhos.

Espero que ela não possa ler o alívio nas minhas palavras.

Não quero magoar seus sentimentos. Fico pensando se ficaria magoado se fosse o contrário. Acho que sim, mas não tenho certeza.

Quero que ela saiba que realmente gosto dela. Quero que ela pense que eu realmente *queria* ir.

Eu realmente gosto de Rebecca. Ela é minha namorada. Porque a Rebecca é minha namorada, é por isso que estou preocupado com seus sentimentos.

Então assino meu nome no final do e-mail, mas ao invés de "Atenciosamente" ou "Sinceramente, seu", escrevo "Com carinho".

Com carinho, Jason Blake.

Então ela saberá.

***

Garoto conquista garota.

Capítulo vinte e quatro

*N*ós fomos, de qualquer forma...

A Yale-New Haven para que eu fosse testado, como a Srta. Baum havia sugerido.

Três anos depois, mas fomos.

E, a caminho de lá, minha mãe se perdeu.

***

Meu pai bate à porta, que por um segundo parece com quando eu pressiono "enviar" no meu computador, e isso faz um barulho como alguém batendo à minha porta. É uma coincidência, mas eu não chamaria exatamente de uma coincidência afortunada.

Meu pai entra em meu quarto e me diz:

– Boas notícias. Achamos outro voo, e a empresa aérea vai transferir minha passagem para mamãe. Não queríamos dizer a você até termos certeza de que poderia ser feito. Você ainda vai à convenção!

Olho para a tela do meu computador, onde a frase "SUA MENSAGEM FOI POSTADA" ainda está piscando.

Não sei o que é. Não sei por que, mas por alguma razão as notícias não ricocheteiam no meu cérebro. Minha cabeça permanece conectada ao meu corpo. O ar entra e sai. Nada acontece.

Eu apenas cliquei em enviar.

– Não queríamos desapontá-lo, Jason. Sabemos o quanto essa coisa do site Storyboard significa para você – meu pai diz.

Eu escrevi, "Com carinho, Jason."

Quando uma pessoa está realmente feliz, você pode ouvir isso em sua

voz. Você pode senti-lo, na maneira como eles ocupam espaço em um cômodo. Sei que meu pai está em pé na minha porta e está sorrindo. Tenho boa visão lateral.

– E não se preocupe, Jason – meu pai diz. – Alugarei um carro para sua mãe com GPS.

Ele está rindo.

Se meu pai fosse uma cor, ele seria cor de laranja. Feliz. Ele gosta de me fazer feliz.

Eu seria verde-escuro, como o fundo do oceano que não recebe nenhuma luz do sol, onde vivem seres esquisitos que ninguém nunca vê. Ou talvez eu fosse uma daquelas criaturas sem cor, com pele tão translúcida que você pode ver através delas. Você pode ver todos os órgãos trabalhando no interior do corpo, borbulhando e apertando, mas se você as trouxesse para a superfície, elas morreriam instantaneamente, porque elas são tão sensíveis à luz. É por isso que elas vivem lá no fundo do oceano.

Mas, por alguma razão, está muito quieto aqui embaixo, e eu estou imóvel, então simplesmente balanço a cabeça afirmativamente.

***

Houve algum tipo de confusão com as placas de sinalização da estrada a caminho de Yale-New Haven. Eu me lembro disso, embora tenha sido há quatro anos.

E havia enormes caminhões em ambos os lados de nosso carro. As informações sobre o caminho estavam impressas em um pedaço de papel que fazia um barulho alto ao ser amassado na mão dela, que apertava com força o volante.

Eu ainda era pequeno o suficiente para sentar no banco de trás preso na cadeirinha. Jeremy estava em casa com uma babá.

Eu tinha oito anos.

Quanto mais nervosa minha mãe ficava, mais eu me balançava em certo ritmo, de forma a não poder ouvir suas palavras. Mas eu as ouvia, de qualquer forma.

Por que Yale precisa ser em New Haven?

Aquela era a saída?

Jason, pare com isso. Fique sentado quieto. Estamos bem.

Ah, caramba, de onde veio aquele caminhão?

Por que seu pai não está comigo quando preciso dele?

Foi quase tão confuso achar o prédio e então o elevador, e então o consultório com nome correto, *DR. MARAKESH*.

Eu o soletrei em minha cabeça várias vezes enquanto sentávamos no sofá macio com o tecido áspero que machucava minha pele.

– O que há de errado com ele?

– Não entendi – ouvi a voz de minha mãe.

– A boca dele está se movendo, mas ele não está dizendo nada.

– Onde está sua mãe, menininha? – minha mãe perguntou à vozinha. – Você não acha que deveria se sentar com sua mãe?

– Eu sou autista – a vozinha da menina disse. – E aposto que ele é, também.

***

Então, agora eu vou à convenção Storyboard novamente.

Depois de tudo aquilo.

É muito irônico.

Mas nem um pouco engraçado.

***

“Aplacar”.

Essa é a palavra que me veio à mente essa manhã, quando estávamos nos

aprontando para ir ao aeroporto. Estava escovando meus dentes com força, ainda que o dentista tenha me dito que eu escovo os dentes com força demais. Algumas vezes eu esqueço.

Estamos nos aprontando para ir ao Aeroporto JFK e então voar para DFW, Dallas/Fort Worth. No Texas, onde será a convenção. Onde Rebecca mora.

"Aplacar".

Sei o que essa palavra significa.

Não tem nada a ver com o que está acontecendo.

Dentro do Aeroporto JFK, o som é ruim.

Como no ginásio de esportes da escola, só que pior. O teto é tão distante, tão alto e o som viaja até lá em cima e fica grudado como uma grossa nuvem invisível. Exceto que aqui no aeroporto há fileiras e mais fileiras, colunas e mais colunas, corredores e mais corredores, e há um bocado de barulho que fica grudado lá em cima. Há conversas por toda a parte. Há alto-falantes constantemente falando.

Puxo minha mãe para fora do caminho de um imenso carrinho de golfe que avança rápido, que está guinchando um aviso em um tom agudo, mas com todo o barulho que há nesse lugar, não houve aviso nenhum.

– Acho que você acabou de salvar minha vida – minha mãe está dizendo.

O carrinho de golfe gigante com a luz piscante no topo, carregando uma menininha com muletas e duas pessoas idosas, passa por nós.

Posso sentir a pele da minha mãe, seus dedos. Seu braço está dobrado e duro. Ela está nervosa também, e ainda não estamos dirigindo. Não precisamos dirigir para chegar até aqui. Meu pai conseguiu que alguém do escritório nos trouxesse. Mas ela já está nervosa.

Talvez devêssemos ter praticado caminhar pelo aeroporto. Aparentemente é muito mais estressante do que ficar sentado em um avião comigo.

Todos os sons se juntam no teto, onde há grandes canos brancos. As vozes

de todas essas pessoas, passos grandes e leves, rodinhas rodando, cliques metálicos constantes, bipes e campainhas. Deve ser assim dentro do meu computador.

– Ele não tem RG. Ele tem somente doze anos – minha mãe está dizendo ao funcionário do balcão de passagens atrás da bancada alta. – Sim, bem, ele é grande para a idade.

Logo meu crachá irá mostrar:

JASON BLAKE

WESTON, CONNECTICUT

MEMBRO DO *SITE* STORYBOARD

TRÊS ANOS

Rebecca, em meu devaneio, saberá quem sou eu, porque minha identificação estará pendurada bem ali em volta do meu pescoço.

Mas eu vejo Rebecca primeiro.

Ela também está usando um crachá, claro. Sei que é ela, antes que ela me veja. Ela está debruçada na mesa de registro, pegando as suas informações: a programação dos *workshops*, o horário das conferências, as salas designadas e cupons para as lojas de ponta de estoque locais. Quando ela se levanta, eu vejo seu rosto.

Vejo seu rosto.

Há uma grande mancha arroxeada na sua face esquerda que vai até seu pescoço; isso é tudo o que vejo. Parece que ela é de duas cores diferentes. É uma marca de nascimento como o Sr. Shupack tem no braço, mas essa cobre todo seu rosto.

É tudo o que posso ver quando olho para ela.

E então me pergunto se Rebecca estava com tanto medo de que eu a visse como eu estou em vê-la.

Capítulo vinte e cinco

O GPS no carro alugado não está funcionando.

Ou minha mãe não sabe como fazê-lo funcionar.

Se ela tentar dar marcha ré no estacionamento para pedir ajuda, vai passar sobre aquelas espículas de metal e furar todos os pneus e nós ficaríamos presos aqui por horas.

Eu meio que espero que isso aconteça.

Não estou ansioso para chegar ao hotel.

Porque então estarei muito mais perto da convenção.

Um tanto mais perto de Rebecca me ver.

***

Minha mãe nunca mais foi a mesma, realmente, desde que saímos de Yale, New Haven, naquela tarde.

E eu, aparentemente, nunca tinha sido.

O médico me fez perguntas e deu quebra-cabeças para resolver. Eles me fizeram olhar para padrões e então desenhá-los. Eles me deram blocos. E figuras. Tentaram fazer com que eu pensasse que estávamos jogando jogos divertidos, jogos de tabuleiro, jogos de palavras e jogos de empilhar.

Mas nada era divertido.

Eles me fizeram olhar para números e me disseram para repeti-los.

– Um. Sete. Oito. Cinco.

Deram-me adivinhações e pediram que eu as explicasse. Mostraram-me fotografias de rostos e perguntaram-me o que a pessoa estava sentindo.

– Essa pessoa está feliz ou triste?

Mostraram-me figuras de roupas e perguntaram-me quem usaria aquilo.

– Quem usaria esse vestido?

Eu chorei e tentei fugir. Eles me deram doces e eu joguei mais jogos. Desenhei mais figuras. Recitei mais números.

Então eles conversaram com a minha mãe, e eu fui jogar *video games* ou ver TV em uma sala de espera especial, não aquela onde havíamos ficado esperando quando chegamos. Havia muitas outras crianças nessa sala e talvez algum adulto observando. Mas o adulto não parecia estar ligado a nenhuma das crianças em particular. Havia cinco ou seis máquinas de vídeo, algumas de jogos como *arcade* e outra ligada a um pequeno aparelho de televisão que não era nem mesmo colorido. Havia livros nas mesas e alguns no chão. Havia fones de ouvido para todos os *video games*, mas ainda assim podia-se ouvir a música e os sons de bipe e campainhas, se uma das crianças não estivesse usando o fone de ouvido direito.

E havia muito mais crianças do que *video games.*

Fiquei esperando um garoto descer da banqueta, para que eu pudesse jogar depois dele. Todas as vezes que parecia que ele ia sair, ele olhava para mim e jogava de novo.

Minha cabeça começou a voar para longe do meu corpo. Eu queria ter a minha vez. Eu queria jogar.

Um dos adultos veio e ficou perto de mim. Pernas altas e voz de homem.

– Tudo bem, Jason. Garanto que você vai ter sua vez. Eu tenho um relógio. Está vendo?

Um pequeno relógio apareceu em frente ao meu rosto. Não é um relógio de pulso; é um relógio de parede. *Como posso confiar nessa voz?*

Nunca terei a minha vez.

Mas exatamente aí a voz de uma mulher veio através da porta aberta, e o garoto no *video game* saiu correndo. Eu subi na banqueta tão rápido quanto pude. Não me lembro qual era o jogo. Era antigo e não era interessante, mas me agarrei a ele, para não voar para longe.

Quando minha mãe entrou na sala através da porta aberta, olhei para o seu rosto. Nunca olho para o rosto dela. Tenho medo de olhar para o rosto dela. De todos os sapatos estranhos e as vozes desconhecidas, os jogos e os barulhos. O doce havia me deixado enjoado do estômago.

Olhei para o rosto dela.

Ela havia chorado.

Seu rosto estava tão feio, vermelho e inchado.

Ela está tão feia assim porque está tão brava comigo, eu pensei.

Só porque eu não terminei meu *video game* e desci da banqueta e também porque molhei minhas calças, o líquido desce pelas minhas pernas, até os sapatos –

Minha mãe está chorando.

***

– Tudo vai ficar bem, Jason – minha mãe está dizendo. Posso ouvir o choro esperando dentro da sua voz. Ela parou o carro alugado no acostamento para reprogramar o GPS.

Ela está fazendo barulhos de clique e rotação.

Então ela está fazendo barulhos com a boca. Agora suas mãos estão em volta da sua cabeça, no seu cabelo, como ela me diz para não fazer. Ela não está usando as letras certas. O computador não pode lhe ajudar se você não fizer a pergunta certa.

Eu posso.

Eu me inclino para frente.

Posso escrever o nome exato do hotel. A flecha aponta para cada letra. Você precisa virar o mostrador. Ele vira macio em minhas mãos, clica em cada ponto correto, faz um barulhinho como moedas caindo dentro de um vidro. As letras derramam das minhas mãos, dos meus dedos. Retorne para “Inserir”. *H*. Inserir. *E*. De novo para o início. Todas as letras clicam em seus

lugares corretos. Suaves. O nome do hotel foi escrito e a voz mecânica começa a falar.

– Prossiga na rota indicada – ela diz. Soa como a voz de uma garota.

Vejo os ombros de minha mãe caírem. Sei que ela quer se inclinar e me abraçar e cair no choro.

Fico feliz por ela estar dirigindo e não poder fazer isso.

– Jason – ela diz. Posso dizer pelo som da sua voz que ela está mantendo a cabeça virada para frente. – Obrigada, obrigada, meu querido.

Ela está olhando para a estrada à frente ao invés de olhar para mim.

***

Alguns dias depois de voltarmos de Yale-New Haven, eles me disseram que eu era autista, mas não utilizaram essa palavra, em verdade.

Autista.

Eu não aprendi essa palavra até bastante tempo depois. Primeiro minha mãe e meu pai me disseram que eu era especial. Eu tinha uma forma diferente de ver o mundo e uma maneira diferente de estar nele.

– E agora sabemos como conseguir ajuda de verdade – meu pai disse. – O tipo certo. Tudo vai melhorar agora, Jason.

– Agora sabemos o que está acontecendo, Jason – minha mãe disse. – Agora sabemos o que está errado. E então podemos consertar isso.

Eles me disseram a palavra para o que estava errado, três letras e isso me deu um nome. Minha mãe e meu pai estavam dizendo algo. Estavam me contando coisas. Mas aos oito anos eu já havia aprendido que as pessoas dizem algo e querem dizer outra coisa, completamente diferente.

Especial.

Diferente.

Mas, de certa forma eu estava aliviado.

Isso explicava algumas coisas, como porque nenhuma das outras crianças

se importava de sentar na grama quando a Sra. Babcock nos levava lá fora em dias ensolarados. A grama parecia ser feita de agulhas. Detesto sentar no chão. Gosto de ficar em pé.

Explicava coisas, como porque Henry Gaberman me disse que meu rosto parecia um sinal de tráfego piscante.

Como porque eu não tinha realmente nenhum amigo que me convidasse para ir à sua casa depois da escola.

Eu não precisava de nenhuma letra ou nenhum nome novo para me dizer o que eu já sabia.

***

É tão quente em Dallas.

Quente como lã pegajosa na minha pele.

Quando saio do carro e caminho até o hotel, sinto como se estivesse nadando em uma piscina horrorosamente aquecida. Tenho que andar rápido, as pernas das minhas calças ficam ciciando ao se esfregarem uma na outra. Minha mãe é bem mais vagarosa, e quando as portas automáticas do hotel se fecham atrás de mim, ela ainda está do outro lado.

E de repente estou lá dentro sozinho.

É assim que alguém se sente estando sozinho em um lugar estranho?

Não sei o que fazer. Há pessoas na fila do balcão, pessoas andando por ali. Todas as pessoas que trabalham no hotel usam jaquetas roxo-escuras. Uma mulher tem uma mala com rodinhas. Outra está empurrando um carrinho. Um homem está em uma cadeira, como se essa fosse sua sala de estar, lendo um jornal. Em um dos corredores, uma criança pequena está chorando. Sinto o cheiro de cloro da piscina, mas não vejo uma. Sinto o cheiro químico da cola do carpete. O elevador faz um barulho exatamente antes de chegar e abrir a porta.

Há um bebedouro perto dos banheiros. Um vaso sanitário ainda está

dando descarga quando a porta do banheiro dos homens se abre e se fecha. Um telefone toca. Dois telefones tocam, e nenhum é atendido.

– Jason, Jason. Pare com isso. Pare com isso.

Não sei o que estou fazendo, mas minha mãe está brava comigo por fazê-lo.

– Vamos – ela diz.

Sigo seu tênis rosa e branco e a mala alta com rodinhas que fica bem ao lado dela.

Ela dá ao homem atrás do balcão os nossos nomes. Ela lhe dá o seu cartão de crédito. Ele lhe dá uma chave, que parece outro cartão de crédito.

– Vamos, Jason – ela diz.

E eu vou.

***

Acho que poderia viver em um quarto de hotel. Há tão poucas escolhas. E tão poucos móveis. É bastante calmo na maior parte do tempo, a menos que você aumente demais o volume da TV.

Aumente e depois abaixe.

Você pode ler a temperatura no termostato e ninguém fica bravo se você aumentar ou abaixar a temperatura, a menos que você continue fazendo isso.

E as janelas não se abrem em um quarto de hotel. Gosto disso também.

Mas nunca estive em um quarto de hotel sozinho com minha mãe. Ela parece diferente, como se, sem o meu pai, ela não fosse a mesma.

Eu entendo isso.

Há algumas coisas que meu pai sempre faz. Como dar algum dinheiro ao homem que trouxe nossas malas para cima. Minha mãe se atrapalhou. Ela não sabia o que o homem de uniforme estava esperando.

Então ela não sabia quanto dar a ele.

– Dois – eu disse a ela. Sempre observo meu pai. Eu sei o quanto dar.

E há coisas que meu pai jamais poderia fazer. Meu pai nunca poderia fazer o jantar, me ajudar com a lição de casa de matemática e jogar Uno com o Jeremy tudo ao mesmo tempo. Minha mãe faz isso.

Aplacar.

Serendipidade.

Confluência.

Vizcaíno.

Jaba Chamberlain[21].

– É estranho estar em um hotel sem papai e Jeremy, não é? – ela me diz.

Estou pensando que a maioria das coisas é estranha para mim.

Capítulo vinte e seis

*A*ntes de entrar em uma sala onde haverá muitas pessoas, como é a sala de registro da convenção, há certas coisas que devo fazer. Minha terapeuta ocupacional me ensinou o que fazer.

Eu devo tocar a parede da entrada com o dorso de ambas as mãos e apertar. Tão forte quanto puder. Por dez segundos, contando silenciosamente em minha mente.

Não em voz alta.

Eu preciso ter um destino em mente quando entro, de forma que eu não fique andando à esmo, o que pode me deixar ansioso.

Devo antecipar a sensação de me sentir sufocado.

Devo escutar minha própria respiração e saber que está sob meu controle. E devo manter meus olhos somente uns poucos metros à minha frente, como faróis dianteiros de carro.

Respire.

Não passe por cima de seus próprios faróis dianteiros.

***

Mas nem mesmo minha terapeuta pudesse ter previsto isso.

Assim que entramos, há uma demonstração de luta histórica acontecendo. Os dois atores estão vestidos como guerreiros de tempos antigos, os dias de reis e rainhas. Estão lutando com longas espadas. O barulho é realmente alto, metal contra metal. Os homens estão grunhindo. As barbas estão caindo. Eles estão suando dentro das fantasias. Posso sentir o cheiro daqui.

Uma jovem mulher entra vestida como Hermione, e há aproximadamente quinze Harry Potters na sala toda. Muitos dos personagens eu não reconheço

de qualquer livro ou programa de TV.

Mas não posso olhar com muita atenção.

Tenho que me concentrar, respirar e pensar somente no espaço à minha frente. Então diretamente à minha frente há um borrão de contas e cabelo preto. Acho que é o Capitão Jack Sparrow[22.].

***

Mas minha terapeuta tampouco antecipou a presença de Rebecca.

***

Tudo acontece exatamente como no meu último devaneio. A senhora na fila do registro até dá os mesmos passos para se afastar de mim. E quando eu me registro, recebo meu crachá, que não é do tipo autocolante, mas um verdadeiro crachá com um revestimento plástico que pode ser pendurado no pescoço com um cordão.

E meu pai recebe um também. Só que agora é minha mãe.

Olho para o crachá pendurado em meu pescoço.

JASON BLAKE

WESTON, CONNECTICUT

MEMBRO DO *SITE* STORYBOARD

TRÊS ANOS

– Com licença. Você pode me dizer se estou na fila certa?

Uma menina está atrás de mim. Eu sinto o cheiro dela, primeiro, no ar, como talco de bebê. O shampoo dela é de morango. Ela estica uma mão em direção à mesa. Na outra mão ela tem uma bengala.

– Meu nome é Rebecca – ela diz. – Estou na fila certa para pegar meu crachá?

Ela não sabe, porque não pode ver. Nada aqui é em *braille*, e Rebecca é cega.

Meu pai está errado.

Essa coisa de sorte existe.

***

O homem vestido como o capitão Jack Sparrow de *Piratas do Caribe* passa rápido por mim, gritando:

– *Ahoy*![23.].

Pressiono as costas das mãos contra a moldura da porta por dez segundos.

– Para você mesmo – minha mãe me lembra.

Conto para mim mesmo.

Minha mãe está exatamente ao meu lado quando entro na Sala Perdinalez, onde o registro da convenção Storyboard está sendo feito. Há um quadro de avisos negro em um cavalete com letras brancas, letras plásticas, que dizem:

BEM-VINDOS ESCRITORES DO STORYBOARD E FAMILIARES.

Isso é outra coisa que sempre me preocupa. Preocupo-me em não estar no lugar certo. Estamos no lugar certo.

Mas até agora não vi ninguém com um cão-guia – ou uma marca de nascimento.

Ninguém que cheire a morango e talco de bebê.

Não que eu realmente esteja esperando isso.

***

Havia apenas uma mesa para registro.

Não havia uma fila de pessoas. Não havia um crachá de pendurar no pescoço. Havia uma folha de etiquetas adesivas e você tinha de escrever seu próprio nome. Havia três canetas do tipo pincel atômico; duas estavam sem tampa, a vermelha e a preta.

– Seu nome, Jason. Você precisa escrever seu nome ali – minha mãe me dá o pincel atômico azul.

Claro que eu sei isso.

Meu nome.

Como posso escapar de ter de fazer isso?

– Jason, seu nome. Escreva seu nome.

Minha mãe fala em voz ainda mais alta quando ela acha que eu não entendo ou que não estou escutando.

O que estou procurando?

– Jason, o que você está cheirando? Seu nome. Simplesmente escreva seu nome. Você quer que eu faça isso?

Minha mãe pega o pincel atômico vermelho, mas ele está quase seco. Ele escreve em um tom claro, com listras brancas que deveriam ser vermelhas.

JASON BLAKE

Com carinho, Jason Blake.

– Pronto – diz minha mãe. Ela pressiona a etiqueta colante de modo gentil sobre a minha camisa. – E agora você pode afrouxar seu cinto... só um pouquinho, talvez?

Capítulo vinte e sete

-*V*ocê é Jason Blake? De Connecticut? Não há muitas outras crianças aqui. Não exatamente... da nossa idade, de qualquer forma.

Eu não preciso vê-la.

Não preciso olhar para o seu rosto. Não preciso responder. Eu sei que é ela.

E ela cheira a morangos.

– Quem é você? – minha mãe está perguntando.

– Oh, eu sou Rebecca Stone. Jason havia dito que não estaria aqui... Mas olhe só. Você está aqui.

A voz dela é tão real. Estou acordado. Não estou sonhando. Posso ouvi-la.

– Ele *disse* a você? – minha mãe está dizendo. Posso ouvi-la apertar as mãos de alguém. – Vocês dois se conhecem?

Ao meu lado, o corpo de minha mãe se move levemente, enquanto sua mão balança-se para cima e para baixo. Elas estão apertando as mãos.

– Do computador – ela diz. Como se estivesse cantando.

Eu digo a meu corpo o que fazer. Viro minha cabeça à frente e deixo meu braço fazer o que se espera que faça. Estendo a mão para apertar.

Essa é Rebecca e ela cheira a morangos.

– Você é... *Jason*? – ela está perguntando. Sua mão é seca e sinto sua pele, seus ossos. Sua mão. Sinto sua pele e o cheiro do seu shampoo. Concentro-me na parede perto das mesas.

Estou balançando a cabeça, afirmativamente. *Sim, sou Jason.*

– Eu sou a mãe de Jason – minha mãe diz. – Elizabeth Blake.

– Eu sou Rebecca.

Ela já disse isso, mas não consigo olhar para o seu rosto. Eu devo olhar.

Devo tentar.

Eu quero.

Eu quero.

Quero ser um floco de neve que se mistura com todo o resto da neve. De forma que ninguém saiba com que ele se parece.

Quero tanto.

Agora minha mãe está falando, mas não consigo ouvir o que ela está dizendo, alguma coisa sobre de onde viemos. O avião. O computador. Oh, o computador. Claro. Storyboard. Claro. Sim, Jason tem um irmãozinho.

Aí minha mãe diz:

– Então, você também é escritora? Jason é um excelente escritor.

– Eu sei – Rebecca diz. – Adoro as histórias do Jason.

Mas a voz dela já mudou. Ela soa mais como um adulto. É gentil, mas não é gentil. Não é para mim. É para ela. É para minha mãe. Rebecca mudou as letras quando eu não estava observando. Ela mudou o idioma quando eu estava tentando olhar de volta para a parede.

Eu posso olhar *em volta* de Rebecca. Posso ver seu cabelo castanho e o biombo alto onde há pôsteres e folhas para registro e mais pessoas. Há um homem e uma mulher discutindo na porta. Vejo o arredondado da bochecha de Rebecca e seus cílios, mas não consigo mais nem sentir o cheiro de seu shampoo.

Quero tanto respirar.

Eu quero.

Mas eu sou o mesmo.

Olhe no espelho...

Ainda sou o mesmo.

***

Garoto perde garota.

Capítulo vinte e oito

*C*omecei a ouvir a palavra “autista” muitas vezes após o meu diagnóstico na terceira série. Mas eu não sabia se era uma daquelas coisas, como quando você aprende uma palavra nova e de repente você a vê em todo lugar. E você não sabe se é porque você não conhecia a palavra antes, então nunca a tinha notado, ou porque de repente ela está em todo lugar.

Alguns números você deixa para trás. Eles grudam em você por um tempo, e então você continua. Como sua idade e sua série. Mas alguns ficam com você, como seu aniversário. Talvez seu jogador favorito de beisebol, se ele não for vendido para outro time.

Letras são assim também.

As letras do seu nome nunca mudam, a menos que você cresça e fique famoso e queira um tipo diferente de nome.

Mas seu nome verdadeiro nunca muda.

E as pessoas sempre vão procurar você e descobrir seu verdadeiro nome.

Eu sabia que tinha essas novas letras – ADOS[24.], DA[25.], AAF[26.], TGD-SOE – que sempre estariam ligadas ao meu nome, que eu nunca deixaria para trás. E mesmo que minha mãe não soubesse disso, eu tinha apenas uma escolha. Eu poderia manter meu nome com todas as letras e sons e todos os seus significados e falta de significados. Ou poderia desaparecer.

E foi aí que comecei a escrever histórias.

***

Minha mãe está falando em voz alta ao celular. Ela diz que o hotel vai nos cobrar dinheiro para usar o telefone deles. Mas a recepção não é muito boa, então ela tem de ficar no pequeno corredor perto do *closet*. De outra forma,

acho que ela estaria no banheiro com a porta fechada, de forma que eu não pudesse ouvi-la.

Por que ela não está dizendo a verdade.

– Não, não, está tudo bem. Como está o Jeremy? Ele comeu o bolo de carne que deixei para vocês dois? Não, não, achamos o lugar sem problemas e fizemos o *check-in*. Fizemos o registro há cerca de uma hora. Sim, há montes de *workshops* nos quais Jason está interessado. É fantástico. Simplesmente fantástico.

Minha mãe é muito parecida comigo. Ela não quer que as pessoas que ela ama se preocupem. Ela não quer que elas fiquem tristes.

O ar-condicionado nesse quarto vibra, como se um pedaço de metal estivesse solto dentro dele. Eu gosto disso. Estou em pé exatamente ao lado dele, ouvindo. O tom sobe e desce como uma voz, só que essa voz é calma e está me dizendo para relaxar. Estou confortavelmente deslizando para dentro dessa voz e falando com ela de volta.

Tenho muitos sentimentos, mas nada para dizer.

Todas as letras e todas as palavras que elas formam fogem de mim.

***

Nunca terminei minha história sobre Bennu. Eu ia escrever o final e então postá-la para que Rebecca a lesse antes de ir à convenção Storyboard.

Depois que descobri que eu não ia.

Antes de descobrir que eu ia, novamente.

Mas agora, nunca vou querer escrever.

Nunca vou querer colocar as palavras juntas, e sons e letras. Que significam algo e que não significam. Sons como poesia e como armas.

Que magoam, ferem e mentem, e aquelas que voam. E pairam. Nas quais encontro liberdade. Não haverá mais.

Quero ir para casa.

Não quero estar aqui.

Esses são os devaneios que são reais. Como os sonhos ruins que são mais reais.

Como não ter sonho nenhum. Nunca mais vou escrever.

Mas minha mãe pede serviço de quarto e nós jantamos em nossas camas idênticas e assistimos a um episódio de *Lei e Ordem*. Então escovamos os dentes e vamos dormir.

***

Bennu é meu último personagem ficcional. Não haverá mais nenhum. Essa será minha última história. Bennu terá a última palavra.

Ninguém mais vai escutá-lo.

Nem mesmo eu irei.

Capítulo vinte e nove

*D*e manhã, pedimos o bufê de café da manhã.

Em outras viagens com a minha família, não fazemos isso.

Porque, minha mãe diz, é muito caro e nunca poderíamos comer tanta comida que justificasse aquele tipo de gasto. Mas acho que minha mãe está tentando fazer com que eu me sinta melhor essa manhã.

E isso é gentil.

O que também é gentil é que ela ainda não tentou falar comigo. Ou me fazer falar com ela. Ela não perguntou sobre a Rebecca. Quem é ela. Como eu a conheci.

Há sete tipos diferentes de cereal frio naquelas caixinhas em miniatura. Alguém as enfileirou como blocos de brincar. Debaixo daquelas tampas de metal, há ovos mexidos, dois tipos de bacon, rabanadas e batatas cozidas e fritas. As tampas estão quentes quando você as ergue. O vapor atinge você no rosto.

A pessoa atrás de mim com o prato na mão está esperando. Ela espera até que eu tenha acabado de olhar para tudo. Ela não deu um passo para chegar perto, embora haja espaço.

Há três fileiras de copos de suco: vermelho, laranja e amarelo. Não sei o que é o amarelo.

– Oxicoco, laranja e eu não sei – minha mãe está dizendo.

Sentamos à mesa, com guardanapos de tecido e xícaras de café e talheres.

– Sim, por favor – minha mãe diz quando o bule de café vem para nossa mesa. Observo minha mãe virar a xícara para o lado direito. O café soa como uma cachoeira.

– Você acha que está pronto para a primeira sessão, Jason? Começa em

cerca de uma hora – ela está me perguntando. A xícara dela bate no pires.

Primeira sessão.

Eu me inscrevi para “Transformando Fato em Ficção” antes mesmo de chegarmos aqui, quando fizemos a inscrição *online*, mas agora não tenho mais vontade de ir. Ainda não disse à minha mãe que nunca mais vou escrever histórias.

Eu não vou.

Não há razão para ir ao *workshop* de escrita.

Não há mais nada.

Por que contar uma história se não há ninguém para lê-la? Por que fazer um som se ninguém vai ouvi-lo?

Agora estou pensando em tinta preta no teto do meu quarto, cobrindo todas as letras, todas as letras se torcendo em palavras que ninguém entende, de qualquer maneira.

Essa foi a primeira manhã em que nenhuma palavra me veio à mente enquanto eu escovava os dentes.

Nada.

Sou um espaço em branco.

Minha mãe está olhando para longe. Há algo acerca da maneira como a pele na sua face está flácida agora. Suas mãos estão sobre a mesa; mesmo seus dedos estão flácidos. Se ela fosse uma cor, ela não seria brilhante agora. Não teria muita cor.

Acho que ela está triste.

– O que foi, mamãe? – pergunto a ela.

Quando ela olha para cima, ainda estou olhando para ela.

– Eu simplesmente amo tanto você, Jason – ela me diz. – Quando você fica magoado, eu fico magoada.

A-M-O-R.

Posso sentir seu amor em volta de mim. Como cores e letras se formando,

algumas que consigo ver e algumas que ainda estão se movendo. Algumas eu conheço, algumas não. Ficam paradas tempo suficiente para formar um nome. Quero dar um nome ao que estou sentindo. O amor é amarelo. Quente e seguro.

– Grapefruit[27.] – eu digo.

Quero dizer algo. Amo tanto a minha mãe.

– Sim, acho que é. Suco de grapefruit – ela diz.

Faço uma careta. Belisco meu rosto.

– Sim. Muito azedo para mim, também.

***

Então, quando estamos quase saindo do restaurante, vejo Rebecca Stone entrar. Não reconheço seu rosto, exatamente, mas sei quem ela é.

Talvez seja o jeito como a minha mãe se retesa.

Mas provavelmente concluo mais ainda quando Rebecca repentinamente para de caminhar, inclina-se para o chão acarpetado como se fosse amarrar seu sapato, que não precisa ser amarrado, e então ela se ergue, vira e caminha na direção exatamente oposta. E então, quando a mulher que estava caminhando com ela nota que Rebecca não está mais com ela, a mulher chama:

– Rebecca, onde você vai? O café da manhã é por aqui.

Fico pensando se Rebecca me viu ou se talvez ela tenha esquecido algo lá fora ou no carro. E quem é a mulher com ela? Penso que pode ser sua mãe.

No mesmo instante em que estou pensando tudo isso, escuto um pequeno som engraçado. Ele lembra-me de Lester, quando ele estava vivo. Mas quando ele estava doente e você ia fazer carinho nele. Ele fazia esse pequeno som engraçado que só acontece quando se está com dor, acho. Agora ele vem da boca da minha mãe.

Não é tipo de som que se possa confundir com qualquer outra coisa.

***

Bennu dirige o dia todo para chegar ao hospital no dia da grande operação. As orientações sobre como chegar lá são complicadas e o motorista se perde algumas vezes nas altas montanhas que se erguem acima da vila onde Bennu viveu toda sua vida com sua família. Mas porque Bennu é tão pequeno, ele notou os diferentes tipos de solo e terra, e é capaz de orientar o motorista até a ravina certa, e até o hospital.

Há uma enfermeira no posto de enfermagem que pega seu nome e todas as suas informações. Por precaução.

– Parente mais próximo? – ela pergunta a Bennu.

Ele dá às enfermeiras os nomes de sua mãe e seu pai.

– OK, então, bem, somente precisamos fazer alguns testes antes de começar – a enfermeira diz a Bennu.

– Que tipo de testes?

– Oh, não se preocupe. Fazemos isso com todo mundo.

Bennu não acredita nisso nem por um minuto.

Na primeira sala de testes, Bennu não consegue subir na mesa de exame. Na segunda sala, Bennu não alcança o papel e lápis, os quais esperam que ele use para escrever. Na terceira sala, Bennu não consegue pressionar os pedais da máquina de teste.

– OK, agora está na hora da sua operação – a enfermeira diz. – Você vai ficar muito bem.

Bennu não tem muita certeza sobre isso também.

Mas ele gastou o seu dinheiro e pensa que seria melhor terminar de vez com isso.

– Respire fundo – o médico diz –, e conte até dez.

Pelo menos Bennu pensa que era o médico; ele não o reconheceu com a máscara sobre sua boca e nariz. Sua voz está abafada também. Então Bennu espera pelo melhor, enquanto conta. *Um. Dois. Três. Quatro*.

A próxima coisa de que Bennu se dá conta é de estar na sala de recuperação. Ele se sente bem. Ele se sente o mesmo de sempre, o mesmo que costumava se sentir. Ele decide sair da cama e caminhar até o espelho que está pendurado na porta do banheiro.

Mas quando ele move os pés para o lado...

O quê? O que é isso?

Seus pés tocam o chão enquanto ele ainda está sentado na cama. Bennu estica as mãos tanto quanto elas conseguem alcançar e quase derruba o relógio da mesinha de cabeceira.

Tão rápido quanto pode, ele corre para o espelho.

Mas é claro, tudo o que ele pode ver é seu rosto.

E seu rosto parece exatamente o mesmo.

– Oh, não – Bennu grita. – Não funcionou. Não funcionou. Eu sou o mesmo.

Sou o mesmo.

Capítulo trinta

*E*u costumava jogar beisebol.

Eu costumava ser convidado para festas de aniversário.

Joguei fora minha luva de beisebol. Enfiei-a no fundo da lata de lixo, para que mamãe e papai não a vissem.

Eu costumava escrever histórias, mas agora sei que também não farei mais isso.

***

Ano passado, meu pai era o treinador do meu time de beisebol de outono. Eu gostava de como isso soava.

Isso rima. Beisebol de outono[28].

Nós éramos os Gaviões do Mar e tínhamos camisetas cinzas com o nome Pizzaria do Mario nas costas. E um desenho de uma mão segurando um pedaço de pizza com três fatias de pepperoni nela. E um número.

Trinta e nove.

Claro que os jogos eram ruins, mas mesmo nos treinos sei que meu pai ouvia coisas também.

Jason, por que você corre assim esquisito?

Pegue a bola. Você precisa pegar a bola.

Qual é o problema dele? Qual o seu problema?

Ouvi alguém, acho que era um homem, dizer ao meu pai que era perigoso eu estar lá. Lá longe. Eu estava no campo esquerdo. Eu sempre ficava no campo esquerdo.

– Ele pode se machucar lá – o outro pai estava falando. – Ele não presta atenção. Uma bola voadora poderia atingir seu filho bem na cabeça, se ele

não tiver cuidado.

Eu pensava a respeito disso.

E ficava em pé na grama. Eu não gosto de grama, mas meu pai me pedia para ficar lá. As bolas rolavam, passando pelas crianças em camisetas cinzas que ficavam em pé na terra. Uma bola não podia voar, podia?

Eu não atingia a bola. Eu não gostava de pisar na base de terra suja. Eu não corria direito. Eu não ficava em pé direito. Eu não gostava das meias. Mas as calças eram macias e tinham uma cintura de elástico; elas eram boas.

Algumas vezes sentávamos nos bancos.

Eu sentava muito lá.

No banco. As crianças enfiavam seus copos de água de papelão na cerca e eles ficavam lá, como espinhas. Um menino chutou a terra em volta do *home plate*[29.], fazendo uma nuvem em volta de seus pés. Meu pai e seu assistente estavam tirando o equipamento do galpão.

Meu pai havia deixado a chave no carro.

– Espere aqui, Jason – ele me disse.

O banco estava na sombra. Cheirava a chiclete, couro artificial e lama.

– Quer uma perna morta? – a voz era de menino. Ele estava ao meu lado, mas seu rosto estava virado na direção oposta. Na mesma direção do menino, do seu outro lado, havia outro com longos cabelos loiros. Pensei que aquele menino era uma menina. Ele tinha cabelos longos, e meninas têm cabelos longos.

Mas na verdade, era um menino.

O menino/menina respondeu:

– Não, por que você não dá uma a ele? – ele moveu o corpo para mais longe no banco.

Uma perna morta?

– Sim, por que não?

Ouvi o barulho primeiro. No meu corpo. Meus olhos voaram para o teto.

Telhas viradas do avesso. Escuro, era escuro, mas eu podia ver os pregos projetando-se no ar. Eles estavam dobrados em direção à madeira, mas ainda assim, projetando-se, então se você pulasse bem alto, você podia tocar as pontas agudas. Então a dor na minha perna. De forma que o músculo ficou duro, como um punho me atingindo de dentro. Dor.

Eu tinha que sair dali.

Eu já sabia que, se você não sair, vai acontecer de novo.

Eu fiquei em pé.

Mas não consegui. Eu tinha apenas uma perna sobrando.

Eu tinha uma perna morta.

Então havia terra em meu rosto. E pés. Sapatos pretos. Eu estava olhando para o lado do banco, uma parede em branco.

– Ei, olhem só, eu dei uma perna morta ao Jason. Ele está morto.

Estou morto?

Ouvi outro barulho nas minhas costas. Continuei a olhar para a parede.

E outro, como um martelo sobre pregos. Havia mais vozes e mais martelos. Até eu estar chorando. E até eu ouvir meu pai.

Eu ouvi meu pai.

E ouvi o outro homem.

E eles estavam gritando, mas eu estava dentro da parede.

Onde era seguro.

***

Alto. Gritos. Choro. Medo. Tristeza. Barulho. Medo. Gritos.

Gritos de medo.

Minha perna não doía mais.

– Liz, meninos... Eles são apenas meninos pequenos.

– Meninos? Eles são monstros. Se aqueles são meninos...

– Não estou dizendo que está certo. Mas meninos fazem esse tipo de coisa

uns com os outros. Poderia ter sido com qualquer um.

– Não com qualquer um! Não com qualquer um! Meu Deus, ele tem hematomas.

Mas minhas costas também não doíam mais.

– Liz, Jason está bem. Ele vai ficar bem. Infelizmente, esse é o mundo onde vivemos.

***

Eu tinha apenas onze anos, mas já sabia que meu pai estava errado. Há muitos, muitos mundos diferentes para se viver. E algumas vezes, não há ligação de um para o outro.

É como lugares onde costumavam existir pontes, mas que foram levadas embora pela água.

Onde crianças antes jogavam beisebol, mas agora elas não jogam.

Porque elas sentem muito por ter assoprado as velas quando o bolo de aniversário era de outra pessoa. *E agora elas não são mais convidadas para festas de aniversário*.

E sentem muito por terem derrubado a roda de oleiro.

Então, tentaram escrever histórias para que alguém as escutasse.

Mas agora não as escutam.

Elas também não escrevem mais.

***

Quando voltamos do bufê, minha mãe diz que está na hora de nos aprontarmos para o *workshop* de escritores “Transformando Fato em Ficção”. Paro de mexer meus pés. Olho para a parede no corredor de nosso hotel, onde não estou em casa. Eu me transformo no chão, e o chão se transforma em mim.

Rebecca finalmente me viu e de repente não me viu. De que adianta ir ao

workshop quando nunca mais vou escrever?

Ou jogar beisebol.

Estou fazendo uma lista, aos meus pés, no chão, das coisas que nunca mais vou fazer. Ser convidado para ir ao quarto do meu primo Seth. Ou ser convidado para uma festa de aniversário de alguém que não seja obrigado a me convidar, como meu primo Seth.

Nunca gostei de beisebol.

Nem do meu primo Seth.

Posso nunca mais na minha vida usar uma roda de oleiro. Mas e daí? A argila cheira mal. E nunca mais vou escrever outra história, por que deveria ir ao *workshop* para escritores?

E então minha mãe me diz que não preciso ir, se não quiser. E eu começo a caminhar, novamente.

– Não quero ir – repito o que ela acabou de dizer.

– Não, Jason, eu entendo. Podemos simplesmente ver TV o resto da manhã, se você quiser. Eu entendo.

– Entende.

– Sim – ela diz –, talvez eu nunca tenha realmente entendido, antes.

Estamos indo em direção ao nosso quarto, para que minha mãe use o banheiro.

– Não vou obrigar você a ir ao *workshop*, Jason – minha mãe está dizendo –, se você não quiser mesmo ir.

Ela está colocando o cartão do quarto na abertura de metal na nossa porta. A luz fica vermelha. Ela gira o cartão, mas a luz ainda está vermelha. Chacoalha a porta, de qualquer maneira, mas ela não abre. Está trancada.

– Aqui – eu digo. É tão fácil.

Quando coloco o cartão da forma correta, a luz fica verde e minha mãe pode abrir a porta. Fiz minha mãe feliz porque eu sabia como abrir a porta.

Então eu digo:

– Eu vou.

Ela está indo em direção ao banheiro, mas olha para mim e sorri.

– Você tem certeza, Jason? Quero dizer...

– Claro – digo a ela. É tão fácil. Fazê-la sorrir.

E, além disso, não preciso escrever nada. Posso apenas ficar sentado lá.

Sou bom nisso.

***

É na sala Corral, no mezanino do segundo andar.

Conto até dez e pressiono minhas mãos contra os lados da porta, mas há cinco pessoas na sala e elas parecem estar sentadas tão longe quanto possível umas das outras. A sala tem mesas redondas e cadeiras. Não há duas pessoas sentadas na mesma mesa.

– Este *workshop* é "Transformando Fato em Ficção", não é? – alguém está perguntando.

– Isso é o que diz no folheto lá na escrivaninha.

– Folhetos? Há folhetos?

Minha mãe diz:

– Aqui, Jason. Sente-se e eu pego um dos folhetos.

Não gosto dessa sala. É apertada, como uma sala que tivesse sido cortada em dois. O ar-condicionado sopra do teto em uma direção, bem no meio da sala. Ninguém está sentado naquela mesa.

Eu também não quero sentar lá.

– Qual o problema, Jason?

Eu não vou mais escrever. Não quero transformar fatos em ficção tanto quanto não quero ir visitar o tio Bobby novamente em um futuro próximo. Histórias e sonhos.

Mas o real é pior.

O real sou eu.

Acho que quando chegar em casa, vou deletar Storyboard completamente do meu disco rígido. Vou jogar fora todos os meus arquivos de histórias.

– Jason, sente-se aqui. Eu já volto – minha mãe está dizendo. – É o seu pai? Seria melhor se seu pai estivesse aqui? Ele saberia o que fazer.

Ela está falando como sempre faz, meio que com ninguém, porque eu sei que ela não espera que eu responda.

– Estou pensando que horas são. A que horas deve começar?

– O instrutor é um autor – alguém na mesa ao lado está dizendo.

– Nunca ouvi falar dele – alguém responde.

– Ele não é famoso, mas ouvi dizer que é um bom professor. Talvez estejam apenas dando autógrafos.

Minha mãe volta com o folheto. Mas não olho para ele. Eu me sento em cada cadeira da mesa, uma, duas, três, quatro e minha mãe me segue, até pararmos depois da quinta mudança. Desse lado o ar não chega até mim.

Estou olhando em direção à parede.

– Tudo bem, agora, Jason? – minha mãe pergunta. – Bom.

Ninguém na sala toda está falando, e é possível ouvir o barulho das luzes acima de nossas cabeças. E o ar-condicionado sugando todas as minhas histórias, cada palavra e cada letra. Fico pensando se há um bufê para o almoço também.

– Sinto muito, muito mesmo – a voz vem de trás de mim.

Se eu me mover, eu verei, mas fico olhando em direção à parede, deixando as histórias saírem de minha cabeça, da maneira como a minha terapeuta me mandou, para controlar o barulho.

Pegue cada um deles e o deixe ir embora.

O homem na roupa protetora.

A menina no mundo onde ninguém precisa de ninguém.

Bennu.

Rebecca.

PhoenixBird.

Deixe-os ir.

A voz do instrutor vai até a parte da frente da sala.

– Bem, é um grupo pequeno. Então, que tal nos movermos para frente? Talvez possamos sentar todos em uma mesa só.

Não vou me mover.

As histórias se despedaçam como um filme passado ao contrário. Os personagens esmigalham-se, primeiro suas cabeças, depois suas mãos e braços, e pés e corpos. Os parágrafos se derretem. As sentenças se desfazem. E então cada palavra flutua sozinha, sem qualquer conexão. E finalmente as letras, cada letra que, sem qualquer outra ao lado dela, é completamente sem significado.

E estou olhando para uma parede em branco.

***

Coincidências em histórias não são uma boa ideia, a menos que a coincidência ponha a trama em movimento em primeiro lugar ou torne as coisas piores para o personagem principal. Mas em algum ponto de sua história espera-se que as coisas melhorem ou terminem de alguma forma. Espera-se que o personagem principal consiga o que ele quer, ou precisa, ou não.

E então, essa é a solução.

Mas seus leitores se sentirão enganados se você simplesmente colocar algo na história para juntar as pontas soltas, como, por exemplo, de repente, o herói acha um par de óculos mágicos ou doce mágico, ou se o irmão há muito tempo perdido que ele nunca soube que tinha aparecer e salvar o dia.

Credibilidade é a chave de uma boa história.

***

– Vamos, pessoal – o instrutor está chamando. Vejo mãos movendo-se através do canto dos meus olhos, mas algo não está certo. As mãos não estão onde deveriam estar.

E então eu olho.

Viro minha cabeça, mexo meu corpo e ergo meus olhos, e o instrutor está ali, em pé na frente da sala. Ele está falando e dizendo a todos para mover suas cadeiras.

Ele é amigável e me deixa respirar.

Então eu vejo.

Como uma pequenina ponte.

Vejo que o instrutor é uma Pessoa Pequena.

Ele é anão.

Capítulo trinta e um

*N*osso instrutor anão de “Transformando Fato em Ficção” chama-se Hamilton.

– Qual é a parte mais importante do corpo de um escritor? – ele pergunta à classe, o que acho que é meio interessante vindo de um anão. Ele escreveu o nome dele na lousa branca que fica atrás dele.

Hamilton. Não sei se é seu nome ou seu sobrenome.

Mas isso foi tudo o que ele escreveu.

Talvez ambos. Hamilton Hamilton.

Mais quatro pessoas já entraram na sala. Nenhuma delas é Rebecca, mas agora outra mulher está sentada à mesa com minha mãe e eu.

Ela é a primeira a responder. Ela ergue sua mão, mas começa a falar ao mesmo tempo, de qualquer maneira.

– Seu coração – ela diz.

– Boa resposta – Hamilton diz. – Mas não é a que estou procurando. Não a mais essencial. Há muitos escritores sem coração nenhum.

Algumas pessoas riem, mas eu não, porque é verdade.

Estou ouvindo.

Qual é a parte mais importante do corpo de um escritor?

Outra pessoa diz: – Mãos

Outra pessoa diz: – Seu cérebro.

Então dedos, olhos, ouvidos.

Penso em todas essas coisas. Sei que meu cérebro é diferente do da maioria das pessoas, dos NTs. Sei que minhas mãos às vezes voam em volta da sala, como se tivessem algo a dizer sobre si próprias. Ouço coisas de forma diferente. Vejo coisas e não vejo coisas.

Mas posso escrever. Sei que posso.

Então, pulo da minha cadeira. Fico em pé. E todas aquelas coisas estão soltas dentro de mim, como letras do alfabeto que não tem significado até que sejam colocadas juntas.

– Meu traseiro! – digo em voz alta.

E fica muito quieto na sala. Todos param de falar as respostas e estão todos olhando para mim daquela maneira como fazem na escola às vezes, exatamente antes de alguém começar a rir. Como na aula de Artes. Como na aula de Educação Física. Não o tipo de risada gentil.

Minha mãe também está olhando para mim. Parece que vai esbofetear qualquer pessoa que rir.

Mas Hamilton, o professor anão, diz:

– Exatamente!

Ele aponta diretamente para mim.

– Vocês precisam se sentar sobre seus traseiros e escrever. Escrever é tudo o que temos – ele diz.

Não olho para longe. Olho diretamente para ele.

– Tudo o que somos, tudo o que podemos ser, são as histórias que contamos – ele diz, e ele está falando como se estivesse somente comigo. – Muito tempo depois de termos desaparecido, nossas palavras serão tudo o que resta de nós, e quem é que vai dizer o que realmente aconteceu ou mesmo qual é a realidade? Nossas histórias, nossa ficção, nossas palavras serão a coisa mais próxima que pode haver da verdade. E ninguém pode tirar isso de vocês.

***

Ninguém.

***

Vemos Rebecca Stone mais uma vez antes deixar Dallas, Texas. É na festa, naquela mesma noite, para todos que estão na convenção Storyboard.

Minha mãe havia colocado na mala uma jaqueta azul, camisa branca e calças cáqui. Gosto da minha aparência, mas não estou muito confortável.

Minha mãe nem me diz para afrouxar o cinto.

Eu já tinha pensando que Rebecca provavelmente estaria lá.

– Quase pronto? – minha mãe fala no banheiro. Estou parado em pé, na frente do espelho, olhando para mim mesmo.

Tento fazer meu rosto ficar tão imóvel quanto possível.

Tento olhar para quem eu sou.

Mas um espelho não é uma verdadeira representação de uma pessoa. Não é. É um reflexo. É o seu reverso, um oposto puro. Dizem que se uma pessoa realmente visse seu próprio rosto, ela não se reconheceria. Mesmo uma fotografia não é uma verdadeira representação. É apenas bidimensional, enquanto seres humanos são tridimensionais.

Nunca realmente vemos a nós mesmos da maneira como as outras pessoas nos veem.

Farei apenas o melhor que puder.

***

Rebecca vem até nós durante a festa.

Ela não estende a mão, mas diz: – Oi, Jason.

Ela tem uma voz agradável. Digo oi a ela também.

– Você foi a algum dos *workshops*? Eu fui. Foi ótimo. Eu simplesmente... queria lhe dizer algo.

E minha mãe diz:

– Eu posso ir pegar alguma... coisa. De lá. Eu voltarei. Estarei lá.

E minha mãe se afasta.

Quero contar a Rebecca sobre Hamilton e sobre o *workshop* e os folhetos,

e sobre meu traseiro. Quero pedir a ela para ser minha namorada. Quero dizer a ela que ela cheira a morangos e talco de bebê, e não consigo dizer nada.

Acho que sei o que ela vai falar, de qualquer maneira.

Ela vai dizer não.

– Gosto de suas histórias, Jason. Quando você voltar para casa, espero que ainda me escreva de vez em quando. Espero que eu ainda possa lhe enviar minhas histórias. Você realmente me ajudou. Eu lhe contei que tirei um A naquela história na qual você me ajudou? Oh, preciso ir. Ali está minha mãe.

E Rebecca se afasta de mim.

E essa é a minha história.

Capítulo trinta e dois

*N*o avião, indo de volta para casa, minha mãe diz que estou errado.

Ela diz que o instrutor não era um anão, afinal de contas.

– Ele é somente baixo, Jason – minha mãe me diz. – Nem todos os homens são altos como o seu papai.

– Sr. Shupack.

– Ele não era um anão, Jason. Estou lhe dizendo. Era apenas baixo.

– O Dr. T é.

– Ele era apenas baixo, acredite em mim.

– Tio Bobby é – eu digo a ela.

– Oh, dane-se o Tio Bobby – minha mãe diz. – Hamilton não é um anão, eu lhe prometo. Ele é apenas um pouco baixo.

A comissária de bordo diz que não tem Dr. Pepper[30.].

Minha mãe sabe o que perguntar depois. Já estou tendo dificuldades suficientes nesse pequeno assento porque o homem ao meu lado está tão próximo. Ele cheira a suor ou queijo. Preciso desligar meu botão do cheiro para poder respirar.

– Sprite?

– Ah, sim, senhora. Temos.

O barulho da lata sendo aberta. O gelo sendo despejado.

– Oh, sem gelo, por favor – minha mãe diz. – Desculpe-me.

– Sem problemas, senhora. Aqui está, meu jovem.

Gosto dessa senhora e gosto que minha mãe cuide de mim e que eu possa cuidar dela. Acho que posso respirar bem agora.

***

Exatamente antes do avião pousar, posso senti-lo dando puxões dentro de meu corpo. Posso senti-lo me puxando para baixo. Posso sentir a pressão dentro de minha cabeça e do meu estômago. O piloto nos diz que estamos a uma altitude mais baixa agora e que estaremos no chão em vinte minutos. Minha mãe me disse que papai e Jeremy estarão esperando no aeroporto.

Estou agitado.

Gostaria de outra Sprite, mas a comissária de bordo não está mais aqui.

– Jason? – minha mãe me diz. – Quero que você saiba que essa viagem foi uma das melhores coisas que já fiz.

Eu a ouço.

É fácil ouvir com o zumbido selvagem do avião. É como um aspirador gigante que suga todos os outros ruídos. Ninguém nem mesmo escuta quando você solta gases em um avião.

– Todo esse tempo eu pensei que eu é que precisava lhe ensinar – minha mãe está me dizendo. – Eu estava errada.

Ela tira um lenço de papel da carteira.

– Pensei que você precisava aprender como se virar sem mim.

Sei que minha mãe estava chorando novamente. Aquele tipo de choro como quando ela vê TV. Não é triste de verdade. Não vai durar muito.

– Mas era eu, o tempo todo – ela diz. – Sou eu que preciso de você, Jason. Você me ensinou tanto nessa viagem. Você me ensinou a ser corajosa.

Não sei sobre o que ela está falando. Se meu pai estivesse aqui, ele não estaria fazendo isso. Ele não estaria falando tanto, ou não estaria falando, com certeza não estaria chorando e isso seria melhor. Mas está tudo bem. É assim que minha mãe é.

Ela não pode evitar.

Todos nós temos coisas que não podemos evitar fazer.

***

A história de Bennu tem um final meio feliz também.

Talvez não feliz como em felizes para sempre, mas OK. Porque eu não queria um final triste. E eu não queria um final pouco realista. E porque a vida é mais ou menos assim. Você realmente não sabe como vai terminar.

Hamilton nos disse que escrever é um processo. Nem sempre sai certo da primeira vez.

Certo.

Escrever[31].

Certo.

Como a vida, ele disse, mas ao escrever, você pode consertá-la. Pode reescrever. E reescrever e reescrever até que tenha exatamente as palavras que você quer.

Então, primeira coisa quando chegarmos em casa. Ligo meu computador e reviso minha história.

***

Bennu acorda na manhã de sua operação programada, antes do motorista aparecer para levá-lo ao hospital. Ele deixa seus pequenos pés pendurados na beira da cama e mexe os dedos. Ele se espreguiça e eleva as mãos em direção ao céu. Então Bennu pula da cama e toma um *pequeno* café da manhã, sem trocadilho. Quando ele não alcança a torradeira para pegar seu pão, seu amigo e companheiro de quarto, Joshua, pega para ele.

Ele tem um pouco de dificuldade em alcançar as torneiras do chuveiro, mas tem um banquinho de plástico que mantém lá, então ele sobe no banquinho quando precisa abrir ou fechar a torneira, ou para ajustar a temperatura.

Durante todo o tempo Bennu tem certeza sobre o que ele vai fazer a respeito dessa cirurgia. Ele já se decidiu. Após o banho de chuveiro, Bennu se seca e vai para seu quarto para vestir as roupas especialmente feitas para o

seu corpo. Ele aperta mais o cinto e dá uma última olhada em si mesmo no espelho.

Então Bennu vai até o consultório do médico e isso é o que ele diz:

Desculpe, doutor. Mudei de ideia.

Esse é quem eu sou.

Esse sou eu.

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

Cadastre-se no site:
www.novoseculo.com.br

e receba mensalmente nosso boletim eletrônico.



1 Atendimento Educacional Especializado (em inglês, *SPED*: *special education classes*). Aulas ou treinamentos específicos dados a alunos cujas necessidades de aprendizagem não são atendidas pelo currículo escolar padrão (N.T.).
2 Conjunto de desenhos ou fotos, filme contado em quadros, um roteiro desenhado. No caso do site de Jason, é um fórum onde as pessoas publicam pequenos textos ou histórias (N.T.).

3 Ficção criada por fãs; contos ou histórias criados por fãs de determinado livro, série de TV, filme etc., que não fazem parte do enredo oficial (N.T).

4 Em inglês, *net:* rede. (N.T.)

5 Parque de diversões em New Jersey (N.T.).

6 Cadeia de lojas nos EUA (N.T.).
7 Som do “er” na palavra *brother*, por exemplo. Som da língua inglesa equivalente na língua portuguesa a uma vogal átona (N.T.).
8 Interjeição que pede silêncio em inglês (N.T.).
9 Distúrbio de Déficit de Atenção (N.T).
10 Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (N.T.).

11 Programa Individualizado de Educação (N.T.).

12 Jogo para computador (N.T.).

13 *Phoenix bird*, em inglês: uma alusão ao apelido da amiga de Jason, PhoenixBird. (N.T.).

14 No inglês, há semelhança fonética e morfológica entre estas palavras: *mad*, *sad*, *dad*, respectivamente (N.T.).
15 No inglês *cat*, *hat*, *bat* (N.T.).

16 As crianças nos EUA almoçam na escola, e o almoço pode ser levado de casa ou comprado no refeitório (N.T.).

17 Bolo de chocolate úmido, denso, feito com chocolate em barra e, quase sempre, nozes (N.T.).
18 Time de beisebol americano (N.T.).

19 *Homeroom*, em inglês. Cada série tem a sua *homeroom*, onde as crianças desenvolvem vários tipos de atividades preparatórias, antes de irem para suas respectivas salas de aula (N.T.).
20 A bandeira do estado do Texas tem uma única estrela. (N.T.)

21 Jogador do time de beisebol americano New York Yankees (N.T.).

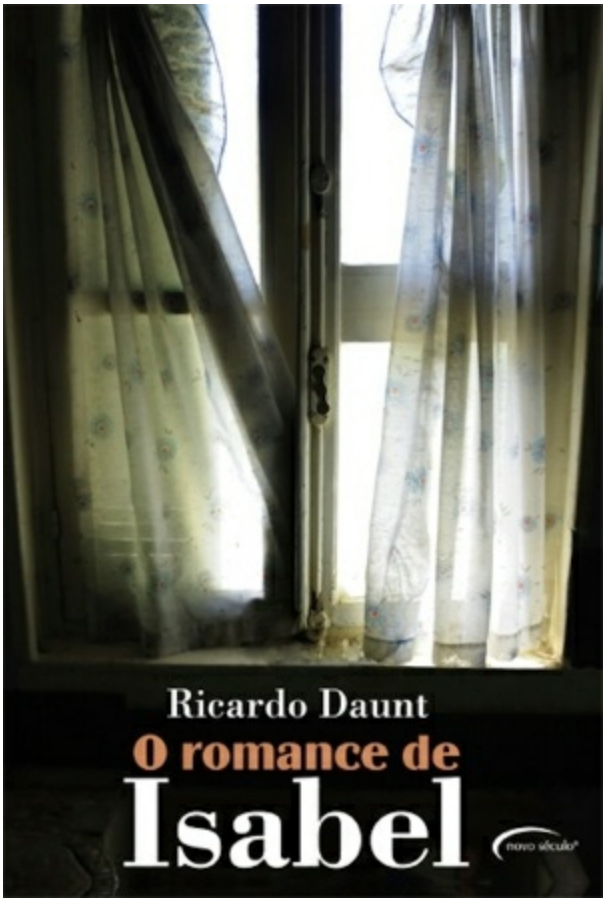
22 Capitão Jack Sparrow é um pirata fictício criado pelos escritores Ted Elliott e Terry Rossio, e interpretado pelo ator Johnny Depp na série de filmes *Piratas do Caribe* (N.T.).
23 Interjeição usada por marinheiros (N.T.).

24 Em inglês, *Autism Diagnostic Observation Schedule*: Plano de Observação do Diagonóstico de Autismo (N.T.).
25 Dificuldade de Aprendizagem (N.T.).
26 Autismo de Alto Funcionamento, isto é, com inteligência preservada (N.T.).

27 Fruta cítrica, também chamada de toranja, no Brasil (N.T.).

28 Do inglês *Fall Ball* (N.T.).
29 Base onde fica o rebatedor no jogo de beisebol (N.T.).

30 Marca de refrigerante dos EUA (N.T.).
31 Jogo de palavras, entre *right* (certo) e *write* (escrever), que têm a mesma pronúncia (N.T.).


Ricardo Daunt
O romance de
Isabel
novo século

O Romance de Isabel

Daunt, Ricardo
9788576799795
184 páginas

Compre agora e leia

Mais que um inusitado artifício, mais que um jogo de ocultamento e desvendamento, O romance de Isabel é, no final de contas, e essa é sua razão de ser, um simulacro da vida de todos nós, do vácuo de viver e da busca pela plenitude da existência – e, claro está, da procura por uma identidade. Este o significado que aflora em nós, no curso da leitura desse romance incomum.Esta obra de RICARDO DAUNT, talvez a mais contundente e arrebatadora das que escreveu, figura entre as grandes obras-primas das últimas décadas da literatura brasileira. Se duvidar, leia. Você não pode perder essa experiência única.

Compre agora e leia